REALIDADE

JANEIRO 1967 UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL Cr$ 800

PESQUISA: O QUE ELAS PENSAM E QUEREM

CONFISSÕES DE UMA MOÇA LIVRE

CIÊNCIA: O CORPO FEMININO

EU ME ORGULHO DE SER MÃE SOLTEIRA

POR QUE A MULHER É SUPERIOR

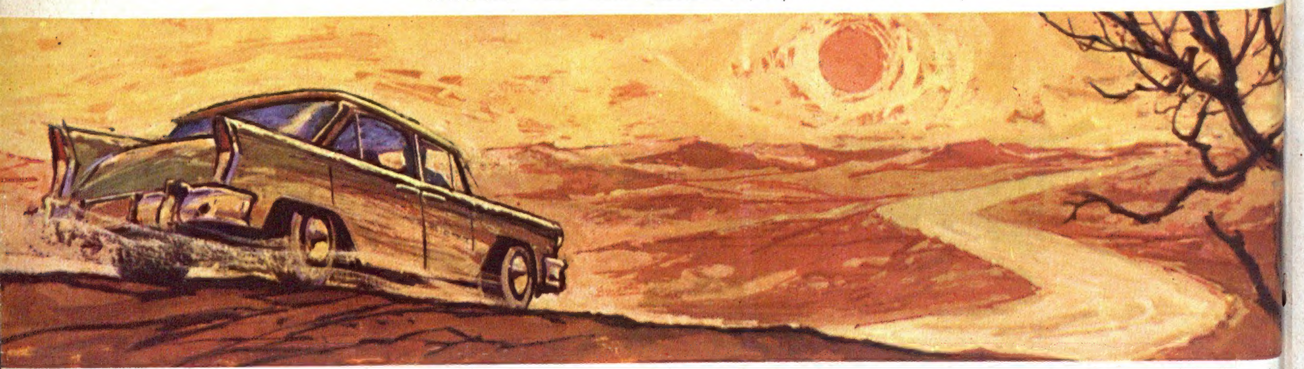
ASSISTA A UM PARTO ATÉ O FIM

Edição Especial

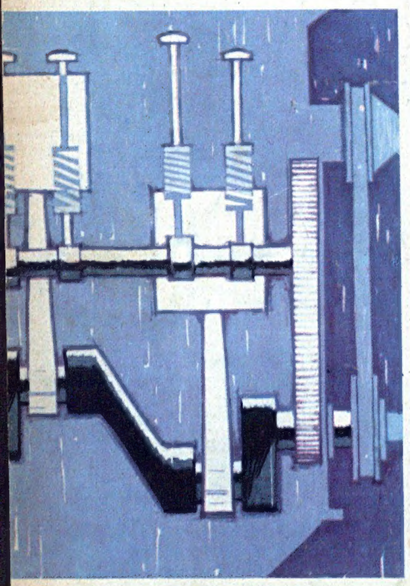
A MULHER BRASILEIRA, HOJE

Quanto tempo sem ir à oficina?

É mesmo. Depois que o meu mecânico me aconselhou a usar sómente HAVOLINE
HAVOLINE ALL TEMP, acabou-se aquela história de passar fim de semana na oficin



Havoline não perde suas propriedades lubrificantes com o calor e os regimes elevados de rotação. E o que é importante - Havolin
Motor Oil limpa enquanto lubrifica, mantendo desobstruida a passagem de óleo pelos condutos internos de lubrificação do mot



Formando uma película protetora nas partes internas, Havoline protege contra os depósitos e impurezas que podem danificar os mancais do motor. Lubrificação perfeita.

Seu carro merece o melhor:
Havoline e Havoline All Temp para motores a gasolina e Diesel satisfazem as especificaçõe
API: ML, MM, MS, DG e DM. Para sua comodidade, Havoline All Temperature Motor Oil 20W-4
atende simultâneamente SAE 20W, 30 e 40.

Prefira sempre os serviços do seu Revendedor Texaco

TEXACO BRASIL S. A.

TEXACO

o melhor amig
do seu carr

O trabalho que elas deram

Seis meses atrás, em longa conversa ao pé da lareira, numa noite de inverno, começamos a discutir a posição e a importância da mulher em nosso país. Falamos da revolução tranqüila e necessária — mas nem por isso menos dramática — que a mulher brasileira estava realizando. E decidimos dedicar uma edição especial de REALIDADE ao que ela é, ao que faz, ao que pensa e ao que quer.

Como primeiro passo, levamos quase três meses realizando uma grande pesquisa nacional. Entrevistamos 1.200 mulheres de todos os tipos, idades e mentalidades de Pernambuco ao Rio Grande do Sul. Tabulamos mais de cem mil respostas. E, nas páginas 20 a 28, orgulhamo-nos de apresentar as conclusões do maior estudo no gênero jamais realizado no Brasil.

Simultâneamente, três equipes saíram de viagem. Encarregados de preparar uma reportagem sôbre o trabalho pioneiro das "novas" freiras, Luiz Fernando Mercadante e Geraldo Mori voaram antes para o Araguaia, depois para cidadezinhas empoeiradas de quatro Estados do Norte e Nordeste. Roberto Freire e David Zingg foram morar em Salvador a fim de realizar o perfil de uma típica mãe-de-santo. E Narciso Kalili e Cláudia Andujar passaram quase 20 dias no Rio Grande do Sul à procura de uma parteira "clássica".

Enquanto isso, no Rio, Alessandro Porro, em busca da Ingrid Thulin nacional, falou com dezenas de cariocas famosas antes de decidir que a jovem atriz Ítala Nandi era a mulher certa. Nélson Di Rago — como todos os demais fotógrafos da revista — saiu à procura da grande foto que, para êle, significasse Amor Materno. E Paulo Henrique Amorim entrevistou centenas de universitárias... para, no fim, produzir uma reportagem tão grande que não coube nesta edição!

Mas não nos limitamos a escrever *a respeito* de mulheres. Também convidamos três delas para colaborar na edição. Assim, Carmen da Silva passou um mês lendo milhares de cartas dirigidas a meia dúzia de revistas femininas para poder preparar seu artigo sôbre Consultórios Sentimentais. Gilda Grillo, armada com um gravador, pràticamente viveu uma semana com a mãe solteira "diferente" que ela achou. E Daisy Carta digeriu uma pilha de livros, ensaios e estatísticas antes de concluir pela superioridade natural das mulheres.

Paralelamente, em São Paulo, Carlos Azevedo e Luigi Mamprin visitaram 17 indústrias à procura de alguém que exemplificasse o sucesso que a mulher pode ter quando sabe trabalhar. José Carlos Marão passou três semanas falando com desquitadas. Eduardo Barreto e Jaime Figuerola fizeram um curso intensivo de medicina e biologia a fim de poderem preparar a reportagem *Ela é Assim*, nas páginas 36 a 43.

E eis o resultado. Tudo nesta edição — desde as cartas até o "Brasil Pergunta" — trata de mulheres. Trabalhando, amando, rezando, pensando, falando... *sendo*. Sabemos que o panorama traçado é apenas parcial, mas esperamos que sirva para mostrar o muito que elas já fizeram e o mais que ainda irão fazer.

Roberto Civita

ROBERTO CIVITA, diretor

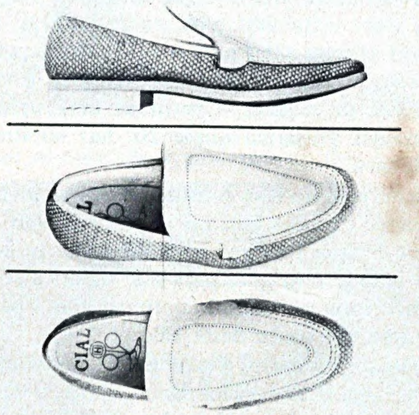
V. estava esperando um calçado de verão...

para usar no clube...

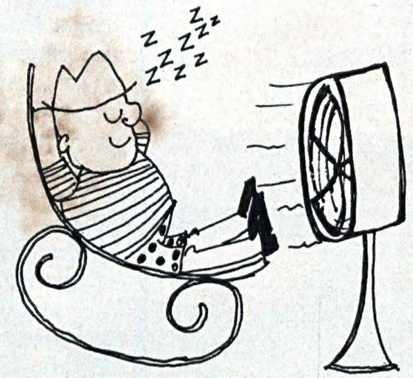
na praia...

nos passeios com a família...

por isso criamos CIAL-LINHO



o único calçado refrigerado a ar.



nós apostamos:

V. não encontrará um calçado mais leve.

CIAL-LINHO

delta

HERCULES S. A.
r. Honório Maia, 447
Fone: 9-0516 - São Paulo

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Diretor: Roberto Civita

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Redatores: Carlos Azevedo,
José Carlos Marão,
José Hamilton Ribeiro, Lúcio Nunes,
Luiz Fernando Mercadante,
Micheline Gaggio Frank,
Mylton Severiano da Silva,
Narciso Kalili, Roberto Freire
Pesquisas: Duarte Lago Pacheco
Secretário Gráfico: Woile Guimarães
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Diagramadores:
Jaime Figuerola, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Roger Bester, Jorge Butsuen, Lugi Mamprin, Geraldo Mori, Lew Parrella (chefe)
Sucursal, Rio: Paulo Henrique Amorim, Nélson Di Rago, Mílton Coelho, Alessandro Porro (diretor)
Sucursal, Nova Iorque: Odillo Licetti

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Vice-Diretor de Publicidade: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Sílvio Fernandes, José Luiz Decourt Ricci
Representantes, Rio: Nílson Alves
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives (gerente) e Vernei Pinto
Belo Horizonte: Sérgio Pôrto
Curitiba: Édison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

*

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111 / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778 / Sucursal, Belo Horizonte: Av. Amazonas, 718, sala 503, fone: 2-3326 / Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes, 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, Telefone: 4-5937 - 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso Cr$ 800. Assinatura semestral Cr$ 4.800. Assinatura anual Cr$ 9.600. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901. / Todos os direitos reservados. / Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo. As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO I — NÚMERO 10 — JANEIRO 1967

BIBLIOTECA BRASIL NACIONAL
I 00000 22349 DL
2,058,01,04
DIPER 04/78-1/2
et. 878823 B.21365

Capa		A foto de George Love — uma mulher colocada sob a lente de aumento — sintetiza o espírito desta edição especial: mostrar como é a mulher brasileira.
Pesquisa	20	**O que pensam nossas mulheres** — Para saber isso, uma equipe de 10 pesquisadores percorreu o Brasil inteiro, em 40 dias, fazendo 1.200 entrevistas.
Polêmica	30	**A indiscutível, nunca proclamada (e terrível) superioridade natural da mulher** — E a história que o homem inventou, para poder provar o contrário.
Ciência	36	**Ela é assim — Por que uma mulher é uma mulher?** O que a faz diferente dos homens? Oito páginas a côres mostrando os mistérios de um corpo de mulher.
Ensaio	46	**O amor mais amor** — A equipe de fotógrafos que trabalham para a revista foi para as ruas e trouxe o ensaio fotográfico do mês: como é o amor materno.
Religião	52	**A bênção, sá vigária** — Hoje, em tôdas as horas, brasileiros estão aprendendo que também as freiras podem cuidar da salvação de suas almas.
Gente	68	**Nasceu!** — Dona Odila vive numa cidade do Rio Grande do Sul. E há uma palavra mágica que muita gente já ouviu de sua bôca. Dona Odila é parteira.
Documento	76	**Esta mulher é livre** — Ela é uma jovem artista de 24 anos, que não tem mêdo de dizer a verdade sôbre sexo. Talvez seja a Ingrid Thulin nacional.
Psicologia	82	**Consultório sentimental** — Aqui se conta o drama, a ilusão e o desengano das que vivem esperando que lhes caia do céu uma saída para suas vidas.
Perfil	88	**Minha gente é de santo** — Olga Francisca Régis tem 41 anos e 66 filhos, dos quais apenas oito são de seu próprio sangue. Olga é mãe-de-santo.
Problema	100	**Três histórias de desquite** — Uma vive como virgem. Outra, sòzinha com a filha de 19 anos. A terceira casou de nôvo, desafiando a constituição do país.
Economia	110	**Dona Berta, o diretor** — Começou aos 26 anos, com uma maquininha. Hoje, tem uma indústria próspera, eficiente, moderna. E é o senhor patrão.
Depoimento	116	**Sou mãe solteira e me orgulho disso** — Quem afirma é uma môça carioca, de muita coragem. Ela tem apenas 20 anos, estuda Direito e sabe bem o que quer.

Tiragem desta edição: 475.000 exemplares

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE FÔSSE SUA SECRETÁRIA?

A BIBLIOTECA DA SECRETÁRIA DE EMPRÊSAS reune modernas e eficazes idéias, técnicas e caminhos que economizarão o seu tempo e aumentarão o seu valor executivo.

Seis belos volumes encadernados em plásticos, com douração. 1.840 páginas. 390 ilustrações, fechos e modelos de cartas.

1 - A SECRETÁRIA DE SUCESSO, Equipe da Parker Publishing Company.
2 - RELAÇÕES HUMANAS NA FAMÍLIA E NO TRABALHO, Pierre Weil.
5 - ORATORIA, LIDERANÇA E EFICIÊNCIA PESSOAL, A. de Pádua Reis. (maior eficiência através da comunicação oral e da escrita).
6 - MANUAL DO SECRETÁRIO DE INGLÊS COMERCIAL E BANCÁRIO, R. B. Chalmers.

OFERTA ESPECIAL DE JANEIRO:

Pelo Crediário: 8 pagamentos de Cr$ 11.000

Pelo Plano Econômico de Venda Direta (sem a presença do vendedor e com entrega parcelada dos volumes; e devolução imediata de seu dinheiro, caso sua satisfação não seja completa):

Apenas Cr$ 43.200 em 3 X Cr$ 14.400, de 30 em 30 dias, contra-entrega de parcelas de dois volumes. Economia de 50%. Faça sua reserva em tempo. Não mande dinheiro agora.

A IBRAT EMPRESARIAL
R. 24 de Maio, 77, conj. 904 - SÃO PAULO
tels.: 34-8481, 35-7558, 36-3741

Pelo plano econômico, enviam-me a BIBLIOTECA DA SECRETÁRIA DE EMPRÊSAS. conforme estou assinalando abaixo:

☐ — Em três parcelas de Cr$ 14.400.
☐ — Todos volumes de uma só vez, Cr$ 40.000.

Nome .....
Firma: .....tel.: .....
End.: .....
Cidade: .....Estado .....

(Interior e outros Estados, via reembôlso postal)

cartas

O mêdo da verdade

Sr. Diretor: Acho que REALIDADE é muito boa, mas li um artigo em um jornal de Juiz de Fora, comentando a pesquisa sobre o divórcio e dizendo que a revista estava interessada "em desagregar as fibras morais mais autênticas do nosso povo". Nós, os leitores de REALIDADE, não podemos deixar ser difamada uma obra que visa esclarecer os brasileiros sôbre problemas jamais abordados por outras publicações.

CELINA R. CARVALHO
Belo Horizonte — MG

REALIDADE atribui os ataques esporádicos que tem sofrido justamente ao fato de "esclarecer os brasileiros sôbre problemas jamais abordados por outras publicações". E continua acreditando que a única maneira do Brasil resolver os seus problemas é não temer enfrentá-los.

Deus está morrendo?

Sr. Diretor: Mexer com sexo, divórcio, padres, etc. ainda é aceitável, mas mexer com Deus, isto já é demais! Os senhores cometeram um crime, publicando o artigo "Deus está morrendo?".

LUCINHA LAURINDO SAMPAIO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Parabéns pela magnífica reportagem "Deus está morrendo?". Não é mais possível o antropomorfismo divino. Há três anos, fiz um verso dando meu conceito de Deus, dedicado ao Papa Paulo VI a quem o enviei. Recebi do Vaticano agradecimento e bênção papal.

DIANA FISCHER LINHARES
Rio de Janeiro — GB

Capa para encadernar

Sr. Diretor: Pretendo encadernar minha coleção da revista, mas antes quero saber se REALIDADE, como anunciou, colocará à venda capas para os colecionadores.

MARIA FANY SILVEIRA
Rio de Janeiro — GB

Foram lançadas em dezembro, sòmente em São Paulo, capas para encadernar os nove números de REALIDADE publicados em 1966. Se a experiência fôr bem aceita, as capas serão colocadas à venda no país inteiro.

São Paulo precisa parar

Sr. Diretor: Será que a jornalista Carmen da Silva sofre de algum complexo por não ser paulista? O artigo "São Paulo precisa parar" é uma ofensa para o laborioso povo paulista.

MARTA EUNICE PRADO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Congratulo-me com a **senhora** reportagem de Carmen da Silva, "São Paulo precisa parar".

MARIA JOSÉ DOS SANTOS
Santos — SP

Sou padre e quero casar

Sr. Diretor: Estou de acôrdo com o senhor Gustavo Corção com respeito ao padre que quer casar. O assunto pode ser resolvido fàcilmente: que abandone o sacerdócio.

LYGIA SIXTA NUNES
Jundiaí — SP

Sr. Diretor: Numa conferência em Fortaleza, o pe. Quintanilha, professor universitário de São Paulo, declarou que o artigo "Sou padre e quero casar" é matéria forjada por um jornalista norte-americano. Também, disse que a pesquisa "A juventude diante do sexo" não representa a opinião média da juventude brasileira, pois, a pesquisa foi feita sòmente entre jovens de São Paulo e Rio de Janeiro.

LUÍZA MAFALDA JUNQUEIRA DE BARROS
Fortaleza — Ce

REALIDADE aguarda, para publicação, a prova que o pe. Quintanilha possa ter sôbre a não veracidade do depoimento do pe. Stephen Nash. E ao mesmo tempo coloca à sua disposição tôdas as centenas de cartas, escritas por rapazes e môças do país inteiro, tomando posição a favor da reportagem "A juventude diante do sexo".

Sr. Diretor: Gostaria de ler o artigo do pe. Stephen Nash no idioma original. Em que revista americana poderei encontrá-lo?

MARINA BLANK
Pôrto Alegre — RS

O depoimento do pe. Nash foi publicado por uma grande e responsável revista americana — o "Saturday Evening Post" — no número de 12 de março de 1966, sob o título original "I am a Priest, I want to marry"

A arte descobre a mulher

Sr. Diretor: Fiquei horrorizada vendo o artigo "A arte descobre a mulher". Qual é a intenção da revista ao exibir mulheres nuas?

JOHANNA HALTER S. MATTOS
Uberaba — MG

Sr. Diretor: Lindas, formidáveis as reproduções de quadros no n.º 8 de REALIDADE. Oxalá voltem a publicar mais reportagem sôbre arte.

RAQUEL SAMPAIO BARBOSA
Maceió — Al

SEGUE

CONFIAMOS CONFIAMOS CONFIAMOS
CONFIAMOS CONFIAMOS CONFIAMOS
CONFIAMOS CONFIAMOS CONFIAMOS
CONFIAMOS CONFIAMOS CONFIAMOS
CONFIAMOS CONFIAMOS CONFIAMOS
CONFIAMOS CONFIAMOS CONFIAMOS
CONFIAMOS CONFIAMOS CONFIAMOS
CONFIAMOS CONFIAMOS CONFIAMOS
CONFIAMOS CONFIAMOS CONFIAMOS
CONFIAMOS CONFIAMOS CONFIAMOS

CONFIAMOS

NO BRASIL

BANCO FEDERAL ITAÚ SUL AMERICANO S.A.
BANCO FEDERAL ITAÚ DE INVESTIMENTO S.A.

O PRIMEIRO MOVIMENTO
É UM ALEGRO. O VIOLINO
INICIA, SEGUIDO DOS OBOÉS
E DO FAGOTE. A MÚSICA
CAMINHA PARA UM PONTO
CULMINANTE, EM QUE OS
INSTRUMENTOS SE UNEM
EM SONS QUASE DIVINOS.
MAS É PRECISO OUVI-LOS
EM SUA PLENITUDE NUM
ELETROFONE

PHILIPS

PARA SENTIR
TÔDA A SUBLIME
BELEZA DÊSSE
CONCÊRTO DE
BRANDENBURGO,
DE J. S. BACH.

Mod. NG-1130

Estereofônico. Amplificador
com 2 canais separados.
4 velocidades de rotação com
funcionamento automático
para 10 discos. Comando por
teclas. Fonocaptor especial com
2 agulhas de safira. Dois
alto-falantes de 18 cm, de cone
invertido, em caixas acústicas
separadas. Funcionamento em 110 ou
220 volts, de corrente alternada.
Não falha: é PHILIPS.

Promo

Conte com PHILIPS
PHILIPS
para viver melhor!

confie na Assistência Técnica permanente do fabricante PHILIPS

cartas

Sr. Diretor: Gostei da reportagem "A arte descobre a mulher", tanto pela magnífica apresentação, como pelo seu conteúdo artístico.

SILVANA J. MARQUES
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: Gosto de pintar e achei ótimo o artigo "A arte descobre a mulher", embora ouvisse algumas pessoas dizerem que as reproduções eram indecentes: isto me surpreendeu, pois em arte não existe indecência.

MARCELLE BLANCHON
São Paulo — SP

Números atrasados

Sr. Diretor: Como professôra de Língua Portuguêsa, vi em REALIDADE um conjunto de artigos verdadeiros que não nos devem escapar das mãos. Atualmente, possuidora apenas do n.º 1, presenteei os demais, desejo reavê-los.

PLÁCIDA APPARECIDA CAMPOS DE ASSIS
São José do Rio Prêto — SP

Os números 1, 2 *e* 3 *estão esgotados. Os demais podem ser obtidos, adquirindo um cheque comprado ou visado no valor de* Cr$ 843 *(porte incluído) por exemplar. O cheque deve ser remetido à Distribuidora Abril S/A — Caixa Postal* 7901 *— São Paulo, SP., acompanhado de carta explicativa.*

Sr. Diretor: Na edição n.º 8 de REALIDADE, li que a tiragem do primeiro número (abril de 1966), foi de 251.250 exemplares e a venda de 250.775. Onde estão os 475 exemplares restantes? Quis pedir o número atrasado, mas me responderam que estava esgotado.

ANTONINHA PINTO BARRETO
Aracajú — Se

E está mesmo. Os poucos exemplares que voltaram já foram remetidos para leitores que os solicitaram.

Brasileiros querem o divórcio

Sr. Diretor: Causa repulsa ao mais superficial observador o resultado publicado por REALIDADE sôbre o que pensam os brasileiros do divórcio. Responderam apenas 14.611 leitores dos quais 11.547 deram opinião favorável, e a revista publica em manchete "Brasileiros querem o divórcio". Conclusão correta está com as 1.042.359 assinaturas antidivorcistas recolhidas em 15 estados e no Distrito Federal pela Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. Isto sim, louvado seja Deus, convence qualquer brasileiro que use a cabeça.

HAYDÉE GALLI
São Carlos — SP

Veja resultados da pesquisa nacional realizada pelo INESE e que publicamos a partir da página 18 *desta edição: êles confirmam os totais colhidos na enquete de* REALIDADE *sôbre desquite e divórcio.*

Sr. Diretor: Como advogada, acredito que um plebiscito seria o ideal para se saber o que os brasileiros pensam do divórcio. Porém não se deve olvidar que indecisos e inexperientes (não de casamento, mas de vivência) não ficariam imunes à campanha dos antidivorcistas. Melhor então a repetição de enquetes como esta, garantindo-se a **liberdade de opinião,** que, afinal, dariam ao legislador uma idéia do que pretende, neste sentido, a maioria dos brasileiros.

MARIALICE S.M. FIGUEIREDO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Nunca vi tanta falta de solidariedade feminina como a da senhora F.C., de Curitiba, que, na reportagem "O que os brasileiros pensam do divórcio", declara que as mulheres desquitadas e divorciadas são volúveis e inconstantes. Há oito anos, fui abandonada por meu marido e há quatro anos que obtive o desquite: nem por isso deixei de ser uma mulher honesta e uma mãe digna que soube educar seus dois filhos.

VILMA S. DRACENAS
Brasília — DF

Revolução na Igreja

Sr. Diretor: Embora tudo tenda a se modernizar, não aprovo as teorias dos padres dominicanos. Por que não abandonam o sacerdócio e entram na política?

JANICE BIA LOUVEIRO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Não compreendo porque ainda existem católicos que combatem a renovação da Igreja ou falam mal de uma ordem — que talvez nem conhecem —, como a dos Dominicanos, que é a elite da Igreja.

LÚCIA CORDEIRO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Achei fabulosa a reportagem "Revolução na Igreja". Fico contente em saber que homens jovens de espírito lideram nossa religião.

MARIA IZALTINA BEZERRA NUNES
Santos — SP

Cartas

Sr. Diretor: Gosto de ler a seção "Cartas". Acho interessantes as polêmicas entre os leitores, mas uma professôra me disse que as cartas são inventadas.

PAULINA PRESHT
São Paulo — SP

Tôdas as cartas publicadas nesta seção encontram-se arquivadas e estão à disposição de qualquer leitor.

"Maquiné é uma beleza. Nunca vi nada igual na minha vida. Vale a pena conhecer. O único problema é a estrada, de terra e tôda esburacada".

(Impressões de um turista que foi à Gruta de Maquiné há seis meses.)

"Maquiné é uma beleza. Nunca vi nada igual na minha vida. Vale a pena conhecer. E que viagem agradável com a estrada tôda asfaltada."

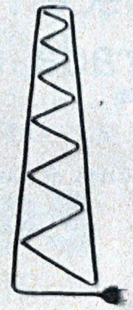
(Impressões de um turista que foi à Gruta de Maquiné esta semana.)

O Govêrno de Minas Gerais está inaugurando a estrada que liga Belo Horizonte à Gruta de Maquiné, no município de Cordisburgo. Com isso, todos os grandes centros brasileiros ficaram, também, ligados por asfalto a uma das maiores atrações turísticas do País, que até agora tinha o seu acesso prejudicado pela falta de uma rodovia com condições mínimas de tráfego entre a BR-040 e a Gruta. Nas suas próximas férias, Você já pode incluir Maquiné no seu roteiro de viagem.

Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais

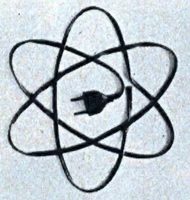
GOVÊRNO ISRAEL PINHEIRO

A região
Rio-São Paulo
servida pela Light
não tem petróleo



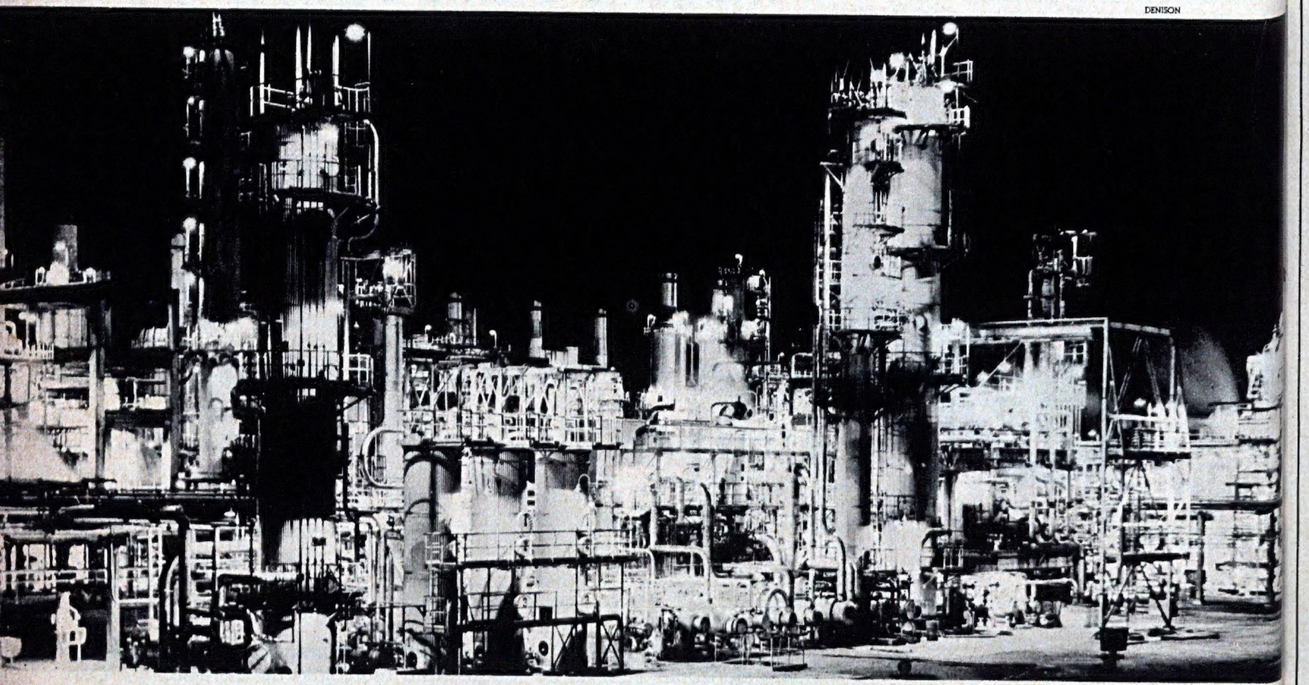
nem minério
de ferro

nem outros
metais.



Então por que esta é a região mais desenvolvida da América Latina?

DENISON



Porque industrializa o petróleo, o minério de ferro e os metais não-ferrosos extraidos de outras regiões do Brasil e do mundo. Porque transforma em bens industriais as riquezas naturais de que não dispõe. E isso se tornou possível porque possui a disponibilidade de energia elétrica — fornecida pela LIGHT — indispensável à implantação de um grande complexo industrial, condição e exigência do desenvolvimento econômico.

Servindo à região Rio-São Paulo há mais de meio século, a LIGHT proporcionou aos seus 14 milhões de habitantes o instrumento principal — a energia elétrica — para que, com esfôrço, dinamismo e determinação, pudessem construir o maior parque industrial da América Latina. E hoje aqui se produz 71% da gasolina consumida no Brasil e 75% dos produtos petroquímicos, forja-se 55% do aço brasileiro e utiliza-se 70% de metais como o alumínio, o chumbo, o estanho, etc.

A LIGHT — que se orgulha de sua decisiva contribuição para o desenvolvimento nacional — está ampliando ainda mais sua participação no progresso da região Rio-São Paulo por ela servida, investindo, desde 1965 e até 1970, meio trilhão de cruzeiros na expansão de seus sistemas de transmissão, transformação e distribuição de energia elétrica.

LIGHT
A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL

livros

Elas escrevem cada vez mais

Helena Silveira, Dinah Silveira, Maria de Lourdes Teixeira, Rachel de Queiroz e Lígia Fagundes Teles. Uma trabalha num romance que será a história de sua própria mãe. Outra prepara um livro de impressões sôbre a União Soviética, enquanto uma terceira, além de dois romances, retoca uma biografia. Há, ainda, a que trabalha nas reedições de seus livros; e a que pretende retirar-se para uma fazenda, onde escreverá uma história que a vem perseguindo há tempo.

São poucos exemplos, mas mostram que a mulher brasileira procura marcar a sua presença na literatura, ocupando-se de todos os gêneros.

Na verdade, era de uma mulher o primeiro romance escrito por alguém nascido no Brasil. Foi há dois séculos e a autora chamava-se Teresa Margarida da Silva e Horta, irmã do moralista Matias Aires e seu romance, moralista também, chamava-se **Aventuras de Diófanes.** Muito depois, o pioneirismo feminino iria repetir-se, quando a uma mulher se atribuiu o nosso primeiro romance de conteúdo social. O romance era **Parque Industrial** e a sua autora Patrícia Galvão.

O certo é que, de uma forma ou de outra, a mulher sempre estêve presente na literatura brasileira. Hoje, essa participação é bem maior.

Helena Silveira lançou no último semestre de 1966 **Na Selva do Asfalto,** primeiro volume de uma trilogia — **A Geografia do Nada** — que procura retratar alguns setores da sociedade paulista. O segundo volume, ainda sem título, será lançado êste ano, quando pretende escrever, também, um romance que terá sua mãe, Dinorá, como personagem central. Para ela, êsse é o grande desafio: "Já consegui juntar até quatro pessoas para construir um personagem. Mas Dinorá, para mim, jamais se cristalizou num rosto".

De **Lígia Fagundes Teles,** disse um crítico que tem preferência pelos temas de mêdo, da solidão e da incomunicabilidade **(O Jardim Selvagem).** Outro acusou-a de colocar seus romances sob o signo da morbidez **(Verão no Aquário),** enquanto um terceiro assinalou a presença em sua obra de um mundo moral em decomposição **(Histórias de Desencontro).**

Lígia Fagundes Teles

Verdadeiras ou não as observações, Lígia diz que gostaria de escrever novamente todos os seus livros. "Mas, já não posso fazê-lo. Sinto-me desligada dêles e, apesar de insatisfeita, sei que me desprendi de tudo que fiz". O que ela quer, hoje, é paz para trabalhar. Por isso, pretende ir para uma fazenda "escrever um nôvo romance, que está teimando para nascer".

Lígia começou a escrever quase menina, há 20 anos. Ganhou o prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira, em 1949, com **O Cacto Vermelho. Histórias de Desencontro** deu-lhe o Artur Azevedo, do Instituto Nacional do Livro, e **Jardim Selvagem** garantiu-lhe o Jabuti de 1965, da Câmara Brasileira do Livro.

Maria de Lourdes Teixeira, autora de **Rua Augusta,** até o lançamento de **Dona Flor e seus Dois Maridos,** de Jorge Amado, tinha consigo um recorde: **Banco de Três Lugares,** com 45 mil exemplares vendidos, era a maior tiragem, no lançamento, de um romance brasileiro. Atualmente ela tem nas mãos a prova da terceira edição de **Raiz Amarga** e trabalha duas idéias para romances e uma biografia que está quase pronta: **O Fauno Arrependido,** a história da vida do poeta satírico baiano Gregório de Matos. Entre os seus planos para 1967, está o que ela chama um "roteiro da humildade", com a releitura de Proust e Balzac. Maria de Lourdes já recebeu o Prêmio Júlia Lopes de Almeida, por **Banco de Três Lugares;** e o Júlio Ribeiro, o Pen-Clube e o Jabuti, por **Raiz Amarga.**

Dos Estados Unidos, onde está a serviço do govêrno junto à ONU, **Rachel de Queiroz** dirigirá a reedição dos seus romances, iniciada em 1966, com a nova publicação de **O Quinze.** Em 1967, espera lançar a 5.ª edição de **João Miguel,** a 4.ª de **Caminho de Pedras,** e **As Três Marias,** além de **Crônicas Selvagens** e novas edições, também, de duas peças: **Lampião e Beata Maria do Egito.**

Dinah Silveira, romancista de **A Muralha** e **Floradas na Serra,** pretende lançar um livro de impressões sôbre a União Soviética, onde viveu algum tempo, acompanhando o marido, o diplomata Dario Castro Alves.

televisão

Programa feito para ninguém

A apresentadora faz as três môças bonitas desfilar diante das câmaras, chama a atenção para o penteado de cada uma, e volta-se com um sorriso:

— Vejam que perucas maravilhosas.

Descreve os penteados, todos maravilhosos, revela que uma das môças está com cílios postiços, também maravilhosos, e o que ela acha mais maravilhoso é que aquelas perucas e cílios estão à venda no instituto tal, rua tal, número tanto.

São mais ou menos quatro horas da tarde e o que está no ar é um programa de televisão "especialmente dedicado à mulher". Em quase todos os canais, uma parte do horário da tarde é preenchida com êsse tipo de programa. E em todos êles, o nível é dos mais baixos. A mediocridade dos produtores, a falta de preparo das apresentadoras e o mau gôsto geral fazem dos programas femininos uma das piores coisas da televisão brasileira.

Em São Paulo, três dos cinco canais existentes dedicam à mulher de 40 a 50 por cento do horário vespertino. Coincidência ou não, 93% dos aparelhos mantêm-se desligados. E o canal de maior audiência dentro dêsses 7% não tem programa feminino.

No Rio, a TV começa a funcionar mais tarde e o quadro é diferente: só um programa para a mulher, e com cinco minutos de duração, às 19 horas.

Para a televisão brasileira, paulista especialmente, a mulher vive entre a cozinha e o salão de beleza, com algumas passagens pelas casas de modas. Os programas a ela dedicados desconhecem-lhe a vida afetiva, ignoram seus filhos e não dizem uma palavra sôbre as questões que preocupam o mundo atual. As exceções são raríssimas e passam despercebidas.

Uma dona de casa paulista disse que os programas femininos deixaram de interessá-la definitivamente no dia em que a cidade estava sem gás e a receita que ensinavam no vídeo era de um assado que ia ao forno durante muito tempo: "Nenhum produtor de TV, naquele dia, lembrou-se de que milhares de donas de casa gostariam de ouvir sugestões práticas para vencer as dificuldades com a falta de gás."

As exigências intelectuais da mulher também são ignoradas completamente. Durante tôda uma semana, a única referência ao assunto foi o de uma apresentadora que prometia, para breve, falar do livro que levava consigo e que não terminara ainda de ler. O livro era **Terra dos Homens,** de Saint-Exupery, escrito há quase 30 anos e traduzido para o português faz muito tempo.

Assim, a fraqueza dos programas femininos responde fàcilmente à perplexidade daquela produtora que — diante das câmaras — procurava explicar novamente como as telespectadoras deveriam fazer para escrever-lhe pedindo conselhos e orientação. O mesmo convite fora feito na semana anterior, mas quando ela procurou por sua correspondência não encontrou uma única carta. Ela tentava uma explicação para o fato, com duas hipóteses: ou não se expressara bem no programa anterior, ou o correio estava funcionando mal.

Não lhe ocorreu que o programa não tivesse interessado a nenhuma telespectadora. SEGUE

QUANTO VALE UMA BOA IDÉIA

?

+ **ideias que aumentam a capacidade de produzir**
+ **idéias que conduzem melhor pessoas e negócios**
+ **idéias que simplificam o trabalho**
+ **pequenas idéias de grandes resultados**

Contando com a colaboração de renomados especialistas internacionais, a BIBLIOTECA DO DIRIGENTE DE EMPRÊSAS encerra diretrizes novas e dinâmicas, indispensáveis àquêles que ocupam ou virão a ocupar posição de direção e chefia. Obra prestigiada por emprêsas pequenas, médias e grandes: AÇOS VILARES, CARACU, DURATEX, GESSY-LEVER, L.T.B., MERCEDES-BENZ, MESBLA PETROBRÁS. RHODIA, ULTRAGÁS, VOLKSWAGEN.

18 magníficos volumes encadernados em plástico, com douração. 4.860 páginas. Mais de 300 ilustrações, gráficos, mapas e modelos de operações.

1 - PSICOLOGIA DE ADMINISTRAÇÃO, A. J. Marrow
2 - O QUE DEVEMOS CONHECER DA ECONOMIA POLÍTICA E DAS FINANÇAS, L. S. Gomes
3 - AS TÉCNICAS DE DELEGAR, D.A. Laird
4 - CRIATIVIDADE PROFISSIONAL, E. Frange
5 - FORMAÇÃO DE DIRIGENTES, A. Uris
6 - RELAÇÕES HUMANAS, Thomason
7,8- PRÁTICA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRÊSAS, P. F. Drucker
9 - RELAÇÕES PÚBLICAS, H. M. Baus
10 - LIDERANÇA A. Uris
11 - SIMPLIFICAÇÃO DO TRABALHO, R. N. Lehrer
12 - NOVAS TÉCNICAS DE DIREÇÃO. A. Uris
13 - TÉCNICA E PSICOLOGIA DA PROPAGANDA MODERNA, C. M. Spinalt
14,15 - ECONOMIA DE EMPRÊSAS, J. Dean
16 - O SUPERVISOR EFICIENTE NA EMPRÊSA, W. R. Dersal
17 - MARKETING, Heideingsfield
18 - COMO SER UM DIRIGENTE DINÂMICO, G. S. Odiorne ainda um volume-brinde para a Secretária.

PLANO DE VENDA:

Pelo Crediário: 12 pagamentos de Cr$ 27.000.

Pelo Plano Econômico de Venda Direta (sem a presença do vendedor, com entrega parcelada dos volumes e devolução imediata de seu dinheiro, caso sua satisfação não seja completa): Apenas Cr$ 180.000 em 6 x Cr$ 30.000, de 30 em 30 dias, contra-entrega de parcelas de três volumes. Economia de 45%. Faça sua reserva em tempo. Não mande dinheiro agora.

À IBRAT EMPRESARIAL
Rua 24 de Maio, 77, cj. 904 - SÃO PAULO
tels.: 34-8481, 35-7558, 36-3741

Pelo plano econômico, enviem-me a BIBLIOTECA DO DIRIGENTE DE EMPRÊSAS, conforme estou assinalando abaixo:

☐ — em 6 parcelas de Cr$ 30.000
☐ — todos volumes de uma só vez, Cr$ 150.000.

Nome: .....
End.: .....
Cidade: ..... Estado .....
Nome legível e assinatura: .....

(Interior e outros Estados, via reembôlso postal)

teatro

A atriz era êle

Há pouco mais de um século, a Cacilda Becker dos palcos brasileiros chamava-se Pedro Nolasco Pereira da Cunha. E muitos anos foram necessários para conseguir chamar-se simplesmente Apolônia Pinto, Itália Fausto ou Dulcina de Morais.

Em 1967, Cacilda Becker sé chama Cacilda Becker mesmo e as razões de sua luta são outras. As mulheres assumiram posições de liderança no teatro brasileiro e combatem para levar às últimas conseqüências o movimento de renovação iniciado há alguns anos.

Foi uma proibição de Maria, a Louca, rainha de Portugal, que trancou à mulher o caminho do palco. O travesti tornou-se obrigatório e os papéis femininos eram entregues aos homens. Foi então que Pedro Nolasco se tornou famoso e foi também nessa época que uma ilustre dama austríaca, assistindo às festas do batizado da princesa Isabel, encantava-se com a graciosidade de um grupo de bailarinas, que mais não eram que soldados da tropa imperial.

Compreende-se, por isso, o delírio com que foram recebidas as primeiras companhias estrangeiras trazendo mulheres bonitas. Cansados de Pedro Nolasco, os estudantes atrelavam-se às carruagens das vedetes e Machado de Assis confessa, com orgulho, que certa vez "foi um dos cavalos da primadona". A uma delas, a imperatriz chegou a oferecer um colar de pérolas, a viscondessa de Abrantes deu uma coroa de ouro com brilhantes e esmeraldas, e figuras da côrte mandaram broches, pulseiras, alfinêtes e brincos.

O impacto dêsse entusiasmo jogou abaixo as restrições. Ao fim de algum tempo, a própria princesa Isabel representava no teatrinho particular que Pedro II lhe deu de presente. A partir dessa época, a mulher iniciava a caminhada para a conquista do seu lugar no teatro: Apolônia Pinto, Lucília Peres e tantas outras iniciaram um processo que hoje atinge seu ponto culminante, com atrizes-empresárias lutando para situar o teatro, definitivamente, como instrumento de cultura.

Cacilda Becker quer levar adiante o seu Teatro Doméstico, para revelar novos autores. SEGUE

Cacilda Becker

mulheres elegantes preferem Helanca® por 3 razões:

OS ARTIGOS AQUI APRESENTADOS FORAM APROVADOS NO CONTRÔLE DE QUALIDADE HELANCA (m. r.)

CONTRÔLE DE QUALIDADE Helanca TECIDO MISTO

- conforto
- garantia de qualidade
- e porque sabem que os homens gostam de mulheres elegantes!

Conjunto "op-art" em Helanca e algodão. O casaco tem gola "roulée" com abotoamento na frente e "vivos". O detalhe da moda na calça são as aberturas nas pernas. É uma criação LAKISPORT. O conjunto de saia e blusa Rhodianyl-Helanca Crep D'or é confeccionado pela ZITOLA. A gola é tôda feita em croché também de Helanca.

TUDO QUE A MULHER DEVE SABER

para ser mais mulher

Você vai adorar a Biblioteca DA ARTE DE SER MULHER. Reune famosos especialistas internacionais na arte de tornar a mulher mais mulher. São 7 belíssimos volumes, inclusive o "livro de beleza", encadernados em plástico, com douração. 1.550 páginas e mais de 350 ilustrações e gráficos.

1 - **Da Arte de Ser Mulher Esclarecida: O QUE A MULHER DEVE SABER, Ginecologista Dr. Harold M. Imerman.**
2 - **Da Arte de Ser Mulher Amada: AMAR E SER AMADA (A Comunicação Profunda e o Amor Existencial), Psicólogo Prof. Pierre Weil.**
3 - **Da Arte de Ser Mulher Feminina: ETERNAMENTE FEMININA, Ginecologista Dr. Robert A. Wilson.**
4 - **Da Arte de Ser Mulher Sempre Jovem: COMO TER BOA SAÚDE E PROLONGAR A MOCIDADE (Alimentação racional, simples e natural) Dietista Dieno Castanho.**
5 - **Da Arte de Ser Mulher Cativante: GUIA DE BOAS MANEIRAS (no lar, em sociedade e no trabalho). Marcelino de Carvalho.**
6 - **Da Arte de Ser Mulher Perfeita: A ARTE DE SER MULHER, desde a menina-mulher até a mulher-madura) Psicóloga Carmem da Silva, da Revista "Cláudia".**
7 - **Da Arte de Ser Mulher Atraente: TÔDAS PODEM SER BELAS, Clínico de beleza Dr. Carlos Alberto de Souza. Magnífico livro-álbum fartamente ilustrado à côres, repleto de exercícios e conselhos de beleza.**

OFERTA ESPECIAL DE JANEIRO:

Pelo Crédiário: 8 pagamentos de Cr$ 13.000.

Pelo Plano Econômico de Venda Direta (sem a presença do Vendedor, com entrega parcelada dos volumes e devolução imediata de seu dinheiro, caso sua satisfação não seja completa): Apenas Cr$ 52.500. Economia de quase 50%. Você paga 3 x Cr$ 17.500 contra-entrega de cada 2 volumes, de 30 em 30 dias. (Com a última parcela entregamos o livro de beleza, à côres).

Faça sua reserva em tempo! Não mande dinheiro agora.

À IBRAT (Depto. de Cursos e Publicações Femininas) - Rua 24 de Maio, 77, Conj. 904 - SÃO PAULO - tels. 34-8481, 35-7558, 36-3741
Enviem-me pelo Plano Econômico a biblioteca "Da Arte de Ser Mulher" (6 volumes mais o "livro de beleza", à côres), conforme estou assinalando abaixo:

☐ — Em 3 pagamentos de Cr$ 17.500, contra-entrega de cada dois volumes, de 30 em 30 dias.

☐ — Todos os volumes de uma só vez, contra pagamento de Cr$ 50.000

Nome: .....
Firma: ..... tel .....
End.: .....
Cidade: ..... Estado .....

(Interior e outros Estados, via reembôlso postal)

No TD, que funciona em sua casa, em São Paulo, a peça é lida por uma equipe de artistas, usando alguns suportes técnicos, como som, luz e projeção. Os espectadores geralmente são escolhidos entre críticos e intelectuais, capazes de fazer a análise do texto. Dois autores já foram pràticamente lançados pelo TD: Bráulio Pedroso, **O Fardão,** e Léo Gílson Ribeiro, com **Balada de Manhattan,** sucesso na leitura pelo TD. Cacilda começou, menina ainda, em 1940, no Teatro do Estudante. No ano seguinte fêz parte da companhia de Raul Roulien. Em 1948, participou em São Paulo, como única atriz profissional, do primeiro elenco do TBC, onde ficou até 1957, quando organizou o seu próprio grupo.

Ruth Escobar está tentando obter um milhão de dólares junto às fundações Ford e Rockefeller, a fim de reunir cinco companhias profissionais que montem espetáculos a preços populares. Outros planos são: trazer para o Brasil o **Man of la Manche,** baseado no D. Quixote, e que faz grande sucesso em Nova Iorque; e promover a volta do Teatro Popular Brasileiro montado sôbre um caminhão — para levar os espetáculos aos bairros, em praça pública.

Ruth foi a primeira a montar Brecht no Brasil (Mãe Coragem). Em 1966, o seu maior sucesso artístico foi com **As Fúrias.** Para 1967, programou 20 espetáculos.

Nydia Lícia quer repetir a experiência do Teatro da Juventude, que em 1966 funcionou em São Paulo, durante três meses. Deu um prejuízo de três milhões — diz — mas revelou atôres como Fernando Lona, Tuca, Silvinha Gomes, Mílton Nascimento, Edu e Elza Ribeiro.

Pretende manter, também em São Paulo, o Teatro Infantil. Nydia, que é proprietária do Teatro Bela Vista, nasceu na Itália e veio para o Brasil com 12 anos. Estreou em **À Margem da Vida** de Tenessee Williams e depois firmou-se em várias criações importantes. Como empresária, seu maior sucesso comercial foi **Boeing-Boeing,** de Camoletti, e o artístico **Biedermann e os Incendiários,** de Max Frisch.

Fernanda Montenegro está montando novamente este mês, no Rio, **O Homem do Princípio ao Fim.** Em seguida, mais um ou dois textos de autores nacionais, para depois, provàvelmente, apresentar-se no Norte. Em 1966 com Sérgio Brito e Fernando Tôrres, além de **O Homem do Princípio ao Fim,** produziu **A Mulher de Todos Nós,** aparecendo nas duas como a atriz principal. Fêz uma temporada no sul, gravou telenovelas e recebeu um prêmio no Festival Internacional do Filme, com **A Falecida.**

Maria Clara Machado quer escrever uma peça de aventuras, para adolescentes, publicar o terceiro volume de suas obras e continuar montando novas peças infantis, no seu teatro do Rio, **O Tablado,** que fêz 15 anos em 1966. Filha do escritor Anibal Machado, Maria Clara sempre se dedicou ao teatro infantil. **Pluft, o Fantasminha,** é o seu maior sucesso, já traduzido para o francês.

cinema

Vamos ganhar uma estrêla?

Treze filmes, que vão do cinema-verdade à chanchada carnavalesca, abrem o ano nos estúdios da Guanabara. Nêles, 22 artistas, em papéis importantes, colocarão mais uma vez a questão que começou a surgir nas conversas dos que estão ligados ao cinema nacional: caminha, o cinema brasileiro, para criar a sua grande **estrêla?**

Em São Paulo, o movimento de produção é menor, mas a mesma pergunta vem sendo feita.

Para alguns, porém, o problema não existe. Argumentam com a decadência do **star system** no mundo inteiro e sustentam que não há condições para revigorá-lo no Brasil. Para outros, a **estrêla** será imposta pela própria industrialização do cinema. Afirmam que só o poder de sedução dos grandes nomes, nos letreiros luminosos, garantirá as rendas de que o cinema precisa para organizar-se em têrmos rigorosamente empresariais.

Até hoje, o cinema brasileiro viveu sem a grande **estrêla.** A mediocridade que o marcou durante tantos anos explica, em parte, o fenômeno: não havia **estrêla** porque não havia cinema.

Carmem Santos, portuguêsa bonita que aqui chegou no tempo do silencioso, foi quem estêve mais perto do modêlo. Tiveram sucesso algumas produções que giravam apenas em tôrno do seu nome e, com uma delas, conseguiu grande êxito de bilheteria. O filme se chamava **A Realidade** e era inspirado no romance **A Carne,** de Júlio Ribeiro. Nos anos de 30, outra portuguêsa surgiu em alguns filmes carnavalescos. Chamava-se Carmem Miranda. Fada Santoro, morena sensual de lindos olhos negros, foi a primeira artista de algum impacto. SEGUE

Mod. Pat.

ESPECIAL

PLAY-DRESS sedutor, elegante, exclusivo. Feito em renda elástica de Helanca, cobre o corpo como uma segunda pele.

Veste bem a qualquer estatura ou tamanho. Favorece a beleza do corpo feminino com suave efeito modelador. Côr: Preta.

29.500 Despesas já incl.

c/ biqu. prêto ou carne, em nylon + Cr$ 4.000

Mod. Pat.

Atrativa **CALÇA-MEIA** Substitue com vantagem 3 peças (meias, calça e cinta-liga) por uma só. Em renda de Helanca, tem elasticidade em todos os sentidos. Côr: Preta.

Despesas já incl.: **18.900**

e agora também:

LINGERIE SEXY

Diferente, ousada picante e muito sexy. Graciosíssimos biquinis, miniquinis, biquinis com Ouvert, agora também no Brasil. Peça ainda hoje o nosso CATÁLOGO a côres da mais sedutora coleção de lingerie jamais vista. Mande Cr$ 300 em selos postais (taxa de proteção, será deduzida do valor do primeiro pedido). Não mande dinheiro

Compre pelo Reembolso Postal

Cx. P. 1933 **ESPECIAL** CURITIBA - Pr

Nome: .....

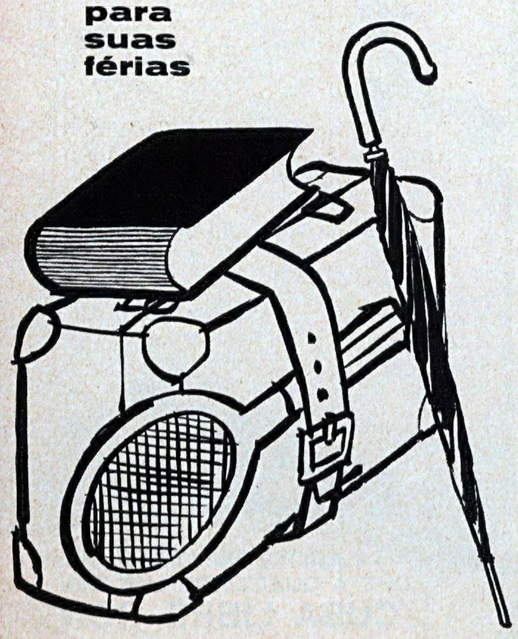
Endereço: .....

.....

Cidade: ..... Estado: .....

PEDIDO: Manequim:

um companheiro para suas férias



O HOMEM QUE LÊ VALE MAIS

CBL CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

Na década de 40, filas imensas formaram-se diante dos cinemas para vê-la.

Eliana, menina-môça de cabelos louros, substituiu-a pouco depois. Lançada com Oscarito e Grande Otelo, nos musicais carnavalescos da Atlântida, foi a que mais resistiu ao tempo: de 1946 a 1958, muitos rostos de mulheres desfilaram nas telas. Nenhum, porém, conseguiu fixar-se. Maria Della Costa, Vera Nunes, Tônia Carrero, Ilka Soares, Eliane Lage, Vanja Orico, Marisa Prado, Aurora Duarte e Eva Wilma foram alguns. O fracasso da **Vera Cruz** e da **Maristela** desencantou a tôdas. Umas foram devolvidas ao teatro, de onde tinham saído. Outras preferiram a televisão, que estava aparecendo.

Os rumos que o cinema escolheu mais tarde, para romper enfim a barreira da mediocridade, não tinham caminhos para a **estrêla.** Foi o momento dos filmes de autor. **O Pagador de Promessas** é filme de Anselmo Duarte e não de Glória Meñezes. **Vidas Sêcas** é de Nélson Pereira dos Santos, como **Assalto ao Trem Pagador** é de Roberto Farias.

Hoje, porém, quando **As Cariocas,** em três historinhas curtas, leva às telas Norma Benguel, Jacqueline Myrna e Íris Bruzzi, há os que vêem nisso mais do que a simples tentativa de entrar na linha dos filmes de episódio. Para êstes, a escolha dos nomes indica a preocupação de usar artistas já identificadas com o público. Da idéia inicial à última seqüência, tudo converge para a valorização das três presenças femininas. Por melhor que tenha sido a direção de Válter Hugo Khouri, Roberto Santos e Fernando de Barros, para as platéias êsse será sempre um filme de Norma, Íris e Jacqueline.

Os resultados da experiência foram estimulantes. O filme alcançou razoável nível artístico e o sucesso financeiro já estava pràticamente assegurado antes que os rolos chegassem às cabinas de projeção.

Aquêles que admitem a criação da estrêla como um dos pontos de sustentação do cinema brasileiro não se preocupam em adivinhar o perfil que a marcará. Ela poderá ter o talento e a personalidade de Norma Benguel. Poderá ser até a própria Norma. Ou poderá ser, também, feia e desajeitada como a inglêsa Rita Tushingham, ídolo atual de milhões de espectadores no mundo inteiro.

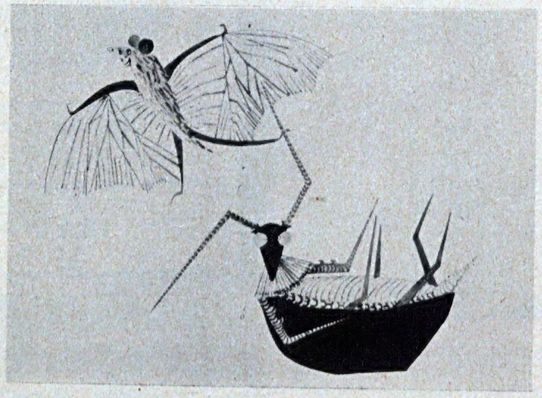
fábula

O morcêgo e o cascudo

— Como você voa bonito — disse o bicho cascudo para o morcêgo.

— É que eu tomei uns banhos de lua — respondeu o morcêgo.

O cascudo achou fácil a receita, tomou um banho de luar, tentou voar e espatifou-se no chão.



Moral: Só voa quem pode voar.

Gerda

De fato! WELLAFORM é diferente aos demais cremes para pentear: Tôda qualidade de cabelo se beneficia. Seja fino ou grosso, longo ou curto. É apenas uma questão de quantidade. Uns aplicam pouco, outros um pouco mais. Muito nunca é necessário. Esprema Wellaform entre as palmas das mãos e espalhe levemente no cabelo. Veja como se torna jeitoso e fácil de pentear!

WELLAFORM não endurece os cabelos. Ao contrário, sem engordurar, mantém-os bem penteados o dia inteiro. Wellaform, suave mas agradàvelmente perfumado, assenta bem e com distinção.

WELLA *tem tudo para o cabelo e da melhor qualidade*

Cosmética do cabelo de fama mundial

CLÍVIA

WELLA

Camisas Volta ao Mundo Valisère lançam novos modelos. E explicam a você, ponto por ponto, quais são as suas diferenças com as outras camisas:

1 - O colarinho das novas Camisas Volta ao Mundo Valisère é indeformável, pois é plastificado (Valflex). Nunca amassa e nem dobra. Um detalhe de elegância: os pespontos da costura foram eliminados.

2 - O tecido das novas Camisas Volta ao Mundo Valisère possui um toque muito mais macio. Ter Volta ao Mundo sôbre o corpo é um verdadeiro prazer.

3 - Passou o tempo das camisas largas e que ficavam sôltas sôbre a cintura. As novas Camisas Volta ao Mundo são afuniladas, agarrando-se mais ao corpo. Muito mais elegantes!

4 - Também as mangas são mais estreitas, nas novas Camisas Volta ao Mundo Valisère. Você deixa de ter asas, volta a ter braços.

5 - Há novos padrões de tecidos nas Camisas Volta ao Mundo Valisère. Você pode escolher entre diversos modelos.

E a vantagem de sempre: Camisas Volta ao Mundo Valisère são fáceis de lavar, secam ràpidamente, dispensam passar a ferro. Mas exija-as sempre com a etiquêta Volta ao Mundo Valisère!

Novas Camisas Volta ao Mundo

(M R 457 333)

Valisère

RHODIANYL®

INDÚSTRIA BRASILEIRA

1

2

3

4

5

Standard Propaganda

Eis, pela primeira vez no país, um panorama completo da situação atual da mulher brasileira. Para realizar êste grande trabalho, REALIDADE movimentou uma equipe de dez pesquisadores que, espalhada pelo Brasil, operou durante 40 dias, entrevistando 1.200 mulheres. A cada uma delas foram feitas 110 perguntas sôbre todos os assuntos de nosso tempo. Eram mulheres da Guanabara, São Paulo, Belo Horizonte, Pôrto Alegre, Recife, Caxias, no Rio Grande do Sul, Juiz de Fora, em Minas, Bragança e Jundiaí, no interior paulista, e de Caruaru, em Pernambuco. O INESE — Instituto Nacional de Estudos Sociais e Econômicos — computou os resultados e elaborou os quadros estatísticos que aqui são apresentados de maneira resumida. Quaisquer emprêsas, órgãos governamentais e instituições de ensino que desejarem obter os resultados completos desta pesquisa poderão se dirigir por carta à revista. Mas os leitores têm desde já, nestas páginas, os dados básicos do trabalho, para que possam tomar conhecimento de como é

A mulher brasileira, hoje

Para descobrir que apenas 24% das mulheres brasileiras teriam coragem de fazer uma viagem à lua, num foguete espacial, e obter as respostas de mais 109 perguntas, REALIDADE procurou 1.200 mulheres que, pudessem falar em nome de cêrca de 20 milhões de mulheres adultas existentes no país.

A divisão das entrevistadas se fêz assim: classe sòcio-econômica — rica 10%, média 39%, pobre 51%. Idade — 25% entre 18 e 24 anos, 30% entre 25 e 34 anos, 30% entre 35 e 50 anos e 15% entre 50 ou mais anos. Grau de instrução — analfabetas e com curso primário 50%, com curso ginasial 27%, com curso colegial 17% e com formação universitária 6%. Estado civil — 59% de casadas, 33% de solteiras, 7% de viúvas e 1% de desquitadas. Religião — 87% católicas, 5% protestantes, 6% outras religiões e 2% sem religião. Trabalho — trabalham fora 37% e não o fazem 63%. Local de entrevista — São Paulo 26%, Guanabara 20%, outras capitais 26% e interior 28%.

E, depois de tanto trabalho, viu-se que 76% delas já acompanham a moda, 49% não gostam mais, hoje, do mesmo tipo de objeto e móveis que apreciavam alguns anos atrás, 18% fazem regime para emagrecer, 25% fumam, 31% já viajaram de avião, 82% não têm mêdo da velhice e 72% acham que trabalhar fora de casa não prejudica a harmonia do casamento.

Tudo isso, e mais a resposta a dezenas de outras grandes questões, mostra que uma pequena revolução está em marcha no mundo das mulheres.

A mulher e os homens

A Constituição Brasileira assegura os mesmos direitos ao homem e à mulher. A seu ver, esta igualdade existe?

Apenas metade das entrevistadas acha que existe igualdade de direitos entre os sexos. Como se podia esperar, as mulheres de classe rica acreditam um pouco mais na igualdade (53%) do que as mulheres de classe pobre (50%). Surpreendentemente, porém, apenas 45% das que trabalham acreditam na igualdade, enquanto 56% das que **não** trabalham afirmam existir igualdade. Outras surprêsas: há mais confiança na igualdade de direitos no interior de que nas capitais, e bem mais entre as casadas de que entre as solteiras.

A senhora vota em quem seu marido indica?

Exatamente um têrço das entrevistadas segue as instruções do marido no terreno político. De forma geral, quanto mais jovem a espôsa, mais ela aceita ser guiada (38% das mulheres entre 25 e 34 anos aceitam a indicação "dêle", enquanto a porcentagem desce para 26% nas mulheres acima de 50 anos). E, como era de se esperar, quanto maior a instrução, maior a independência: 65% das com curso primário votam por conta própria ao passo que 83% das mulheres de nível universitário escolhem os seus **próprios** candidatos. Assim mesmo, o fato de uma em cada três eleitoras brasileiras votar em candidatos indicados pelos maridos, demonstra claramente que a luta pela independência ainda não acabou.

A mulher pode ter, no trabalho, o mesmo êxito que o homem?

Sim, respondem 79% das entrevistadas. As que trabalham fora de casa estão ainda mais convencidas do que as que ficam em casa — 82% contra 77%. Já as pobres acreditam nisso menos que as ricas e as de classe média. A maior variação, porém está no grau de instrução das entrevistadas: enquanto 69% das analfabetas e as que têm sòmente o diploma do primário acreditam que têm as mesmas chances que o homem, 90% das que têm colegial e 86% das que terminaram o curso universitário estão convencidas dêste fato.

A Mulher é mais inteligente que o homem?

40% não vacilaram: acham que é; mas 59% responderam não; e 1% preferiu não dizer nada. O que se destaca aqui é que a porcentagem das que julgam a mulher mais inteligente vai caindo conforme o grau de instrução: 59% entre as analfabetas, 46% as de instrução primária, 36% as de instrução ginasial, 29% as de colegial e 22% as de nível universitário.

Isto não significa que as mulheres com mais instrução se julguem menos inteligentes, mas sim que não acreditam em diferenças fundamentais de inteligência entre os sexos. Ao mesmo tempo, a grande maioria das entrevistadas (87%) acha que os homens gostam de mulheres inteligentes. Paradoxalmente, entretanto, quanto maior o nível educacional, menor se torna a porcentagem das que têm certeza disso.

A mulher resiste melhor a dor física do que o homem?

Se elas se dividem no terreno da inteligência, no da dor física houve quase unanimidade: 93% afirmam que a mulher resiste melhor a dor.

É verdade que atrás do sucesso de um homem existe sempre a contribuição de uma mulher?

75% acham que sim; 24% não e 1% não quis opinar. As que mais acreditam nisso são as que já passaram dos 50 anos, as de classe rica e — talvez, por motivos de saudade — as viúvas.

A mulher e os parentes

Seus pais têm muita influência em sua vida?

O caminho da independência da mulher, em nossa sociedade, é complicado: muitas vêzes ela escapa do poder dos pais e cai sob o poder do marido, quando não dos irmãos. Em outros casos, mesmo depois de casada, ela ainda continua sob a influência excessiva dos pais.

A prova disso está nas respostas: 56% admitem que os pais têm muita influência em suas vidas. Como é natural, a porcentagem aumenta entre as solteiras (67%) e na faixa de idade que vai dos 18 aos 24 anos (66%). Mas continua inesperadamente elevada entre as casadas (50%), viúvas (45%) e desquitadas (78%).

É possível gostar da própria sogra?

Aqui, ou quase tôdas esconderam a verdade, ou tudo que se disse até hoje sôbre a sogra é pura maldade: 92% acham possível gostar da própria sogra. As viúvas, chegam ao máximo — 100% — e as desquitadas ao mínimo — 88%.

A mulher e a religião

A senhora acredita em Deus?

A esmagadora maioria (97%) acredita. E, embora as variações sejam mínimas, verifica-se que a fé aumenta com a idade (a porcentagem vai de 96% para as mais jovens até 100% para as que passaram de 50 anos) e diminui na medida em que se sobe a escala sócio-econômica (enquanto 98% das pobres acreditam em Deus, o índice desce para 97% na classe média e 93% entre as ricas). O detalhe mais curioso: 1% das que se declararam católicas disse não acreditar em Deus. Em compensação, das mulheres sem nenhuma religião, quase a metade respondeu afirmativamente.

A senhora já duvidou da existência de Deus?

Embora 97% acreditem em Deus, 11% responderam que já duvidaram. Os números indicam que a crise de fé é mais comum entre as universitárias (38%), as de classe rica, as mais jovens, as desquitadas, as solteiras e, evidentemente, as sem religião.

A senhora pratica a sua religião?

Enquanto quase tôdas as entrevistadas afirmam acreditar em Deus, só 84% declaram praticar uma religião. Os números aqui confirmam os anteriores: quanto mais rica, mais jovem ou mais instruída a mulher, menor a sua dedicação religiosa. Assim mesmo, o **menor** índice de praticantes (62% das universitárias) ainda é altamente expressivo da enorme importância que a mulher brasileira dá à religião.

A senhora acha que os padres deveriam poder casar-se?

Sem que ninguém pudesse imaginar, 70% acham que sim. As protestantes não têm a mínima dúvida: 100% são a favor; inesperadamente, entretanto, 67% das de religião católica também se manifestaram favoráveis ao casamento dos padres.

A senhora admitiria que seu filho seguisse uma vocação religiosa?

88% admitiriam. Mais importante ainda, para compreender a posição religiosa da mulher brasileira, é que 67% declararam que não apenas admitiriam, mas também **gostariam** que seu filho seguisse uma vocação religiosa.

A mulher e a política

A senhora vota?

Tôdas as entrevistadas eram maiores de 18 anos, mas apenas dois terços delas são eleitoras. Como se podia esperar, os maiores índices de mulheres que votam estão com as de formação universitária (92%) e as ricas (85%). Duas surprêsas: as solteiras (73%) votam mais que as casadas (69%) e as mulheres do interior (76%) mais que as das capitais (64%). Talvez por não quererem admitir que não votam (ou talvez confessando sua participação em fraudes) 16% das analfabetas também se declararam eleitoras.

SEGUE

Grandiosa como um filme! Dramática como a própria vida!
UMA COLOSSAL OBRA-PRIMA DA TELEVISÃO BRASILEIRA!

inspirada no romance de José de Alencar

Produzida com os mesmos requintes de um filme monumental! Uma cidade inteira foi construída para esta grandiosa realização da TV-Excelsior.

Todo o enrêdo maravilhoso do romance imortal de José de Alencar será transportado para as telas do seu televisor. Na interpretação, nos trajes - em tudo - você sentirá e viverá a mesma espetacular fôrça dramática contida no livro! Será a mais inesquecível e deslumbrante de tôdas as telenovelas. Não perca - de maneira nenhuma - seus emocionantes capítulos!

UM ELENCO FABULOSO!
ARLETE MONTENEGRO - ARMANDO BOGUS
CARLOS ZARA - DAVID NETO
FÚLVIO STEFANINI - GERALDO LOUZANO
HENRIQUE CESAR - IVAN MESQUITA
MARIA ISABEL DE LIZANDRA
OSMANO CARDOSO - PAULO GOULART
PROCÓPIO FERREIRA - REGINA DUARTE
RENATO MASTER - RIVA NIMITZ
ROGÉRIO MARCICO - SILVIO FRANCISCO
SUZANA VIEIRA - SILVANA LOPES
SÔNIA OITICICA - STÊNIO GARCIA - VERA NUNES
participação especial de GLÓRIA MENEZES

"AS MINAS DE PRATA"
Diàriamente, no Canal 9, às 19.25, começa
Mais uma telenovela
Kolynos

Poucas querem o marido na política

PESQUISA CONTINUAÇÃO

A aparência dos candidatos influencia o seu voto?

Que os feios não se preocupem: apenas 19% das mulheres dizem dar importância ao aspecto físico dos candidatos. Nesta pergunta, muito mais do que nas outras, há quase unanimidade entre todos os tipos de entrevistadas. Apenas as ricas escapam da média geral, pois sòmente 7% delas dão importância à **beleza** do futuro deputado, governador ou presidente.

A senhora gostaria que seu marido fôsse político?

Não, é a resposta de 79% das entrevistadas. E as que não gostariam são 88% das ricas, 84% na classe média e 74% entre as pobres. O maior índice de candidatas à posição de mulher de político apareceu entre as analfabetas: 41%.

Se o Brasil fôsse governado por mulheres, iria melhor?

Apesar de todos os pesares, 77% das mulheres pensam que como está — os homens no poder — está muito bom. Mas parece que, com o passar do tempo, a autoconfiança aumenta: enquanto apenas 19% das môças achariam melhor um govêrno de mulheres, 27% das senhoras de idade o escolheriam.

A senhora acha que vivemos numa democracia?

Aqui, as entrevistadas se dividem em duas partes quase iguais: 53% acham que sim; 45% disseram não; 2% não quiseram opinar. Do lado do sim estiveram as pobres (59%), as de meia idade (58%), as analfabetas (69%), as casadas (58%) e as católicas (55%). Com o não ficaram as ricas (63%), as jovens (50%), as de nível universitário (68%), as solteiras (53%) e as sem religião (74%).

A senhora confia nos homens que dirigem a nação?

Novamente, as opiniões quase se equilibram: 51% confiam, 48% não confiam, e 1% não respondeu. Há um crédito de confiança ligeiramente maior entre as mulheres de classe média (53%), as de meia idade (58%), as casadas (56%) e as católicas (52%). E a desconfiança aumenta entre as ricas (54%), as jovens (56%), as de formação universitária (62%), e as sem religião (67%).

A senhora acha que a inflação está diminuindo?

Apesar de mais da metade das entrevistadas confiarem no govêrno, apenas 16% acham que a inflação está diminuindo. Com um pormenor: mais mulheres da classe média (19%) e da classe pobre (14%) concordam que o custo de vida está diminuindo, do que mulheres da classe rica (10%). A grande maioria (84%), porém, parece não ter sentido os resultados dos esforços governamentais nesse setor.

A senhora tem mêdo do comunismo?

72% das mulheres brasileiras têm mêdo do comunismo. Paradoxalmente, as que mais o temem são as pobres (75%) e as analfabetas (81%). Entre as católicas (73%), a preocupação é maior do que entre as protestantes (67%). E quanto maior o nível educacional, menor o mêdo: apenas 41% das com curso universitário estão assustadas com o comunismo, comparadas com 67% das com curso colegial e 76% das com curso primário.

A mulher e o dinheiro

A senhora se considera uma mulher econômica?

Os antigos diziam que os deuses, para vingar-se dos homens, inventaram a mulher e o dinheiro. Mas, como no caso da sogra, parece haver um certo exagêro em tudo isso, pois 86% das entrevistadas se consideram econômicas. Naturalmente, há mais mulheres pobres nesta faixa (90%) do que ricas (76%). E talvez porque elas tenham dinheiro próprio para gastar, as mulheres que trabalham se consideram menos econômicas (77%) do que as que não trabalham (91%). Um dado que vai surpreender muitos maridos: enquanto 75% das solteiras dizem que gastam dinheiro com cuidado, a porcentagem aumenta para 91% entre as casadas. Em compensação, apenas 83% das casadas acham que o marido **também** é econômico...

A senhora faz compras a prestação?

Fato curioso: as respostas são quase idênticas entre ricas (61% compram a prestação), classe média (60%) e pobres (66%). Como se podia esperar, as solteiras fazem mais compras a prestação que as casadas, as que trabalham fora mais que as que não trabalham, as das capitais mais que as do interior e as môças bem mais que as velhas.

A senhora tem empregada?

31% têm empregada, 69% não. É claro que o número varia de acôrdo com a posição social: desce de 97% na classe rica para 49% na média e 4% na pobre. No interior (36%), há mais que nas capitais (29%). Uma informação que pode surpreender: 26% das mulheres que trabalham fora têm empregada, para 34% das que ficam em casa.

A senhora gostaria que seu marido tivesse seu próprio negócio?

88% achariam bom, indicando que a mulher brasileira é fã incondicional da livre iniciativa. Na classe pobre o sonho tem mais partidárias: 96%, mas continua vivo na classe rica (85%) e na média (79%). Estatística interessante: as mulheres que trabalham, provàvelmente por conhecerem melhor os problemas e as dificuldades de um "negócio próprio", são um pouco menos interessadas em transformar seus maridos em empresários do que as mulheres que ficam em casa.

A falta de dinheiro pode comprometer a harmonia da vida conjugal?

64% acreditam que sim, 36% acham que não. Entre as da classe média está a maior porcentagem das que acham que o dinheiro é muito importante: 72%. Entre as ricas êsse número cai para 64% e mais ainda entre as pobres — 75% — provàvelmente porque aquelas têm menos problemas de dinheiro e estas já se acostumaram a viver com pouco. Em todo caso, o fato de quase dois terços das entrevistadas acharem que a falta de dinheiro pode trazer problemas entre marido e mulher é mais uma indicação que a mulher — quase sempre — é uma realista.

A mulher, os esportes e as diversões

A senhora pratica algum esporte?

Não foi a resposta de 85% das entrevistadas. As variações são as que se podiam esperar: o número das que praticam algum esporte é bem maior entre as mulheres de 18 a 24 anos (29%), do que entre as com mais de 50 anos (6%). Praticam esportes 31% das ricas, 19% das de classe média e apenas 9% das pobres. Quanto ao grau de instrução, é de 3% o total de analfabetas esportivas e de 35% o de mulheres formadas em universidades. Último dado: 22% das interioranas praticam esportes, contra 12% das que vivem nas capitais.

SEGUE

aquelas hortas no subúrbio

Nos subúrbios de antigamente, era comum o espetáculo das grandes hortas destinadas ao abastecimento das populações locais. Era uma agricultura de poucos recursos e de consumo reduzido.

Mas as cidades cresceram ràpidamente. O sistema de abastecimento tornou-se mais complicado. Supermercados, feiras, mercearias, quitandas exigem toneladas e toneladas de legumes para o gasto diário das cidades. Para manter a produção agrícola em níveis que atendam às necessidades de alimento das grandes massas urbanas, movimenta-se todo um vasto sistema de financiamento das atividades rurais no custeio de sementes, tratores e equipamentos, construção de silos e organização de frotas de transporte dos pontos de origem das safras aos vários mercados consumidores do País. O Banco Agrícola-Mercantil, que teve sua origem como uma caixa rural, continua fiel à sua tradição de incrementar, por todos os meios de que dispõe, os trabalhos do campo e o aproveitamento racional das nossas riquezas naturais.

Banco Agrícola-Mercantil S.A.

— um bom vizinho

Rio Grande do Sul • Santa Catarina • Paraná • São Paulo • Brasília
Guanabara • Minas Gerais • Bahia • Pernambuco

mpm

Sexo não tem nada com indecência

PESQUISA CONTINUAÇÃO

A mulher que pratica esportes perde a feminilidade?

Não, asseguram 86% das mulheres ouvidas, desmentindo um preconceito antigo e forte. E êsse dado vem provar que a grande maioria das 85% de brasileiras que não praticam esporte, apenas não o fazem por lhes faltar condições para isso. Confirmação de que o preconceito está baseado na ignorância: há duas vêzes mais analfabetas contra o esporte do que a média geral.

A senhora acha bom o nível geral dos programas de televisão?

Não, disseram 65% das mulheres formadas em universidade. Sim, contradisseram 80% das de nível primário. E, no geral, as respostas contra a televisão são tanto maiores quanto melhor o nível social e cultural da entrevistada. Também em relação à idade, o fenômeno se repete: as mais velhas gostam de televisão; as mais jovens, nem tanto.

A senhora costuma ir ao teatro?

Resposta geral: sim, 30%; não, 70%. Aqui o fenômeno é o inverso do observado na apreciação dos programas de televisão. Vão ao teatro as ricas (66%) e as universitárias (57%). Bem menos: pobres, 14% e analfabetas, 6%.

A senhora prefere os filmes estrangeiros aos nacionais?

Má notícia para o nosso cinema: 63% das mulheres brasileiras preferem os filmes estrangeiros. Entre tôdas as entrevistadas, sòmente as analfabetas (59%), provàvelmente por não poderem ler as legendas dos filmes importados, preferem os nacionais. Outro fato interessante: quase duas vêzes mais jovens (78%) do que velhas (40%) preferem filmes estrangeiros.

A senhora gosta de telenovelas?

Tirando 54% das mulheres de nível universitário e 41% das ricas, a grande maioria das entrevistadas gosta de telenovelas. E quem mais gosta são as pobres (83%), as velhas (79%) e as de instrução primária (85%).

A senhora gosta do ié-ié-ié?

Ao que tudo indica, elas estão atualizadíssimas: 61% gostam do ié-ié-ié. Evidentemente, quem lidera a lista são as jovens, com 76%, enquanto sòmente 46% das velhas também gostam. Outras diferenças apreciáveis: gostam de música moderna jovem 75% das ricas, 68% das de classe média e 53% das pobres. Não gostam: 63% das analfabetas.

A senhora conhece as letras das músicas de mais sucesso no momento?

A maioria das entrevistadas (55%) parece estar em dia com a música popular: O número das que conhecem as letras de música de sucesso é maior entre as ricas (71%), entre as jovens (80%) e entre as com instrução ginasial ou colegial (71 e 75%). Quem menos se interessa são analfabetas (apenas 16%) e as velhas (25%).

A senhora gosta de arte moderna?

Apesar de muitas indicações em contrário, a grande maioria das brasileiras (70%) são pela arte moderna. Mas há variações significativas: a classe média (70%) gosta mais que a classe rica (64%), as católicas (72%) mais que as protestantes (48%), e, naturalmente, as jovens (80%) mais que as velhas (50%).

A mulher e a moral

A senhora tem vergonha de falar sôbre sexo?

Um quarto das mulheres brasileiras tem. E êsse índice sobe para 32% entre as de instrução primária e chega a 50% entre as analfabetas. As que menos temem discutir assuntos sexuais são as sem religião (93%), as de nível universitário (92%), as que fizeram colégio (89%) e as ricas (86%). Detalhe inesperado: 28% das casadas têm mêdo do assunto, contra apenas 19% das solteiras.

O sexo é a coisa mais importante na relação entre o homem e a mulher?

A maioria (57%) acha que é. A grande variação, nesta pergunta, está ligada ao grau de instrução. Quanto menos culta, maior a importância que a mulher dá ao sexo. Disseram sim 81% das analfabetas, contra apenas 41% das de nível universitário e 34% das de nível colegial. Talvez por serem um pouco menos idealistas, as casadas (61%) consideram o sexo mais importante que as solteiras (54%). E a importância atribuída ao sexo aumenta com a idade: 63% das mulheres entre 35 e 50 anos, contra 54% das entre 18 e 24, acham que é sexual o terreno mais importante nas relações entre homem e mulher.

Uma mulher decente pode gostar de sexo?

Cem por cento das mulheres que fizeram universidade responderam sim, mas apenas a metade das analfabetas concorda com elas. Quanto à classe social, o sim foi de 92% entre as ricas contra 58% entre as pobres. E quanto à religião, de 78% entre as protestantes contra 68% entre as católicas. Resultado final: 70% das mulheres brasileiras concordam que uma mulher decente pode gostar de sexo. Em compensação, quase uma em cada três mulheres continua sofrendo de complexos — ou vivendo as conseqüências de uma educação inadequada — nesta área tão importante. Exemplo: 81% das analfabetas entrevistadas acham que o sexo é a coisa mais importante na relação homem-mulher, mas apenas 50% são de opinião que mulher decente pode gostar de sexo.

A mulher tem as mesmas necessidades sexuais que o homem?

Apenas 52% das mulheres brasileiras acham que sim. E as opiniões continuam divididas em duas partes pràticamente iguais, seja qual fôr a idade, o estado civil ou o grau de instrução das entrevistadas. Únicas diferenças expressivas: 63% das ricas, 68% das universitárias e 69% das cariocas crêem que a mulher tem as mesmas necessidades que o homem.

O papel da mulher nas relações sexuais é sòmente satisfazer o marido?

Pouco mais de um quarto das entrevistadas ainda pensa que sim. Mas 97% das universitárias discordam disso. E é bastante significativo que as mais jovens (77%) tenham uma concepção muito menos passiva do papel sexual da mulher do que as mais velhas (58%). Outro dado: apenas 18% das solteiras (contra 31% das casadas) concordam que a função da mulher é sòmente satisfazer o marido.

A senhora recebeu de seus pais uma boa educação sexual?

A maioria acha que sim: 56%. Mas fica claro que quanto maior a instrução, menor a certeza: apenas 24% das universitárias, contra 62% das com curso primário e 50% das com curso colegial, acreditam que receberam uma boa educação sexual.

A senhora justifica a infidelidade da mulher em alguns casos?

Resultado inesperado: 41% justificam. Evidentemente, êsse número é maior entre as sem religião (67%), mas é também significativo entre as católicas (39%). As entrevistadas que justificam a infidelidade feminina chegam a constituir 50% das mulheres entre 18 e 24 anos e 51% das mulheres com instrução universitária. Pormenor surpreendente: 51% das solteiras justificam casos de infidelidade, contra apenas 36% das casadas. E que os homens tomem nota: embora 41% das entrevistadas justifiquem a infidelidade da mulher, em certos casos, sò 20% admitem que um homem casado tenha aventuras com outras. SEGUE

Abôrto: em cada 4, uma já o praticou

PESQUISA CONTINUAÇÃO

Nos dias de hoje, continua sendo importante que a mulher seja virgem ao casar?

A tradição é forte: 67% das entrevistadas continuam achando que a mulher deve casar virgem. O número das que têm essa opinião decresce com o grau de instrução: é de 81% entre as analfabetas e de 54% entre as que fizeram curso universitário. Como se podia esperar, a porcentagem de sim é maior no interior (72%) do que nas capitais (65%) mas é maior também entre as protestantes (74%) do que entre as católicas (68%). Fato interessante: as jovens (73%) dão mais importância à virgindade do que as mulheres mais idosas (66%).

Acha justo casar sem amor, só para reparar o mal?

Apenas 10% acham que sim. E êste número só aumenta significativamente entre as mulheres com 50 anos ou mais (19%) e entre as com instrução primária (15%). É evidente, portanto, que nesse campo, a esmagadora maioria das mulheres brasileiras pensam que o amor é mais importante do que as convenções sociais.

A mãe solteira merece ser amparada pela sociedade?

Outra indicação de que elas estão se livrando de muitos preconceitos: 93% responderam que a mãe solteira merece amparo. E o número das que assim pensam vai de 100% entre as ricas para 91% entre as pobres. É maior entre as católicas e sem religião (em ambos os casos 93%), do que entre as protestantes (81%).

O abôrto é admissível em casos extremos?

Quase dois terços acham que é. Admitem o abôrto 80% das mulheres sem religião, 65% das católicas e apenas 41% das protestantes. Mais uma vez, porém, as maiores diferenças de opinião dependem do grau de instrução: enquanto sòmente 34% das analfabetas admitem o abôrto em casos extremos, 73% das universitárias o acham admissível.

A senhora já abortou?

Fato assustador: uma em cada quatro entrevistadas respondeu que já provocou abôrto. Aqui, não houve diferenças significativas entre as classes sociais. Mas, apesar de sòmente 34% das analfabetas acharem permissível o abôrto em determinadas circunstâncias, 44% confessaram já ter abortado. Felizmente, a incidência desce com a instrução — 30% das com curso primário, 21% das com curso secundário, e 11% das universitárias já abortaram — e isso parece ligado ao emprêgo maior de métodos anticoncepcionais por parte das mulheres mais evoluídas. Das entrevistadas, já abortaram 24% das católicas, 37% das protestantes, 39% de outras religiões e 13% das sem religião. Finalmente, declararam já ter abortado 3% das solteiras, 35% das casadas e 67% das desquitadas.

A senhora considera a homossexualidade uma doença?

Dois terços das entrevistadas são de opinião que a homossexualidade é doença e não vício. E, quanto maior a instrução, maior a porcentagem das que têm êsse ponto de vista: 84% entre as de nível universitário, 50% entre as as analfabetas.

A senhora considera tôda prostituta uma criminosa?

De forma geral, as entrevistadas se mostram bastante compreensivas: 82% responderam não. Para mostrar a fôrça dos preconceitos, mais uma vez estão entre as analfabetas e as mulheres de classe pobre (31 e 23%) as maiores porcentagens das que consideram a prostituição um crime. As que melhor entendem o problema, ligado essencialmente às questões sociais e econômicas, são as mulheres de instrução média e superior (90% delas não consideram que tôda prostituta seja, sempre, uma criminosa).

Um casal pode continuar a se amar depois de muitos anos de casamento?

A grande maioria (88%) das entrevistadas acham que o amor pode continuar. Mas as jovens (91%) e as solteiras (89%) são mais otimistas do que as casadas (86%) e as universitárias (78%).

Alguma vez a senhora já se arrependeu de ter casado?

O homem brasileiro parece ser um bom marido, pois apenas 20% das casadas responderam sim. O número das que se arrependeram é maior nas classes pobres e rica (25 e 21%), que na classe média (13%). Finalmente, as protestantes (29%) se queixam mais do que as católicas (17%), e as mulheres residentes nas capitais (22%) mais do que as interioranas (15%).

A mulher deve interferir na maneira de vestir do marido?

55% deixam o marido sossegado na escolha de suas roupas, mas 45% acham que devem dar palpites. E quanto maior a idade ou a instrução, mais elas opinam.

A senhora acha que o homem deve interferir na maneira de vestir da mulher?

Equilíbrio quase perfeito: 51% acham que não; 49% querem a opinião do marido. As únicas claramente contrárias à interferência masculina no mundo da moda são as desquitadas (67%).

A senhora se interessa pelo trabalho de seu marido?

Muitos maridos não vão acreditar, mas 93% das casadas declararam interessar-se. E quanto mais jovens, maior o interêsse: 100% das que têm de 18 a 24 anos acompanham o trabalho do marido, comparado com 90% das acima de 50 anos.

O desquite é melhor que o divórcio?

Confirmação de outra grande pesquisa nacional já realizada por REALIDADE: 78% das mulheres brasileiras preferem o divórcio ao desquite. E embora as porcentagens variem muito pouco entre os vários grupos, há um nítido aumento, na medida em que cresce o grau de instrução: 69% das analfabetas, 80% das com curso secundário e 92% das universitárias escolhem o divórcio como melhor solução.

A senhora admite ter relações de amizade com pessoas desquitadas?

80% admitem, e entre as ricas está a maior porcentagem das que não se preocupam com o casamento legal de seus amigos: 97%. A menor proporção aparece entre as analfabetas: 59%. Êsses dois índices devem refletir a maior e menor presença de pessoas desquitadas — e não simplesmente separadas — nas duas classes sociais. Outros dados expressivos: as mulheres com instrução primária (27%) fazem muito mais restrições aos desquitados que as universitárias (apenas 3%), e as mulheres do interior (22%) bem mais que as de São Paulo e Rio (13%).

A senhora acredita que é possível ter filho sem dor?

Não, dizem 53% das entrevistadas, apesar dos métodos de parto sem dor serem aplicados no Brasil há mais de dez anos. Quem mais acredita são as de formação universitária e ricas (65% e 64%), quem mais disse não, as pobres e as de curso primário (62 e 64%). Conclusão: as técnicas de combate ao mêdo e a utilização dos reflexos condicionados e da ginástica, capazes de reduzir substancialmente as dores do parto, ainda não foram divulgadas entre aproximadamente metade das mulheres brasileiras.

SEGUE

- meu nome é Tekinho

solução para a família resolver seus problemas de ver televisão!

companheiro da mamãe o dia inteiro

TeKinho vai correr a casa tôda, alegrando a família e descansando o televisor da sala. De portátil mesmo, só a caixa, o pêso reduzido e a tela de 13 polegadas. No mais, um grande televisor!

permitido para a garotada até 21 horas

TeKinho é um TeleKing 3FI. O único que capta em 3 Frequências Intermediárias a Imagem e o Som, sem interferências e ruídos. Ajusta direto o Som e Imagem com absoluta sensibilidade para os sinais fracos.

para o papai fugir da novela

Além de tudo, TeKinho trabalha a frio. É o primeiro semitransistorizado da América do Sul! Economisa energia e não precisa regulador de voltagem, porque tem VDR-exclusivo controlador da corrente.

O seu revendedor preferido já tem o TeKinho!

produzido por ELETROVISÃO S/A

que também fabrica os famosos TeleKing de 19 e 23 polegadas.

Esc. Central: Av. Rio Branco, 156 - conj. 334 - Tel. 22-7028 - GB.

Felicidade é possível sem o casamento

PESQUISA CONTINUAÇÃO

Em certas circunstâncias, um casal tem o direito de evitar filhos?

Sim, disse a grande maioria de 87%. E, embora tenham muito maiores problemas nessa área, foram as pobres e as analfabetas que mais responderam não: 21 e 37%. Detalhe inesperado: apenas 15% das católicas se declararam contra qualquer tipo de contrôle da natalidade.

A senhora e seu marido evitam ter filhos?

Se 87% das entrevistadas acham que têm o direito de evitar filhos em certas circunstâncias, apenas 46% das casadas estão, atualmente, evitando. De nôvo aqui, paradoxalmente, quem menos evita são as pobres: 63% delas não o fazem, contra 41% das de classe rica. E a influência da religião é menor do que se podia esperar: 53% das protestantes, contra 44% das católicas, declaram que estão evitando ter filhos.

A senhora já tomou pílulas anticoncepcionais?

19% responderam sim. Com um dado muito significativo, talvez ligado aos preconceitos que cercam o assunto: quem mais usa pílulas anticoncepcionais são as jovens: 41% delas — entre 18 e 24 anos — adotam o processo, contra 30% das entrevistadas entre 25 e 34 anos e 11% entre 35 e 50 anos. Das católicas, 17% confessaram ter feito uso da pílula, apesar da proibição da Igreja.

Se a Igreja autorizasse o emprêgo das pílulas anticoncepcionais, a senhora as usaria?

Resultado dramático: enquanto apenas 19% das entrevistadas tomam pílulas atualmente, o índice iria além do dôbro (para 45%) se a Igreja autorizasse sua utilização. Mas o fato de que 53% das católicas responderam que **não** usariam pílulas anticoncepcionais mesmo que a Igreja permitisse, indica que os fatôres determinantes não são apenas de ordem religiosa.

Seus filhos estão recebendo uma formação que lhes permitirá serem felizes no futuro?

A grande maioria (90%) está bastante satisfeita com a educação de seus filhos. Embora pouquíssimas entrevistadas pareçam estar preocupadas, as menos satisfeitas são as pobres (87%) e as jovens (79%).

Os pais devem escolher a carreira ou profissão dos filhos?

O bom senso prevalece: 87% acham que os pais não se devem meter na escolha da carreira dos filhos. Mas esta atitude varia bastante: enquanto apenas 2% das ricas e 8% das mulheres de classe média são a favor da interferência dos pais, 19% das pobres pretendem determinar o futuro de seus filhos. Paralelamente, **nenhuma** das universitárias e sòmente 9% das jovens mães são a favor, mas 34% das analfabetas e 17% das mais velhas defendem êsse ponto de vista.

A senhora acha que é função da mãe dar educação sexual também aos filhos homens?

Nesta questão as opiniões estão divididas, pràticamente metade para cada lado. Uma coisa, porém, ficou bem clara: quanto maior a instrução, maior o número das que respondem positivamente — 70% das universitárias disseram **sim.**

As crianças educadas com rigor conseguem um resultado positivo na vida?

Aqui há bastante divergência. As pobres, por exemplo, acreditam muito mais (71%) no bom resultado de uma educação rigorosa do que as ricas (46%), assim como as mais velhas mais que as mais novas. A grande diferença, no entanto, está no grau de instrução: 66% das analfabetas aprovam o rigor, contra 32% das universitárias. No total geral, 61% das entrevistadas responderam afirmativamente. E de uma coisa quase ninguém escapa: 81% são de opinião que os pais, em determinadas circunstâncias, podem bater nos filhos.

O pai é tão importante quanto a mãe na educação dos filhos?

Elas não querem educar seus filhos sòzinhas: 86% disseram que sim.

A juventude de hoje é irresponsável?

Quanto mais pobres, mais velhas e menos instruídas, maior o número de entrevistadas que respondem afirmativamente. No resultado geral, porém, a maioria das entrevistadas (60%) acredita nos jovens, afirmando que não são irresponsáveis.

A mulher e seus ideais

A mulher precisa ser bonita para ser feliz?

Talvez elas achem que isso ajude bastante, mas 95% preferiram dizer que não. As analfabetas foram taxativas: não há uma única que faça relação entre beleza física e felicidade. Já entre as universitárias, 8% acham que é necessário ser bonita para ser feliz.

A senhora gostaria de ter estudado mais?

Aqui houve um retumbante **sim:** 91%. E o que mais ressalta essa vontade de estudar é o fato de 76% das que concluíram o curso universitário terem respondido também positivamente.

A mulher que não se casa pode ser feliz?

Os homens talvez devessem pensar um pouco mais no assunto, pois mais de três quartos das solteiras acham que pode. Entre as mais pobres (61%) e as analfabetas (56%) há um pouco menos convicção que a mulher pode ser feliz sem casar. Mas quanto melhor a situação econômica (81% das ricas) e melhor a instrução (86% das universitárias), mais as entrevistadas pensam que podem ser felizes sem necessàriamente subir ao altar.

A mulher, mesmo que não precise, deve trabalhar?

Só 32% disseram que deve, indicando que dois terços das entrevistada não dão muita importância à independência econômica. Unicamente no caso das universitárias é que a resposta positiva foi maior que a negativa: 57% acham que vale a pena trabalhar mesmo quando não há necessidade.

Para que a mulher se realize completamente basta ser espôsa, mãe e dona de casa?

A grande maioria acha que sim: 81%. As pobres mais que as ricas — 83% contra 65% — as analfabetas mais que as que estudaram — 75% contra 54% das universitárias. E, deixando claro que não apenas dão muito valor a estas suas funções essenciais, mas também as aceitam com prazer, as casadas mais que as solteiras: 85% contra 74%.

É assim termina a pesquisa.

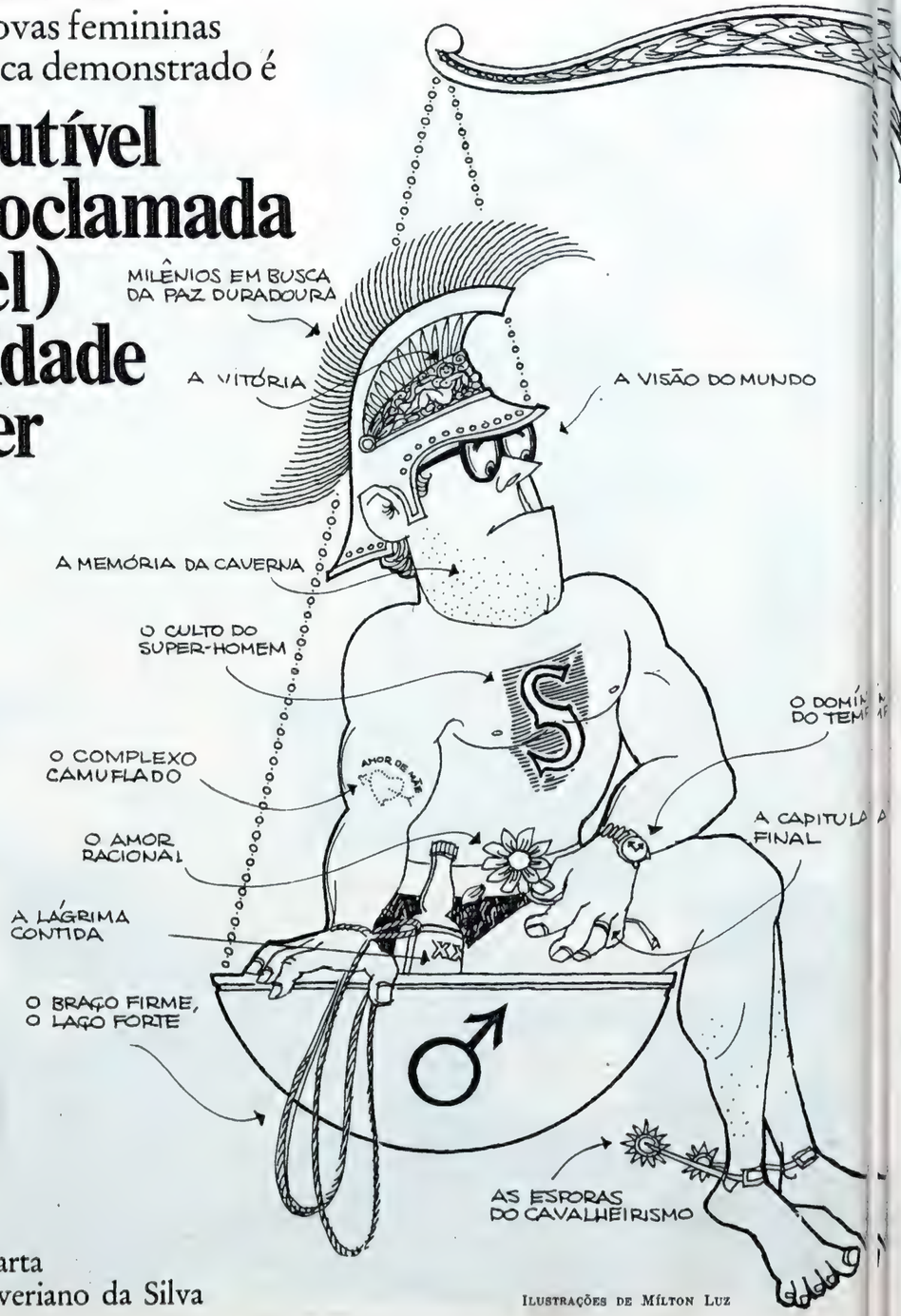
O resultado global é animador: há muito de nôvo e positivo no mundo da mulher brasileira.

Embora, aqui e ali, os preconceitos apareçam ainda com bastante fôrça, em outras áreas — talvez as mais importantes — percebe-se com clareza que a mentalidade é mais aberta do que normalmente se imagina.

E, quanto mais equilibradas, liberais e realistas elas forem, maiores as oportunidades de serem felizes. FIM

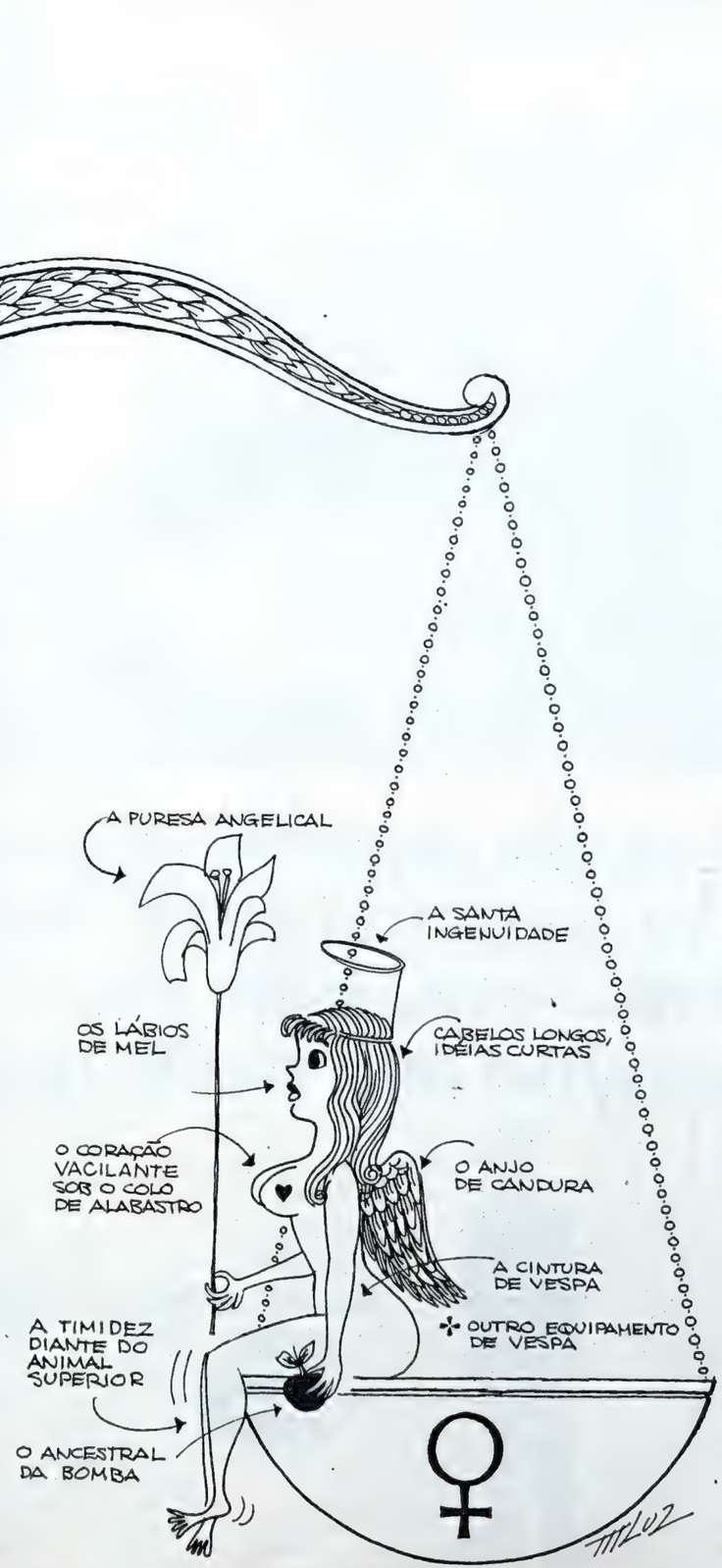
Quando sentiu que é inferior à mulher, o homem começou a inventar milhões de argumentos para provar o contrário. Mas, colocando suas desculpas de um lado e as irrespondíveis provas femininas do outro, o que fica demonstrado é

A indiscutível nunca proclamada (e terrível) superioridade da mulher



Pesquisa de Daisy Carta
Texto de Mylton Severiano da Silva

Ilustrações de Mílton Luz



Faz um milhão de anos, o homem sentou-se numa pedra, pensou, pensou, e descobriu o complexo de inferioridade: "A mulher pode procriar, eu não." A inveja que sentiu foi tão grande, que era preciso inventar alguma coisa para compensar. Então começou a dizer: "Mas eu sou mais forte, mais inteligente; a mulher é fraca e burra. Eu sou superior." E foi repetindo isto, muitas vêzes, durante muito tempo, até que êle e a própria mulher acabaram acreditando.

Foi mesmo no tempo das cavernas que tudo começou. O homem tinha mais músculos, ia caçar. A mulher quando muito colhia raízes, frutos, mel, sem ir muito longe e sem se meter nos *negócios* do homem — porque além de tudo havia suas obrigações de mãe.

Por causa da caça, o homem foi desenvolvendo mais e mais sua habilidade manual, e começou a estudar o clima, a região, o hábito dos animais, a melhor maneira de fabricar suas armas. Na divisão do trabalho entre os dois sexos, portanto, a parte mais ativa ficou com o homem por simples diferenças biológicas, mal interpretadas, é claro. E muito embora o homem tenha chegado até a considerar a maternidade como uma desvantagem, o organismo feminino está mais do que preparado para suportar a gravidez, o parto, a amamentação e a educação dos filhos, e ainda trabalhar como qualquer homem.

Daí a grande inveja, que não acabou até hoje. E daí a vingança do homem: êle tenta vencer seu complexo de inferioridade impondo à mulher outro complexo de inferioridade.

Afinal, por que seria êle superior? Por ser maior, mais musculoso? Por ter o cérebro mais pesado?

Ora, a ciência dos homens tem provado que são as mulheres que suportam melhor a fome, a fadiga, o choque emocional, as doenças. Seu corpo de músculos frágeis é muito mais resistente. E o corpo do homem paga caro para ser grande e forte. Seu desgaste é maior e mais rápido.

SEGUE

TRAJE CRIADO E EXECUTADO POR LINO ANDREOLLA — PÔRTO ALEGRE

não estranhe se, de repente, alguém estiver mais interessado em V. que na própria arte... – seu traje em Tergal-lã Guahyba tem muito que ver com isso!

Porque é o melhor Tergal Brasileiro: combinação exata da fibra Poliester com a lã mais selecionada do Rio Grande do Sul. Padrões evoluidos dão presença a quem veste uma roupa em Tergal-Lã Guahyba, em qualquer ambiente.

Mais um tecido da
CIA. INDUSTRIAL RIO GUAHYBA
Rua México, 175
Pôrto Alegre

Ser superior é ser um monte de músculos?

Verdade que o cérebro masculino é maior Mas isto foi um bom argumento até que as investigações científicas descobriram outra coisa: o maior cérebro humano já medido era o de um idiota; e um dos menores era o do escritor Anatole France. Além do mais, o pêso do cérebro feminino corresponde a 2,5% do pêso de seu corpo; e o pêso do cérebro masculino corresponde a 2%. Desta maneira, o cérebro da mulher acaba sendo maior que o do homem em relação ao corpo.

A inferioridade intelectual feminina é desmascarada por qualquer teste. As meninas de dois a quatro anos têm quociente de inteligência maior que o de meninos da mesma idade. A superioridade verbal das mulheres é nítida. Em testes de analogia e memória, as meninas costumam deixar os meninos longe. Por que, então, elas não se tornam inventoras, cientistas, artistas, na idade adulta? Puro preconceito: ao chegar à adolescência, as meninas são imediatamente colocadas num beco de duas saídas — casar ou ficar para titia. Então passam a se preparar para o casamento. Enquanto isso, os meninos aprendem que é preciso estudar, trabalhar, ganhar a vida. Na verdade, esta diferença de tratamento começa bem antes. Muitos pais educam as meninas só para o casamento e já não dão muita importância aos seus estudos desde a infância. A inferioridade intelectual da mulher foi inventada pelo homem. Ser superior é ser mais resistente, mais saudável de corpo e alma — enfim, ser muito mais que um monte de músculos bonitos e fortes. No entanto, para impressionar as mulheres e provar que é o tal, o homem ainda acha que o que tem a fazer é praticar esportes e depois dobrar os braços, disfarçadamente, para mostrar seus bíceps de 46 centímetros de diâmetro. E ser valente e durão de sentimentos e, ao mesmo tempo, cortês e cavalheiro com elas, segundo um código paternalista e já meio caduco, que diz mais ou menos isto: "Eu sou superior e devo dar-lhe meu amparo, minha generosa proteção, a fim de tornar mais fácil e segura a sua vida."

O cavalheirismo sempre foi uma espécie de biombo de boas maneiras, para esconder egoísmo, arrogância e desprêzo pelos direitos da mulher. Uma falsa benevolência, tanto que hoje, quando elas começam a entrar em competição com êles, adeus cavalheirismo... Polidez só para as boazinhas, submissas e obedientes — as que não se metem nos **negócios** de homem.

Pois é justamente nesses negócios — o seu trabalho — que êle se realiza e consegue compensar o complexo de inferioridade que lhe desperta a incapacidade de procriar. Por isso, nada de competição direta: elas podem levar a melhor. Homem casado, por exemplo, raramente permite que sua mulher trabalhe. Morre de mêdo que alguém venha lhe perguntar se êle não consegue manter a família sòzinho. "Minha mulher não precisa trabalhar", eis o que êle quer poder responder, sem esconder um grande orgulho, que no fundo significa: "lá em casa eu mando, quem ganha o dinheiro sou eu."

Diante de tanta prepotência, a mulher precisou aprender a domar o homem. Uma lágrima aqui, uma dorzinha ali, um desmaio na hora exata, um ataque de histeria bem dosado, e muitos outros truques, todos aplicados com precisão matemática, sempre fizeram parte do estôjo de primeiros-socorros sentimentais da mulher. E continuam sendo usados até hoje, com certo êxito. Porque a maioria dos homens ainda gosta dêste equipamento feminino. Lágrimas, calafrios, desmaios comprovam a fraqueza delas. Mas nunca lhes passa pela cabeça que é tudo de mentirinha, e que enquanto êle fica medindo o tamanho de sua superioridade, está apenas provando a sua desmesurada inferioridade.

A arma feminina mais freqüente e mais eficaz, porém, foi e continua sendo o próprio sexo. Nesse terreno a mulher joga com arte e artimanha, mas nem sempre usou habilidade — é preciso reconhecer. Por causa disso, o sexo ganhou uma importância exagerada no plano das necessidades do homem. Socialmente, sua beleza e seu significado foram doentiamente desvirtuados — pelos homens. A maioria dêles acha que amar é deitar-se com uma bela mulher; e a base do casamento é a atração física. Aí a fôrça bruta do homem trabalha à vontade. Cria regras morais severíssimas, controla o comportamento sexual da mulher. Duvida de sua fidelidade, tem mêdo de ser traído, mas ao mesmo tempo espalha que infidelidade masculina não é tão pecado assim, pelo contrário, é uma prova de saúde e virilidade. No mundo civilizado de hoje, a importância que em muitas sociedades se dá à virgindade pré-nupcial não é nenhum interêsse pelo bem-estar físico e moral da mulher: é apenas mais uma demonstração de grande insegurança do homem.

"Nós usamos a cabeça, elas usam o coração", eis outra invenção dos homens para provar sua superioridade. Acontece que a mulher não tem vergonha de mostrar o que sente. E êles, desde pequenos, são treinados para esconder as emoções. "Homem não chora", dizem-lhes. As meninas aprendem que podem rir ou chorar em público, mas que não devem brigar nem dizer palavrões. Os meninos fazem fôrça para não chorar, em compensação vivem brigando na rua e xingando nome feio.

SEGUE

O homem é apenas uma mulher imperfeita?

Seu autodomínio, afinal, se exerce apenas nas glândulas lacrimais. O homem é inibido. Quando precisa chorar, bebe. O alcoolismo é muito maior entre os homens. E as mulheres, por pior que seja a situação, controlam-se na hora de beber, quase não brigam, não dizem palavrões, não perdem a calma.

A mulher usa a emoção porque sabe usá-la. O que se costuma chamar de "instabilidade emocional feminina" é apenas uma prova de que ela tem um mecanismo que lhe permite suportar os abalos e as tensões com muito mais paciência. A mulher é um carro de molas flexíveis e macias: vibra bastante com os solavancos do caminho, mas com menos tensão. Por isso tem vida mais longa. O homem é um carro de molas duronas: acabam quebrando de uma hora para outra.

Basta olhar certas estatísticas: 1 — há mais homens que mulheres em manicômios e hospitais para doenças mentais; 2 — êles se suicidam muito mais que elas; 3 — esgotamento nervoso, úlcera do estômago e distúrbios psicossomáticos são doenças mais masculinas que femininas; 4 — as mulheres adoecem com mais freqüência, mas se recuperam com mais rapidez.

A superioridade biológica da mulher é um fato provado cientìficamente. Está nos cromossomos sexuais, para quem puder ver, munido de um microscópio bem poderoso. Os cromossomos sexuais são de dois tipos: o X e o Y. No instante da fecundação, o espermatozóide traz um cromossomo sexual, que pode ser X ou Y; o óvulo, por sua vez, tem sempre o cromossomo X. Se o par formado fôr X com X, a criança será do sexo feminino. Se o par fôr X com Y, a criança será do sexo masculino.

Acontece que êsse cromossomo Y, responsável pelo nascimento do homem, é menor e mais fraco que o cromossomo X. Assim, genèticamente falando, o homem é apenas uma mulher imperfeita. Com conseqüências como a hemofilia — incapacidade do sangue de coagular (qualquer ferimento pode provocar uma hemorragia mortal): as meninas que herdam o gen hemofílico não sofrem da doença; os meninos, ou morrem antes mesmo de nascer, ou depois.

Dezenas de anomalias ocorrem com muito mais freqüência no homem por causa dos defeitos do cromossomo Y: albinismo (falta de pigmentos nos olhos); calvície; cegueira diurna e noturna; daltonismo (incapacidade para distinguir certas côres); miopia; vista cansada; deslocamento da retina; quistos da pele; deficiência do esmalte dentário; e muitas outras.

Desde antes de nascer, portanto, o homem é mais frágil e está mais arriscado a perecer. No primeiro ano de vida, morrem três meninos para cada duas meninas; aos 21 anos, morrem três rapazes para cada duas môças; aos 55 anos, morrem três homens para cada 1,6 mulheres. Alguns tentam desprezar esta vitória das mulheres, dizendo que o homem vive menos porque trabalha muito, submetido a muitas tensões. Mentira. Qualquer espôsa e mãe, além de trabalhar dobrado no lar, submetida a suas próprias tensões, ainda é obrigada a participar dos problemas que o marido traz para casa.

A verdade é bem outra: a biologia, a antropologia, a psicanálise, as estatísticas — tudo prova que a mulher é superior. Ela cria e recria a vida, com amor. De todos os sentimentos possíveis entre sêres humanos, o mais perfeito é o amor da mãe pelo filho: nêle estão sintetizados todos os outros sentimentos elevados — altruísmo, abnegação, humildade, perdão. Ao passar pela experiência de ser mãe, a mulher chega a uma profunda compreensão da humanidade. Ela sabe que o mundo precisa mais de amor que de competição: ela é superior, para que brigar?

Pode o homem dizer à vontade que é **o bom.** Ela vai continuar fingindo que acredita, em nome do amor. E chegamos à prova definitiva: a mulher é superior, pois deixa o homem pensar que o superior é êle. FIM

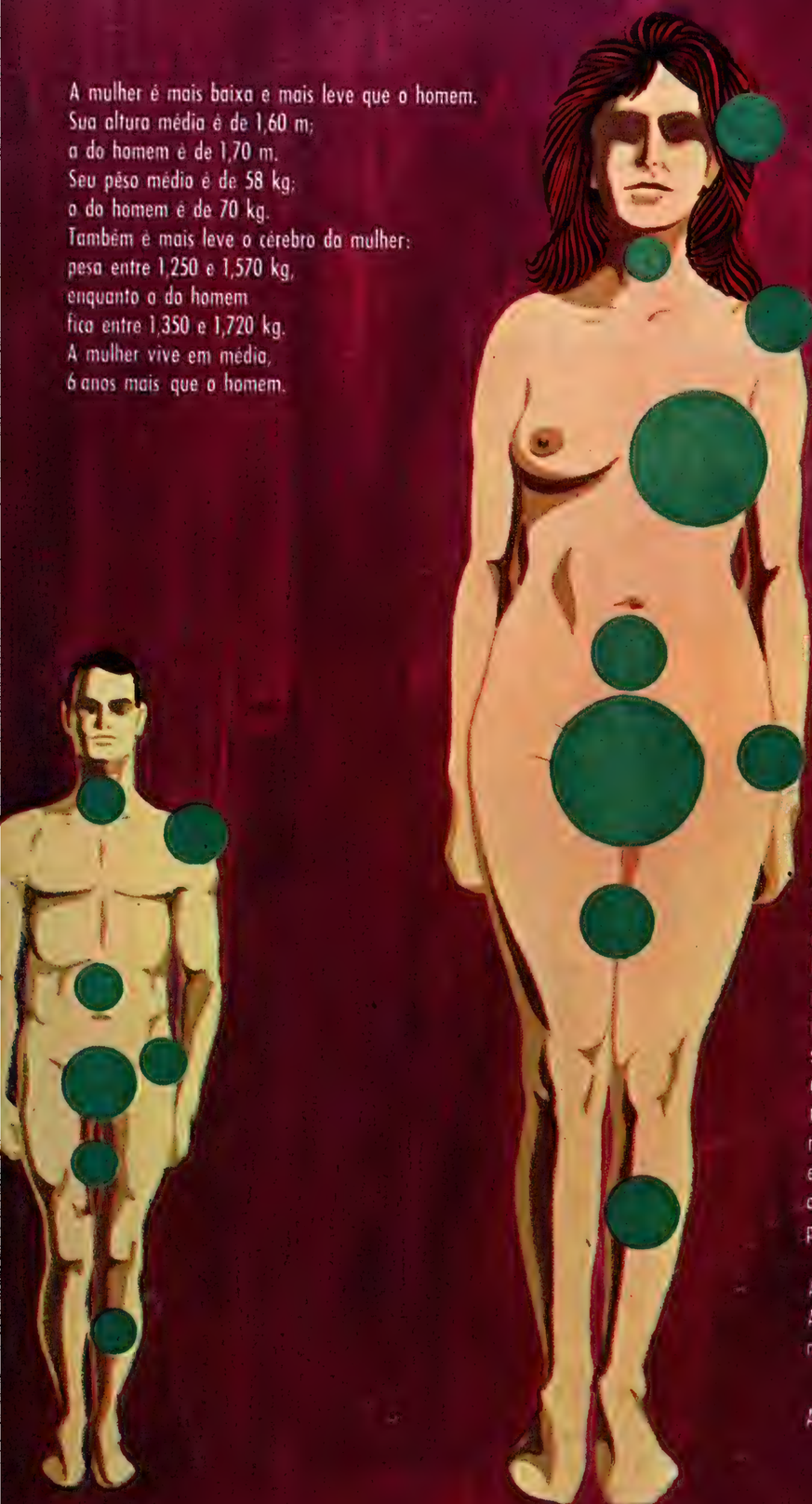
A Sra. Lia Leme tem uma ótima razão para usar o melhor produto que existe.

Aqui está:
(Terezinha Leme)

Não é uma boa razão? Por isso é que a Sra. Lia Leme só usa Claybom. Claybom é enriquecido com 30.000 unidades de vitamina A por quilo. É o que existe de mais saudável para as crianças passarem no pão, nas bolachas, nas torradas. Quantas crianças a Sra. tem em casa? Ou melhor: quantas razões a Sra. tem para usar Claybom?

Um produto
ANDERSON CLAYTON

A mulher é mais baixa e mais leve que o homem.
Sua altura média é de 1,60 m;
a do homem é de 1,70 m.
Seu pêso médio é de 58 kg;
o do homem é de 70 kg.
Também é mais leve o cérebro da mulher:
pesa entre 1,250 e 1,570 kg,
enquanto o do homem
fica entre 1,350 e 1,720 kg.
A mulher vive em média,
6 anos mais que o homem.



A mulher tem mais cabelo
e muito menos tendência à calvície.
Não possui barba ou bigode.

A mulher tem laringe mais estreita e,
portanto, voz mais aguda.

A mulher tem ombros mais estreitos.

A mulher tem glândulas mamárias
desenvolvidas – seios. No homem
estas glândulas se atrofiam.

A mulher tem o abdômen mais baixo.

A mulher tem a bacia mais larga
que a do homem; e normalmente mais
larga que seus próprios ombros.

A mulher tem órgãos genitais característicos e
diferentes dos do homem,
embora sejam correlacionados porque partiram
ambos do mesmo esbôço embrionário.
Na mulher, os pelos pubianos se distribuem
numa área triangular, bem definida;
no homem êles se distribuem por uma área m
sem limites definidos. A mulher possui um
ciclo menstrual; no homem
não há nada semelhante. A vida fértil é
mais curta na mulher: vai dos 14 aos 45 anos
em média; no homem, vai dos 15 ou 16
até idade avançada, sem a
paralisação repentina que ocorre na menopaus

A mulher tem coxas arredondadas.
As do homem são mais
musculosas e separadas entre si.

A mulher tem a perna mais curta.

No instante em que o espermatozóide fecunda o óvulo, o sexo da futura criança já está definido. Se fôr mulher, o que terá acontecido, e o que virá a acontecer daí para a frente?

ELA É ASSIM

Duzentos milhões de células se lançam à grande corrida. Invisíveis a ôlho nu, elas avançam pela vibração de suas caudas e o objetivo de tôdas é um só: alcançar primeiro uma outra célula, bem maior, que as atrai quìmicamente. As pequenas células que correm são os espermatozóides, as células sexuais do homem. A célula grande, imóvel, é o óvulo, a célula sexual da mulher. No fim da disputa, um dos espermatozóides entra no óvulo, que imediatamente impede a penetração de qualquer outra célula sexual masculina. É a fecundação. Decidiu-se, então, quase tudo a respeito do nôvo ser que irá nascer nove meses depois — inclusive o sexo.

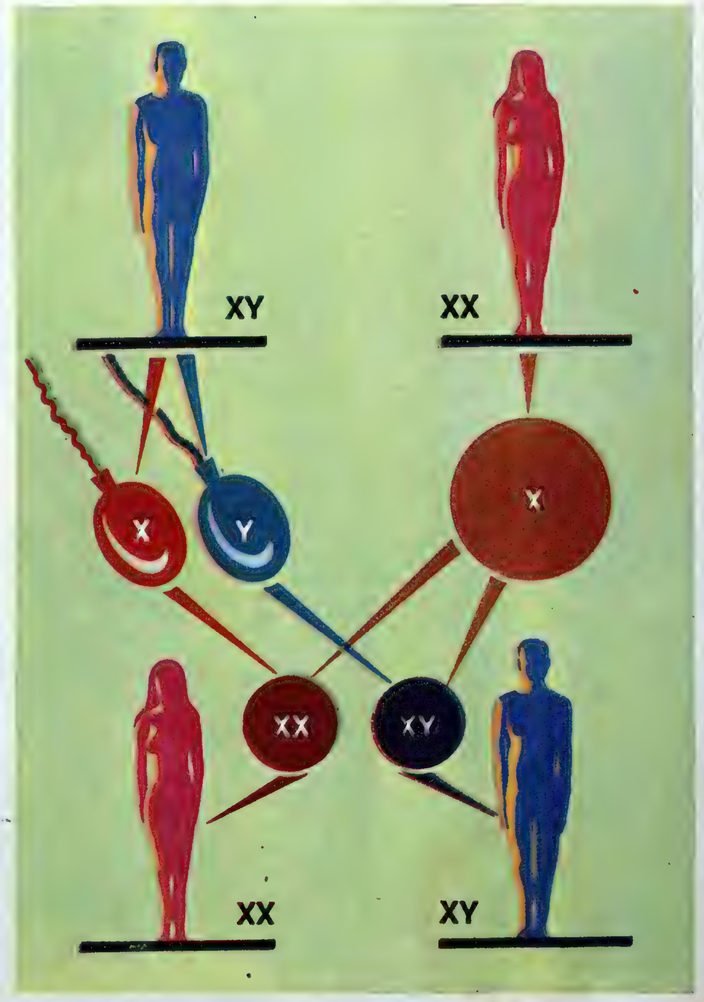
Durante milênios, os homens se perguntaram por que nasciam meninos, por que nasciam meninas. E muitas **teorias** foram surgindo, ligando o sexo do bebê à qualidade ou à quantidade dos alimentos consumidos pela mulher grávida, à fôrça física do pai, à influência dêste ou daquele deus, a esta reza ou àquela simpatia. Mais tarde, quando o homem começou a examinar os órgãos internos do corpo humano e descobriu que a mulher tinha dois ovários, veio outra explicação: os óvulos que saíam de um dos ovários eram de meninos, os que saíam do outro, de meninas. Assim, à mãe cabia o papel de determinar o sexo dos filhos. Hoje, entretanto, a ciência já sabe a verdade: quem decide o sexo do bebê é o espermatozóide que ganha a corrida da fecundação.

Todos os sêres vivos são constituídos por células, que, em seu centro, no chamado núcleo, possuem uma série de filamentos — os cromossomos. Em cada uma e em tôdas as células de todos os sêres humanos estão guardadas, nos cromossomos, as suas características hereditárias: côr dos olhos, dos cabelos e da pele, formato do rosto, do corpo, tudo, enfim, que se transmite dos pais aos filhos. São 46 os cromossomos existentes nas células da espécie humana e que, por sua forma, podem ser reunidos em pares. Também o sexo do indivíduo é determinado pelos cromossomos, e para que êle se reproduza o organismo fabrica as células sexuais: espermatozóides no homem, óvulos na mulher. Nessas células sexuais, e só nessas, o número de cromossomos reduz-se exatamente à metade: 23. E isto para que, quando o espermatozóide penetrar um óvulo, depois do ato sexual, a nova célula que se forma — célula-ôvo — tenha os 46 cromossomos da espécie humana, resultado do encontro entre os 23 cromossomos do pai, trazidos pelo espermatozóide, e os 23 da mãe, contidos no óvulo. Assim, em cada um dos novos pares que se formam, na célula-ôvo, um componente veio do pai, outro da mãe.

Entre os 23 pares de cromossomos existe um chamado cromossomo sexual, responsável pela determinação do sexo. Na mulher, os dois componentes dêsse par são iguais entre si e chamados de cromossomos **X**. O sexo feminino, é determinado pelo par **XX**. No homem, o par de cromossomos é desigual: existe um cromossomo **X**, igual ao da mulher, e outro diferente, chamado **Y**. Assim, o que determina o sexo masculino é a existência de um par de cromossomos sexuais **XY**.

Quando a mulher produz óvulos, como êstes têm apenas um componente de cada par, todos os óvulos terão — considerando-se apenas os cromossomos sexuais — um cromossomo **X**. Mas no homem, metade dos espermatozóides produzidos terá cromossomos **X** e metade cromossomos **Y**. No instante da fecundação, o acaso determinará se o espermatozóide a penetrar o óvulo será **X** (e nesse caso nascerá uma mulher) ou **Y** (nascerá um homem). A possibilidade, portanto, é de 50% para o nascimento de menino ou menina. Mas um dia, talvez não muito longe, quando aprender a separar os espermatozóides **X** dos **Y**, poderá a humanidade controlar e determinar o nascimento de homens e mulheres.

SEGUE



A determinação do sexo: as células do corpo do homem possuem os cromossomos sexuais XY. *Na mulher, êstes cromossomos são* XX. *Todos os óvulos trazem um* X *e metade do número de espermatozóides tem* X, *outra metade* Y. *Da fecundação por um espermatozóide com* Y *nasce um homem* (XY), *da fecundação por um espermatozóide com* X *nasce uma mulher* (XX).

Ilustração de
Eduardo Barreto Filho e Jaime Figuerola

É no útero que tudo começa

O sexo está determinado desde o momento da fecundação, mas os órgãos sexuais só vão desenvolver-se a partir da sétima semana de gravidez até o fim do terceiro mês, quando quase todos os outros órgãos principais estão, no mínimo, delineados. Os órgãos genitais, ainda que já possuam sua estrutura geral nessa fase, só entrarão em funcionamento na puberdade, isto é, aos 13 ou 14 anos.

O sexo feminino, além dos cromossomos sexuais **XX,** é definido pela presença dos órgãos sexuais primários, os ovários: duas bolinhas que têm a forma e o tamanho de uma azeitona, de aproximadamente 35 milímetros, pesando de 10 a 15 gramas. Os ovários estão dentro da cavidade abdominal, perto dos rins. Do nascimento até a puberdade, cada ovário já tem cêrca de 30 mil óvulos em potencial, e em tôda a vida nenhum mais será produzido. Em todo o período fértil da mulher, porém, apenas uns 400 óvulos chegam à maturação.

Os óvulos em potencial estão na periferia do ovário, rodeados — cada um — por um conjunto de células especiais que formam o folículo de Graaf. Quando um óvulo vai se desenvolver, tanto êle como todo o folículo começam a crescer, até virar uma pequena bôlsa cheia de líquido. Esta bôlsa forma uma saliência na parede do ovário e termina por se romper, libertando o óvulo na cavidade abdominal. Então, êle vai para um funil, que é a entrada de um tubo chamado trompa de Falópio. O revestimento interno da trompa está cheio de **pelinhos,** os cílios. Êstes, batendo constantemente, provocam uma corrente que vai transportar o óvulo até o órgão seguinte, o útero. Localizado logo atrás da bexiga urinária, o útero tem aproximadamente o tamanho de uma pêra, com sete a oito centímetros de comprimento. É achatado, mais largo que alto, e levemente inclinado para a frente. Sua função principal é abrigar o embrião e alimentá-lo durante a gravidez. O útero tem paredes musculosas espêssas, revestidas internamente por uma mucosa pregueada, com um grande número de vasos sanguíneos.

A parte inferior do útero, chamada colo, projeta-se para dentro de outro tubo, a vagina, que termina no centro de uma elevação no púbis — o monte de Vênus — com duas pregas de pele de cada lado, os lábios da vulva. Na junção superior dos lábios internos (os pequenos lábios) existe um pequeno órgão eréctil, o clitóris. Abaixo dêle, estão o orifício urinário e a abertura da vagina, que antes do primeiro contato sexual acha-se estreitada por uma membrana, o hímen.

Tanto o aparelho genital masculino quanto o feminino desenvolvem-se a partir de um mesmo esbôço embrionário. Existe uma perfeita correlação entre tôdas as partes masculinas e femininas: aos ovários correspondem os testículos; às trompas de Falópio correspondem os vasos deferentes; ao clitóris corresponde o pênis; e aos grandes lábios corresponde a bôlsa escrotal.

SEGUE

O aparelho genital feminino: o ovário parece uma azeitona e não está diretamente ligado à trompa do útero, que se abre sôbre êle em funil. A trompa é um prolongamento do útero, que no desenho aparece aberto, mostrando a grande espessura da parede. O útero se projeta para dentro da vagina pelo chamado colo do útero. Este último órgão é pregueado e elástico, abrindo-se para o exterior através da vulva.

A ovulação: o óvulo em potencial (o primeiro, em azul, à esquerda) desenvolve-se rodeado por um conjunto de células, o folículo. Com o crescimento forma-se uma bôlsa que faz saliência na parede do ovário, acabando por rompê-la. O óvulo é então libertado. A cavidade deixada no folículo, após a ovulação, é preenchida por células amareladas: o corpo amarelo (embaixo, no desenho). No centro do ovário, dois vasos sanguíneos.

Os hormônios fazem a menina virar mulher

Entre os 13 e 14 anos, a menina passa a ser mulher em tôda a plenitude. Biològicamente, o que acontece? Já se viu que, ao nascer, existia no ovário um grande número de óvulos em potencial, e que não são produzidos novos. Nenhum daqueles folículos que contêm os óvulos, porém, desenvolve-se antes da puberdade. É comum que um ou mais óvulos se desenvolvam completamente na idade de 5 ou 6 anos, mas o processo é logo reprimido. Êste amadurecimento precoce explica os casos de gravidez nessa idade. O caso mais raro de menina-mãe é o de uma peruana que em 1939, com 5 anos de idade, deu à luz um filho.

Quando a menina chega aos 13 anos, a hipófise — uma glândula de secreção interna localizada abaixo do cérebro, na altura dos olhos — começa a produzir um hormônio que os cientistas chamam de folículoestimulante. Êste hormônio promove o desenvolvimento do primeiro folículo no ovário.

As células que constituem o folículo agora em desenvolvimento são por sua vez glândulas de secreção interna também, e produzem outro hormônio, chamado estrógeno, que é o responsável pelo arredondamento das formas, o alargamento dos quadris, o desenvolvimento dos seios, o crescimento do útero e da vagina, o nascimento dos pelos pubianos, a mudança na qualidade da voz e o início dos ciclos menstruais. Além disso, o estrógeno vai reforçar a parede interna do útero. Esta mucosa interna, que geralmente tem apenas um milímetro de espessura, triplica de dimensão. Assim, o útero fica preparado para uma eventual implantação do óvulo, o que ocorreria se êste fôsse fecundado.

O folículo continua crescendo, até fazer uma saliência na parede do ovário. Para isso leva mais ou menos 10 dias. Agora, graças à ação conjunta do folículoestimulante e de outro hormônio, também produzido pela hipófise — o luteinizante —, acontece a ovulação, isto é, a libertação do óvulo.

Após a ovulação, as células dos folículos interrompem a produção de estrógeno, e a mucosa uterina pára de se espessar. Como a hipófise continua a produzir o hormônio luteinizante, êste vai fazer com que as células foliculares multipliquem-se ràpidamente e acabem por preencher o vazio deixado no ovário, formando um conjunto de células amareladas — o corpo amarelo. Mas o corpo amarelo também é um órgão de secreção interna, e vai produzir outro hormônio, a progesterona, que faz várias coisas importantes: sua primeira função é completar, no útero, a ação do estrógeno, fazendo com que a mucosa do útero atinja até cinco milímetros de espessura, cinco vêzes mais que antes do início do ciclo. Outra ação da progesterona é impedir que a hipófise produza o hormônio folículoestimulante, enquanto persistir o corpo amarelo, de modo que nenhum outro óvulo se desenvolve nesse período.

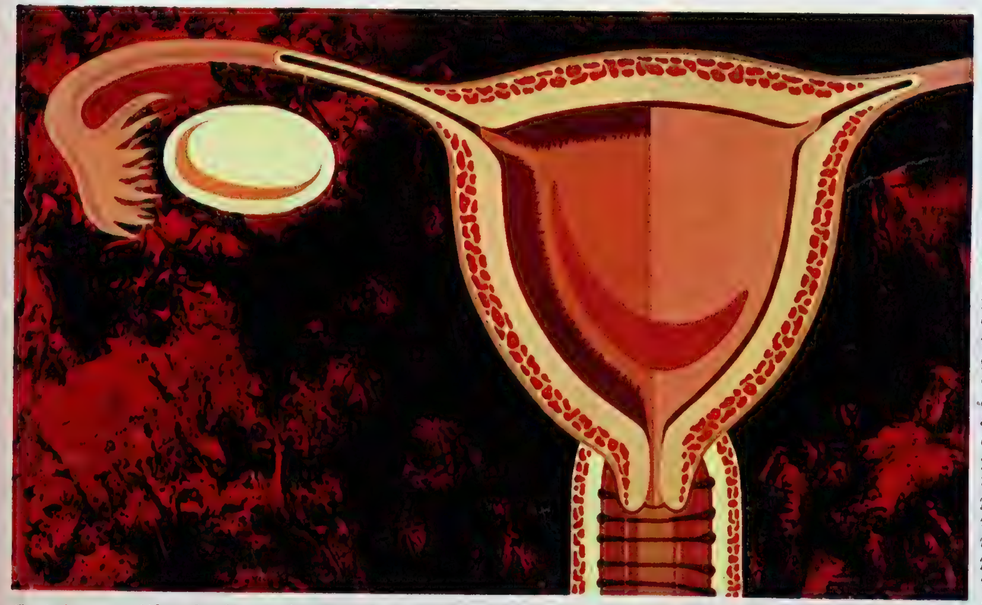
Não ocorrendo a fecundação, o corpo amarelo não produz mais progesterona. Como a manutenção da mucosa uterina depende dêste hormônio, ela começa então a se romper e é eliminada, junto com sangue, pela vagina: é o fluxo menstrual. Agora, sem a progesterona, a hipófise pode recomeçar a produção do hormônio folículoestimulante, e um nôvo folículo vai desenvolver-se, geralmente no outro ovário.

Acontece assim um verdadeiro ciclo, cuja duração total é, geralmente, de 28 dias. Uma primeira parte do ciclo — a do fluxo menstrual — dura perto de quatro dias e nesse período nenhum dêsses hormônios é produzido. Sabe-se que boa parte do comportamento da mulher é regulada pela taxa de hormônios na circulação. Neste período, esta taxa decai, para subir novamente no período seguinte do ciclo (o da recuperação). A queda de taxa de hormônios é a responsável pela freqüente instabilidade emocional da mulher durante êsses dias.

O ciclo menstrual, caracterizado pelo fluxo, determina as épocas de máxima e mínima fertilidade. A ovulação ocorre aí pelo décimo-quarto dia a partir do início do último fluxo, correspondendo evidentemente à época de maior fecundidade. Já o período do fluxo menstrual é a época de mínima fertilidade.

Viu-se que apenas cêrca de 400 óvulos são produzidos em tôda a vida fértil da mulher. Como em cada ciclo ocorre uma ovulação que dura 28 dias aproximadamente, ao fim de 33 ou 34 anos de vida fértil, o número de óvulos está esgotado. Como a vida fértil começa na puberdade, ao chegar aos 45 ou 50 anos, a mulher não produz mais óvulos e não pode mais gerar filhos. É a idade da menopausa, também variável de acôrdo com a mulher. Há o caso de uma americana que, em 1863, teve um filho aos 69 anos.

Na menopausa, como nenhum folículo se desenvolve, não há também a produção de estrógeno, o que provoca um desequilíbrio da taxa hormonal. Freqüentemente, a conseqüência é um desequilíbrio emocional, talvez o aspecto mais importante dêsse período. SEGUE



Corte esquemático do útero: à esquerda, no desenho, representa-se a mucosa espessada, como ocorre imediatamente antes do fluxo menstrual. À direita, esta mesma mucosa, logo após o período menstrual.

Os hormônios: debaixo do cérebro existe uma pequena glândula, a hipófise, que produz o folículoestimulante (representado em vermelho), que o sangue leva até o ovário, onde provoca o desenvolvimento de um folículo. Êste também produz outro hormônio, o estrógeno (ainda vermelho), que vai espessar a mucosa do útero. Uma combinação de folículoestimulante com outro hormônio da hipófise, o luteinizante (em azul), vai também aos ovários, onde determina a ovulação. Depois da libertação do óvulo, sob a ação apenas do hormônio luteinizante, forma-se o corpo amarelo que também produz um hormônio, progesterona (em rosa), com três ações: 1) continua a espessar a mucosa uterina, mantendo-a assim; 2) prepara as glândulas mamárias para a lactação; 3) impede, na hipófise, a produção do folículoestimulante. A hipófise produz mais um hormônio, o lactogênico (em roxo).

Com a gravidez o grande ciclo se completa

Na primeira relação sexual, é rompido o hímen — uma membrana fina, que tem um pequeno orifício por onde passa o sangue da menstruação. Não se trata de um rompimento violento, como muitos acreditam; mas apenas um alargamento daquele orifício. Em algumas mulheres o hímen é bastante elástico (hímen complacente), e na primeira relação sexual não há ruptura nenhuma, pois êle se distende. Em outros casos, raros, a mulher pode ser fecundada sem o rompimento: os espermatozóides são lançados sôbre a vulva e — graças à sua mobilidade — chegam ao interior da vagina pelo orifício do hímen. Além disso, o hímen pode ser rompido montando a cavalo, fazendo esporte, ou por um acidente.

No ato sexual são lançados perto de 200 milhões de espermatozóides no interior da vagina, na região do colo do útero. Os espermatozóides são células formadas por uma cabeça oval — que é a parte que fecunda o óvulo — ligada a uma longa cauda. Graças aos batimentos de suas caudas e às contrações musculares do aparelho genital feminino, êles sobem pela vagina e chegam ao útero. Muitos se perdem no caminho, mas algumas centenas alcançam os orifícios das trompas, onde penetram e começam a **nadar** orientados pelos cílios celulares que as revestem. O funil da trompa apenas cerca o ovário e, no momento da ovulação, dêle se aproxima e colhe o óvulo.

Um espermatozóide perde sua capacidade de fecundar o óvulo de 24 a 48 horas depois de depositado no aparelho genital feminino. O óvulo perde sua capacidade de ser fecundado cêrca de 48 horas depois da ovulação. Êstes dados não são absolutos.

Dêste modo, o óvulo só pode ser fecundado na primeira têrça parte de sua trajetória na trompa, pois quando chega à parte inferior êle normalmente já entrou em degeneração.

Os espermatozóides são células fracas, porque carregam consigo pouca ou quase nenhuma substância alimentar. Além disso, para fecundar um óvulo, o caminho é longo e êles viajam a uma velocidade de sete centímetros por hora. Com tantos fatôres contra, parece impossível que a fecundação possa acontecer. E na verdade, comparada com a de outros animais, a fertilidade do homem é reduzida. A multiplicação da espécie é garantida por dois motivos: a quantidade de espermatozóides e a freqüência do ato sexual, (superior à de outros animais.)

Viu-se que muitos espermatozóides chegam até o óvulo que os atrai, mas apenas um dêles vai fecundá-lo. Quando isto acontece, a cabeça do espermatozóide penetra no óvulo (a cauda é eliminada), e em redor dêste se forma uma membrana que impede a penetração de outros espermatozóides. O óvulo fecundado, que recebe o nome de célula-ôvo ou zigoto, continua descendo pela trompa e vai sofrendo profundas modificações. Divide-se em duas células, cada uma destas se divide novamente em outras duas, e assim por diante. Ao chegar ao útero, cêrca de uma semana após a fecundação, já se transformou num ajuntamento de várias centenas de células. Nesta altura, a mucosa uterina está espessada, pela ação dos estrógenos produzidos pelas células do folículo. O embrião vai penetrar nessa mucosa, onde fica abrigado. E a mucosa uterina não pára de se espessar, agora sob ação da progesterona produzida pelo corpo amarelo.

Na gravidez normal, o corpo amarelo não desaparece — como acontece no caso de não haver fecundação — mas continua se desenvolvendo e, assim, produzindo sempre a progesterona. E como a progesterona impede a produção do hormônio foliculoestimulante não haverá mais menstruações durante a gravidez.

A progesterona vai também desenvolver as glândulas mamárias e prepará-las para a ação de outro hormônio produzido pela hipófise: o lactogênico, responsável pela secreção do leite.

A produção de progesterona durante a gravidez é muito importante, não só pelas funções citadas, mas também porque a mucosa uterina é mantida espêssa sob sua ação. Se faltar a progesterona, a mucosa se **descama** e provoca o abôrto. Êste pode acontecer ainda por outras razões: infecções, envenenamentos, inflamação ou deslocamento do útero, sífilis.

No fim da gravidez, o útero — que tinha o tamanho aproximado de uma pêra — ocupa tôda a cavidade abdominal. Êste crescimento faz retrair o colo, inicialmente projetado para dentro da vagina. Assim, na hora do parto, a passagem entre os dois órgãos é mais suave.

O embrião está envolvido por membranas protetoras, que formam com a parede do útero uma estrutura: a **placenta,** que fixa e alimenta o embrião. A placenta também produz hormônios de ação semelhante à progesterona.

Ao fim de cêrca de nove meses, a criança nasce. As primeiras teorias que tentavam explicar o nascimento, ainda nos tempos gregos, diziam que o feto, sentindo fome, empurrava com os pés o fundo do útero e enfiava a cabeça pela vagina. Esta teoria ingênua chegou até a Idade Média, época em que se considerava impossível o parto normal se a criança não tivesse a cabeça voltada para a vagina.

Num parto normal, as primeiras contrações coincidem com uma dilatação do colo do útero. Êste vai se contraindo, cada vez mais violentamente, e pode romper as membranas que envolvem o feto, libertando o líquido que o banha (primeiras águas). Após a dilatação da abertura do útero, vêm as contrações da parte superior, provocando a expulsão do feto.

O recém-nascido pesa, normalmente, entre 3,0 e 3,5 kg. Mas há o caso de um menino nascido na Nova Escócia em 1879 com 10,8 kg. Sua mãe tinha 2,29 m de altura, seu pai tinha 2,54 e pesava 213 kg. E uma menina americana, em 1936, nasceu com 360 gramas e conseguiu sobreviver.

Existem dois tipos de gêmeos: os bivitelinos, ou fraternos; e os univitelinos, ou idênticos. Os gêmeos fraternos são formados a partir de óvulos diferentes, fecundados na mesma época. Como se formaram de óvulos distintos, cada um fecundado por um espermatozóide, têm características diferentes e podem mesmo ser de sexos diversos. Em cada dez casos de gêmeos, acredita-se que sete sejam dêste tipo.

Antigamente pensava-se que os gêmeos idênticos fôssem formados pela fecundação de um óvulo por dois espermatozóides, o que não é verdade. O que acontece é que um óvulo, fecundado por um único espermatozóide, começa a se dividir, e as células resultantes não se mantêm unidas, mas se separam em duas ou mais porções — e cada uma dará uma criança. Formadas do mesmo óvulo e do mesmo espermatozóide, elas são totalmente idênticas.

Geralmente nasce uma criança só. Calcula-se que nascem gêmeos em cada 88 partos; trigêmeos em cada 7.600; quadrigêmeos em cada 670.000; quíntuplos em cada 7 bilhões. FIM

A gravidez: o embrião encontra-se encerrado em uma bôlsa de parede dupla. A parte externa da bôlsa é coberta por saliências que se encaixam na parede do útero, formando a placenta. Esta se comunica com o embrião pelo cordão umbilical, mostrado em azul.

O início do parto: o bebê prepara-se para o grande esfôrço de vencer o anel formado pelos ossos da bacia. No desenho, em corte, vê-se a coluna vertebral e o púbis (ambos aparecem em amarelo claro), que são os ossos que delimitam êste anel. O esquema mostra o parto dito normal, com a cabeça do bebê saindo primeiro. Note-se a bexiga comprimida (verde) entre púbis e útero.

Confessamos: Algumas das últimas grandes corridas internacionais não foram ganhas pela Ford.

Não gostamos de tabus.

Por exemplo, aquêle que diz que só as marcas esportivas mais tradicionais sabem fazer carros de corrida.

Quebramos êsse tabu em 1965 nos 2.000 quilômetros de Daytona, em que Ford Cobras venceram tôdas as provas de Gran-Turismo.

Ford Cobras venceram também as 12 horas de Reims (França), os 1.000 quilômetros do Nurburgring (Alemanha), as 12 horas de Sebring (Estados Unidos), o Troféu de Turismo da Inglaterra.

Mas o "fino" mesmo foi a vitória em Le Mans, em 1966: os 1.°, 2.° e 3.° lugares foram da Ford.

Bólidos com motores Ford venceram ainda as principais provas de pista. Por exemplo, nas 500 milhas de Indianápolis, onde 8 dos 11 carros que completaram o percurso estavam equipados com motores Ford V-8.

As pistas nos ensinam coisas utilíssimas: como fazer motores cada vez mais duráveis. Mais eficientes. Freios e direções mais seguros.

Esta disposição de participar de novas experiências é típica da jovem Ford no mundo inteiro. É dessa dinâmica organização mundial que faz parte a Ford brasileira, a mesma que, dentro em breve, lançará no Brasil o Ford Galaxie, o automóvel que colocará o Brasil em dia com os modernos padrões automobilísticos internacionais.

E corridas de bicicletas? Bem, bicicletas ainda não fabricamos. Mas, quem sabe um dia...

Ford

FORD MOTOR DO BRASIL S.A.

HÁ UM FORD GALAXIE BRASILEIRO EM SEU FUTURO

Neste ensaio,
os fotógrafos da
equipe
de REALIDADE
abordam o amor
que só as mães
podem sentir e dar

O amor mais amor

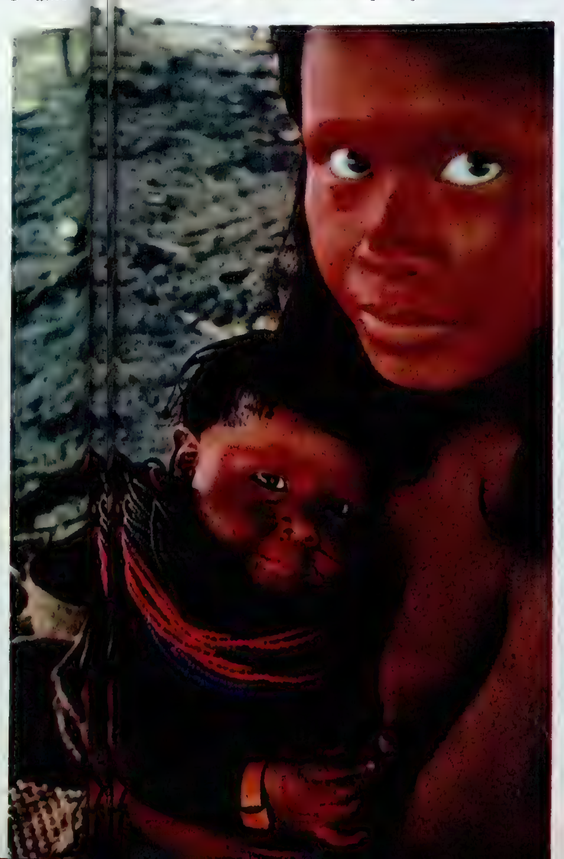
O amor mais amor

Lenita Perroy: *"Que sorte poder ser mãe!"*

Jorge Butsuem: *"O amor [illegible] mãe não admite a mínima separação."*

Cláudia Andujar: *"Esta mulher é uma prostituta. Pelo filho, quer deixar de ser."*

Nélson Di Rago: *"É tanto o seu carinho, que logo êle transborda para o filho."*



George Love: *"Ela ama com tôdas as fôrças de seu instinto."*

O amor mais amor

George Love: *"Ele precisa de muito amor para poder enfrentar o futuro."*

queremos que você
encare o nascimento
do nôvo ano
com otimismo:

tão confiante como
os nossos clientes!

BANCO NACIONAL DA LAVOURA E COMÉRCIO S.A.
"NOSSOBANCO"
SP-GB-PR-SC

WH - Publicidade

O repórter Luiz Fernando Mercadante e o fotógrafo Geraldo Móri foram ao Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe e Bahia, para ver de perto uma experiência pioneira da Igreja Católica em todo o mundo: freiras que dirigem paróquias. Por onde êles andaram, ouviram sempre uma nova expressão que promete se espalhar pelo Brasil inteiro:

A bênção, Sá Vigária

Pequena cidade do interior do Nordeste brasileiro.

A freira, como tôda gente do lugar, caminha pelo centro da rua coberta de pó.

Ao passar junto dela, um homem segura o passo do cavalo e tira o chapéu de couro para o cumprimento:

— Bom dia, **sá vigária.**

A irmã acena, sorri e responde:

— Bom dia, meu filho.

Irmã Ferdinanda, responsável pela paróquia de Santo Amaro do Brejo, cidadezinha de 2.500 habitantes em Sergipe, é uma das 50 religiosas do Brasil que deixaram os seus conventos para trabalhar em paróquias que não têm padre.

Ajudada por quatro irmãs, irmã Ferdinanda distribui a comunhão, batiza em casos de emergência, prepara noivos para o casamento, assiste os moribundos, abençoa os defuntos, prega na igreja, dirige os cultos da manhã e da noite e explica os sacramentos. O padre vem aos domingos, para celebrar a missa — ocasião em que consagra as hóstias que as freiras distribuirão na semana — batizar, casar e ouvir confissões. Mas durante a semana toda a paróquia é dirigida pelas freiras. Com muito carinho. E com um amor muito grande. Carinho e amor que o povo lhes devolve com atos: **seu** Pedro, de 73 anos, que já teve três mulheres sem casar no civil ou no religioso com nenhuma, vai regularizar a situação e casar com a quarta. Com esperanças: o velho cabo da Polícia Militar está aprendendo a ler com uma das freiras. Com ofertas: dona Anália, que passou a manhã inteira colhendo frutas — e aquela cesta de frutas era tudo que possuía — divide sua colheita com as irmãs. Com alegria: os olhos das crianças brilham e elas sorriem quando chegam às carreiras, em bando, pedindo:

— A bênção, sá vigária. A bênção.

Já existem dez paróquias dirigidas por freiras. Serão 50 dentro de seis meses. E 100 até o final de 1967. Essa experiência nascida no Brasil na segunda metade de 1963 — e que promete se estender pela América Latina — é um caminho para resolver sério problema da Igreja: a falta de sacerdotes.

O Brasil tem 12.000 padres — número considerado muito pequeno — e 40 mil religiosa. Um padre francês, que veio estudar a experiência, comenta:

— Se as freiras arregaçarem as mangas conquistarão efetivamente o Brasil para Cristo. Elas são irresistíveis.

O começo foi em Nísia

Há quatro meses, em Mar del Plata, Argentina, numa reunião do episcopado da América Latina, estava sendo feita a chamada nominal de cada bispo para a entrega de pastas com documentos relativos aos trabalhos que iam começar. Nos países de língua espanhola se dá aos bispos o tratamento de **monsenhor.** Assim, o encarregado ia chamando os prelados, um a um:

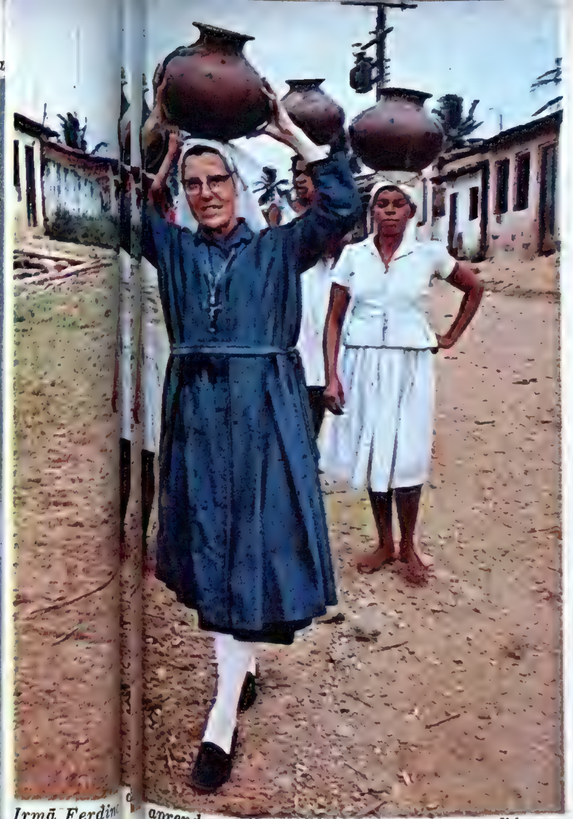
— Monsenhor Hélder Câmara.

— Monsenhor Cândido Padim.

Os bispos chamados iam se levantando e se dirigindo à mesa para receber sua pasta. Então, o padre que procedia à entrega chamou:

SEGUE

E a freira diz: .Senhor eu não sou digna de que entreis em minha casa. Dizei uma só palavra e minha alma será salva



Irmã Ferdin... aprendeu depressa a equilibrar o pote d'água.

Irmã Vera ... de misturar o ABC com a mensagem de Cristo.

Elas estão substituindo os padres

— Monsenhor Irany Bastos.

Uma môça morena, alta, elegante — vestindo um conjunto côr-de-rosa, a cabeça descoberta e uma pequena cruz prêsa a um colar simples — levantou-se de seu lugar e caminhou com passos seguros para a mesa. Os bispos riram com a inesperada figura daquêle **monsenhor.** E o homem que fazia a chamada pediu desculpas enrubescido:

— Perdon. Perdon. Madre Irany Bastos.

Irany Bastos — única mulher presente àquela reunião de bispos — é uma religiosa brasileira, freira da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado. A congregação, fundada em Campinas, em 1928, é a maior do Brasil, com mais de duas mil religiosas, que usam hábito só dentro dos conventos. Já surgiram assim, vestidas como o povo, para mais fàcilmente se aproximar do povo.

Irmã Irany — promovida a **monsenhor** por equívoco em Mar del Plata — foi a primeira freira no mundo, em todos os tempos, a dirigir uma paróquia. Ela foi encarregada da experiência pioneira realizada com êxito em Nísia Floresta, município do Rio Grande do Norte, de 10.300 habitantes, onde tudo começou no dia 3 de outubro de 1963. Irmã Irany exercia seu apostolado num colégio de Campinas, quando recebeu do então arcebispo de Natal, dom Eugênio de Araújo Sales, o convite para ser **vigária** da paróquia de Nísia Floresta. Dom Eugênio foi o idealizador da experiência e, hoje, como administrador apostólico do Arcebispado de Salvador, levou o sistema para a Bahia.

— Eu — diz êle — pensava assim: e as religiosas do Brasil? São 40 mil! Tôdas dedicadas a obras muito boas. Mas será que essas obras são as mais urgentes, as mais necessárias à Igreja de hoje? E as paróquias sem padre? São tantas! Se uma parte das religiosas se dispusesse a assumi-las, estaria resolvido êsse grande problema.

As religiosas estavam dispostas e começaram a resolver o problema. Irmã Irany, hoje, é subsecretária do Secretariado Nacional do Apostolado das Religiosas, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, cargo que lhe permite acompanhar de perto o crescimento da semente que ela mesma plantou carinhosamente em Nísia Floresta. Irmã Irany é uma mulher atual. No convento que dirige, em Santa Teresa, Rio, o horário das orações da noite foi alterado para permitir que as freiras assistam ao jornal falado da televisão:

— Não podemos mais ignorar o mundo. Temos que viver dentro dêle para santificá-lo. O Cristo é uma mensagem de Amor. E para levar essa mensagem é preciso amar de perto.

Irmã Irany não tem mêdo da palavra amor. Ela sabe que a vocação religiosa nasce do amor a Jesus e aos homens. E se engrandece nesse amor. Tendo entrado para o convento com 21 anos, depois de um curso universitário, Irmã Irany tem uma visão sem deformações do mundo.

Irmã Helena trocou Detroit pelo Nordeste.

— A senhora, quando jovem, namorou?

— Eu tive pretendentes. Mas desde os 14 anos já tinha feito minha escolha. Eu escolhi Jesus Cristo.

Irmã Irany fala com igual entusiasmo de cada paróquia dirigida por freiras. Já visitou quase tôdas e acompanha-as através de relatórios e cartas. Diante de um mapa do Brasil, aponta o Estado do Rio Grande do Norte:

— Aqui — diz — já temos três paróquias exclusivamente com freiras. Nísia, a pioneira, que continua com as Missionárias de Jesus Crucificado; Taipu, com as Irmãs do Imaculado Coração de Maria; e São Gonçalo, a mais recente, com as Filhas do Amor Divino.

Três filhas do amor divino

Romildo, um garôto de 10 anos, vem montado no seu jegue carregando uma carga de água em pequenos barris, entre os quais êle senta sôbre suas próprias pernas e assume o ar das pessoas que estão fazendo coisas muito sérias. Em São Gonçalo, Rio Grande do Norte, Romildo é importante — é o garôto da água. Conhece todo mundo e sabe de tudo.

— Onde é a casa das freiras, Romildo?

— Oxente, mas quem é que não sabe? A casa das freiras é a côr-de-rosa, bem ali no caminho da Igreja. Vão andando comigo que agorinha eu vou lá. Eu é que levo água de beber pra elas.

SEGUE

De avental e botas, Irmã Magna chefia o mutirão no cabo de uma pá. Os 72 anos da religiosa não lhe pesam. Há casas a fazer, e lo

FREIRAS CONTINUAÇÃO

"Nós também somos o povo"

E lá foi Romildo, ao encontro das freiras.

Irmã Amália, a superiora, uma cearense de meia idade, estava no quintal, cercada de pedreiros, orientando a construção de uma garagem:

— Vamos ganhar um transporte. Uma paróquia holandesa vai nos mandar um jipe. São 20 quilômetros até Natal e, nos oito meses que estamos aqui, temos sentido muita falta de uma condução. Depois, o jipe não vai ser das freiras, mas da paróquia. E será muito útil aos habitantes desta cidade sem veículos.

Balançando um martelo em uma das mãos, irmã Estanislava, rio-grandense do norte, vem chegando. Acabou de fazer um remendo em uma janela da velha igreja, tantos anos abandonada. Quando elas chegaram a São Gonçalo encontraram a igreja cheia de morcegos. Expulsaram-nos. E abriram-na para o povo.

Irmã Corina, a mais jovem das três, está no escritório paroquial, que funciona na própria casa das irmãs, ao lado de uma pequena capela onde só cabem as três freiras. Irmã Corina, paraibana, está preparando os papéis para um batizado que o padre virá fazer no domingo. Mais que os papéis, ela está preparando os pais da criança que vai receber o sacramento. Pois hoje, em São Gonçalo, o batismo deixou de ser um ato convencional; as freiras deram-lhe o significado que êle deve conter: o engajamento cristão dos pais, dos padrinhos e da criança.

Sem deixar suas vestes tradicionais, a pequena comunidade religiosa de São Gonçalo, paróquia sem padre há 20 anos, demoliu as barreiras e integrou-se no povo.

— Não somos nós e o povo. Nós também somos o povo — afirma irmã Amália.

Êste mês São Gonçalo vai ganhar médico e dentista. Nunca teve. As irmãs conseguiram montar os consultórios e têm o povo ao seu lado para trazer um e outro.

Romildo, o menino da água, que ri com seus dentes prêtos, vai ter assistência. Agora, êle ergue a mão direita, num gesto típico da região, e pede a bênção às freiras.

— Deus o abençoe — diz irmã Amália. Um dia haverá água boa para todos e você encostará o seu burrico. Estude bastante e cresça, que êste país precisa de homens fortes.

E lá vai Romildo, levando a sua água e sorrindo, feliz.

Onde mora a felicidade

Na sala de visitas de seu convento no Rio, irmã Irany continua a localizar no mapa as paróquias de freiras.

SEGUE

Antigas e bonitas, as igrejas se repetem no caminho. Esta é em São Goncalo.

Mãos que tocam música, mãos que fazem potes. Jesus Cristo em tôda parte.

Ela assiste as gestantes pobres que precisam de um teto

HÁ ALGUMA COISA DE ESPECIALMENTE FEMININO NO NÔVO TALCO LUX, QUE O TORNA PERFEITO PARA MULHERES QUE FAZEM QUESTÃO DE FICAR REFRESCADAS, DISCRETAMENTE PERFUMADAS E TOTALMENTE FEMININAS.

Na realidade conseguimos criar um talco extremamente fino e com um perfume sutil e agradável.

lintas publicidade internacional

Têm um modo especial de pescar almas

— Nosso objetivo — diz — é manter a fé viva e nutrir a vida cristã; criar a comunidade paroquial; e preparar os leigos para que êles tomem parte ativa no trabalho apostólico da sua paróquia.

E mostrando no mapa:

— Veja, aqui em Sergipe, a 50 quilômetros de Aracaju, estão as Irmãs de Sion, numa cidade que nem aparece no mapa. É Santo Amaro do Brejo. Deve ser por aqui.

— É aqui mesmo — diz à entrada, a superiora, irmã Ferdinanda, ex-superiora no Rio.

A casa é pobre como tôdas da cidade. Na varanda, irmã Vera, ex-superiora em Curitiba, está dando aulas ao cabo da Polícia. A sala está sempre aberta, com sua mesa tôsca e uma estante feita de caixotes. Irmã Luísa vem saindo e vai à escola pública onde é orientadora pedagógica. Hoje é dia de exames oficiais e a irmã é quem vai orientar os trabalhos das professôras do Estado e do Município. Irmã Rosa Helena chega da cozinha com um café quentinho. Estão tôdas muito alegres, e asseguram que foi sempre assim, nesses sete meses em que assumiram a paróquia.

— Aqui mora a felicidade — comenta irmã Ferdinanda.

— Não — interrompe irmã Vera — moram as felicidades.

É que irmã Felicidade, uma negra simpática, acaba de chegar.

— Fui visitar os meus doentes — diz ela.

— Ela é o São Vicente aqui da casa — explica a superiora.

Irmã Ferdinanda cuida especialmente da vida paroquial; irmã Vera se dedica à catequese dos adultos e à alfabetização; irmã Luísa presta orientação pedagógica, cuida do departamento catequético, promove uma experiência agrícola para estimular cada um a plantar sua horta e guia o Volks **pé-de-boi** que as irmãs usam no trabalho; as irmãs Felicidade e Rosa Helena cuidam do serviço da casa, dos doentes, dos velhos e de duas sociedades leigas: a Legião de Maria e a Legião dos Jovens.

Dom José Távora, arcebispo de Aracaju, conseguiu trazer as Irmãs do Sion para Sergipe, usando de muita insistência junto às superioras:

— Estou imensamente feliz — diz êle — com os resultados do incansável trabalho das irmãs em Santo Amaro. Quero mais freiras para as paróquias. Elas têm um modo especial de pescar almas e sabem, como ninguém, chamar o homem pobre e subdesenvolvido à sua dignidade de ser humano.

Há três meses, a Petrobrás tinha cem empregos para oferecer em Carmópolis, região petrolífera do Estado. Falaram com dom Távora e o bispo, por sua vez, falou com as freiras. Elas deram um palpite:

— Que tal dar essa oportunidade aos desempregados de Santo Amaro?

Idéia boa mas quase inviável. Ninguém tinha documentos. Nem certidão de nascimento, nem carteira de identidade, nem título de eleitor, nem certificado de reservista, muito menos carteira de trabalho. E a Petrobrás não emprega ninguém sem documentos.

— Mas as freiras são impossíveis — diz dom Távora.

E são mesmo: elas juntaram os homens, conseguiram caminhões para levá-los a Aracaju, percorreram com êles uma dezena de repartições públicas, conseguiram selos, carimbos, guias, mais guias, mais carimbos e mais selos e — em 15 dias — todos tinham seus documentos em ordem. E conseguiram os empregos.

Dom Távora pretende entregar brevemente mais uma paróquia a freiras: a de Divina Pastôra, lugar famoso pelas rendas feitas por suas mulheres através de gerações.

— Então — afirma o bispo — as freiras poderão organizar as rendeiras em uma cooperativa e libertá-las da situação atual: trabalham seis meses por 300 mil cruzeiros e seu trabalho vai ser vendido no Rio ou em São Paulo por mais de um milhão. SEGUE

Irmã Irany Bastos foi a primeira freira do mundo a ser nomeada vigária de paróquia.

o bom...é o bom

e agora, mora! a onda máxima é

mais um sucesso MONARK!

Monareta 67

É brasa nos States, na Suécia, na Inglaterra... no mundo inteiro! Agora no Brasil também, o bom é esnobar com a Monareta. É o bom p'ra passear com a turma, p'ra botar uma banca legal, p'ra deixar os brotos gamados. É a onda máxima, mora!

VOCÊ MESMO REGULA O TAMANHO DA MONARETA, MORA! Monareta é diferente: um tamanho só para gente de todos os tamanhos. O selim e o guidão V. levanta e abaixa como quiser. Genial!

MONARETA É CHEIA DE BOSSA! Veja que linhas, que côres: um estouro! Nas bôlsas cabem discos, livros, roupas. O bagageiro é p'ra dar carona e p'ra levar a vitrolinha. Uma lenha!

ATENTE PARA O DETALHE: MONARETA TEM MINI-RODAS! As mini-rodas são o máximo. Correm quanto V. quiser... rodando na maciota... naquela base!

ATENÇÃO, PAPAI! ATENÇÃO, MAMÃE! Tem um modêlo especial para meninos e meninas dos 3 aos 7 anos. Monareta ajuda a crescer e cresce com êles. É economia legal, mora!

uma brasa lançada pela Monark a bicicleta do Rei Pelé

Reclam

A religiosa não se dá pela metade

Êsse dinheiro deve ser delas. E as freiras vão ajudá-las a ganhar o que é seu.

As freiras de Detroit

Irmã Irany espia o Rio pela janela do convento de Santa Teresa e continua falando do trabalho das freiras nas paróquias:

— Elas promovem movimentos da educação de base, organizam centros sociais, formam cooperativas, ajudam a organizar sindicatos, cuidam carinhosamente do artesanato, criam os clubes agrícolas e de jovens e, também, se movimentam no setor assistencial e no auxílio aos doentes e à maternidade. Isso em tôda a parte: nas paróquias onde não há padres residentes ou onde há e êles formam equipe com as religiosas. É assim, por exemplo, em Nova Descoberta, bairro pobre a 20 quilômetros do centro de Recife.

Ali, três religiosas norte-americanas trabalham com dois padres também norte-americanos. Nova Descoberta é uma bela experiência.

— Belíssima! — exclama dom Hélder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife. Belíssima!

Metido em suas sandálias empoeiradas e numa batina surrada, padre Hélder se entusiasma na sua casa em Recife, ao falar do trabalho das freiras de Detroit em Nova Descoberta e examina o papel da religiosa, hoje, no mundo:

— A religiosa por definição, é uma criatura que não se deu pela metade. Fêz doação total de si e de tudo o que é seu a Deus, a serviço da humanidade. Na hora em que a Igreja de após Concílio Vaticano II tenta um esfôrço belíssimo para encarnar-se como continuadora de Cristo; na hora em que a Igreja tenta aprender, de vez, como o Mestre, a servir, ao invés de ser servida, as religiosas têm um papel imenso: estão fazendo o possível e o impossível para serem exemplos de amor e de serviço.

Três exemplos disso são as norte-americanas de Nova Descoberta, Recife, que se chamam irmã Vicenzia, irmã Maria e irmã Helena, da Congregação das Servas do Imaculado Coração de Maria. As três são muito jovens — irmã Helena tem 26 anos — e vivem numa pequena casa ao lado da igrejinha simples, sede da paróquia de Nossa Senhora de Lourdes. A igreja foi construída por uma freira alemã, hoje com 72 anos de idade, que durante 15 anos foi a alma do lugar: a irmã Magna, da congregação das Missionárias da Imaculada Conceição, instituto fundado por alemães na Amazônia. Irmã Magna — com 31 anos de Brasil — fêz curso de filosofia e teologia na Alemanha, de onde veio para se dedicar aos pobres. Há um ano e meio, dom Hélder chamou-a e lhe anunciou a vinda de dois padres para a sua paróquia. Irmã Magna ficou muito feliz. E o bispo acrescentou:

— Êles trarão freiras para ajudá-los, religiosas de formação semelhante à dêles, com o que será muito fácil realizar um bom trabalho. Irmã Magna não desmanchou seu sorriso. Igualmente feliz anunciou:

— Ótimo. Eu vou mais para diante, onde acaba Nova Descoberta e começa o Brejo. Já tenho uma casa de gestante lá. Agora mudo de vez. Vou abrir uma nova frente para a Igreja.

De manhã cedo, caminhando pelo extremo de Nova Descoberta se encontrará a serena e forte freira de 72 anos, com uma enxada ou pá na mão. Ela estará de botas e com um avental sôbre o hábito tradicional, liderando o mutirão em que as gestantes, tôdas juntas, preparam o terreno e constroem casas para as famílias que não têm onde morar.

As irmãs Vicenzia, Maria e Helena não usam hábito. Trocaram-no por saias azuis e blusas azuis ou brancas. Às vêzes usam, menos que um véu, um lenço branco na cabeça. Com um ano de Brasil já estão integradas em Nova Descoberta.

— Com licença — diz irmã Vicenzia, a superiora — vou visitar uma mulher que está muito **aperreada** pois morreu seu irmão e o marido está doente.

SEGUE

Irmã Irany, de vermelho, acompanha quatro jovens freiras. Serão futuras vigárias?

A Igreja retorna às suas origens

As três religiosas já falam bem o português, empregando até os regionalismos do Nordeste. Elas dividiram a paróquia em três partes; cada uma tem a sua para cuidar especialmente. Junto com os padres estão empenhadas em criar e fortalecer um amplo espírito comunitário e em preparár o povo para o exercício de uma religião adulta e clara, não como resposta à vida mas integrada à vida.

— Vamos almoçar — convida irmã Maria. Hoje tem carne sêca.

E as três môças de Detroit rezam para o almôço e depois sentam-se diante de sua mesa pobre.

Irmã Helena passou a manhã visitando seu pedaço de paróquia, onde conhece todo mundo pelo nome e é recebida com alegria por todos. O povo de Nova Descoberta tem ternura especial por aquela môça sorridente de sobrancelhas grossas e grandes olhos azuis. As crianças correm ao seu encontro e de tôdas as janelas mãos acenam bom dia.

Diante de criança, a freira é um pouco mãe.

— Nosso trabalho consiste em preparar os leigos — diz.

E ela sabe que no dia em que os leigos estiverem prontos para assumir os encargos paroquiais, ela e suas companheiras terão cumprido sua missão, e, possìvelmente, deverão começar tudo de nôvo, em outro lugar.

Naquela noite, a uma só hora, as freiras e os padres — divididos em dois grupos — reunem-se com dezenas de casais que estão sendo preparados para liderar a comunidade e trabalhar ativamente na catequese.

— Onde está irmã Helena?

— Foi dirigir uma reunião de cabeludos. Aqui, também, Roberto Carlos fêz escola.

Irmã Irany — que acompanha as atividades das religiosas no Brasil inteiro — sabe que essa equipe norte-americana tem conseguido muito no treinamento de líderes, na organização de movimentos apostólicos, na divulgação da Sagrada Escritura, na catequese e na formação de catequistas. O mapa de irmã Irany continua aberto. E, diante dêle, a religiosa tem sempre o que mostrar:

— Vocês já ouviram falar de Plataforma, na Bahia?

Quatro gaúchas na Bahia

Plataforma é um subúrbio de Salvador, com uma população de mais de 40 mil habitantes, gente que trabalha na única fábrica do lugar — uma tecelagem — ou que atravessa a Baía de Todos os Santos de barco, ou ainda pega o trem bem cedinho, para ir trabalhar na Petrobrás ou outro emprêgo na cidade. É um subúrbio operário, com quatro padarias, um armarinho, cinco açougues, três armazéns, uma mercearia, dois largos de feira e 28 botecos. Não há esgotos. Água só nas ruas principais. E luz, só no centro. Não há transporte coletivo por rodovia, que lá chamam de **rodagem,** e quem chega por barco ou trem tem que subir um ladeirão, tomar fôlego na calçada do Corintians Esporte Clube e subir outro ladeirão, ainda maior. Um serviço de altofalantes recebe os visitantes com música. Toca **A Banda** e depois **Disparada.** Toca **Disparada** e depois **A Banda.** Entre as duas há anúncios, com um locutor de voz bem impostada:

— O açougue São Jorge comunica que acaba de receber carne verde de ótima qualidade. O açougue São Jorge é uma brasa, mora!

Não há pròpriamente um jardim, mas uma grande praça de terra socada, um velho coreto, a Igreja de São Brás e, em frente, o cinema. De um lado, novinho em fôlha, o primeiro prédio de apartamentos do lugar assombra as crianças com a vertigem dos seus quatro andares.

Numa casa igual às outras — nem melhor nem pior — na rua principal, moram quatro môças bonitas, gaúchas, que estão lá há um ano e meio, abrandando seu sotaque sulino e cuidando da paróquia de São Brás. Elas se chamam Eustela, Érica, Madalena e Angelina e são irmãs do Imaculado Coração de Maria. Irmã Eustela Maria Rossetti, a superiora, tem 38 anos e é assistente social. Irmã Érica Maria Seger, 28 anos, é enfermeira. Irmã Madalena Tonel, 27 anos, é música. E a irmã Angelina Maria Enzweiler, 23 anos, é formada em catequese superior.

São sete horas da manhã, o culto matutino vai em meio, quando o sino toca claro e rápido. Irmã Eustela acende as velas do altar, se ajoelha diante do sacrário e depois sobe até êle. Abre a cortina com suas mãos muito brancas, destranca a porta dourada, ajoelha-se novamente, ergue-se e toma nas mãos o cálice com as hóstias. Diz três vêzes, com uma hóstia entre os dedos:

— Senhor, eu não sou digna de que entreis em minha casa, mas dizei uma só palavra e a minha alma será salva.

Depois comunga e vai em direção aos que se aproximam: outras freiras e alguns fiéis que também vão receber a comunhão. No momento de entregar cada hóstia repete:

— O corpo de Cristo.

Nos primeiros tempos da Igreja, havia as diaconisas, que auxiliavam nos batizados, na catequese e levavam a comunhão aos doentes. Porém, em mais de 15 séculos, a primeira vez que isso acontece é no Brasil.

— No retôrno às suas origens, proposto pelo Concílio, a Igreja muitas vêzes se repete — diz um padre cearense, interessado nessas experiências paroquiais. E em tom de piada:

— No Ceará ainda não tem disso não. Mas vai ter.

Irmã Érica está descendo a ladeira, com seu estojo de enfermagem. Tem duas crianças doentes para visitar: leva gazes, esparadrapos, remédios e uma mensagem de amor cristão.

Irmã Madalena reúne sua **fila harmônica,** mais de 70 meninos e meninas, que acompanham o acordeon da freira com instrumentos de percussão e corál. Ela está muito entusiasmada:

— Amanhã vamos dar uma exibição na TV. Estamos ficando importantes.

Irmã Angelina está preparando 50 crianças para a primeira comunhão. Com uma ternura especial. E a certeza de que, quando aquêles garotos estiverem recebendo a Eucaristia, Cristo estará recebendo uma adesão verdadeira.

Assim vivem as quatro môças gaúchas. Seus risos límpidos e alegres são constantes quando estão juntas. Cada semana uma delas cuida da casa e da cozinha.

— Vamos almoçar, gente. Que a irmã Angelina é uma cozinheira legal.

— É isso — diz a irmã Irany Bastos — que nós chamamos de verdadeira comunidade: a vivência de uma amizade autêntica e madura entre seus membros, a vinculação de um compromisso comum, a informação pela caridade, a presença de Cristo e a fecundidade em atitudes de serviço para com os homens.

Falando a um auditório de freiras, um sacerdote, certa vez, escandalizou algumas ao dizer que nos campos de concentração há quatro atitudes básicas em relação aos prisioneiros: substituem os nomes; dão-lhes roupas largas, impessoais, assexuadas; cortam-lhes os cabelos; e lhes impõem tantas regras quantos são os minutos de um dia.

— Antigamente, falou, o padre, algumas congregações de freiras agiam mais ou menos assim.

E agora?

Quem dá a resposta é a Irmã Irany:

— Nós, as religiosas, estamos descobrindo cada vez mais que somos gente como tôda gente. E que temos de viver no mundo, amá-lo como êle é e ajudar a resgatá-lo. FIM

Tomar banho vestido, é demais, todavia... quando se veste um terno com a "QUALIDADE SCURACCHIO", qualquer exagêro é permitido. Além disso nosso Tergal autoriza você lavar seu terno em sua própria casa. Comprove a qualidade perguntando a seu alfaiate. Veja, se Tergal já é bom, imagine TERGAL SCURACCHIO.

TERGAL (MR)

Scuracchio

SOMOS

Se você gosta de música popular, escolha esta coleção.

Nestas duas coleções foram selecionadas músicas dos melhores autores, gravadas com impecável qualidade de som pelos mais famosos intérpretes e orquestras.

COLEÇÃO RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR-6 LPS.

① **MÚSICA MODERNA POPULAR BRASILEIRA**
Nanã - Primavera - Reza - Chegança - Ela é Carioca A Minha Namorada e outros seis sucessos. Intérpretes: Tamba Trio - Sérgio Mendes Walter Wanderley e outros.

② **MÚSICA DA VELHA GUARDA**
Se Você Jurar - Luar do Sertão - Chão de Estrêlas- Gavião Calçudo - De Papo Pro Ar - Atire a Primeira Pedra e outros seis sucessos - Intérpretes: Lamartine Babo- Ataulfo Alves - Almirante - Aurora Miranda e outros.

③ **MUSICA DA JUVENTUDE**
Quero Que Vá Tudo Pro Inferno - Se Piangi Se Ridi- lo Che Non Vivo (Senza Te) - Ma Vie - Canto De Ossanha Escândalo em Família e outros seis sucessos. Intérpretes: Mina - Bob Smart - Cocky Mazzetti - Os Balanceiros e outros.

④ **DISCOTECA DANÇANTE**
Around The World-Love Is A Many Splendored Thing- Tornerai Suzie Wong - The Green Leaves Of Summer - Tender Is The Night/Exodus e outros onze sucessos. Intérpretes: Sandoval Dias - Sexteto Plaza - Gerson-Plinckas e outros.

⑤ **MELODIAS POPULARES INTERNACIONAIS**
Al Di La - Gigi - I Hear A Rhapsody - Stella By Starlight Tonight e outros sete sucessos. Intérprete: Caesar Giovanini.

⑥ **RITMOS E ROMANCE**
My Yiddische Mamme - Clair de Lune - Toselli Serenade- Parlez-Moi D'Amour- With A Little Bit Of Luck e outros sete sucessos. Intérpretes: Jankowsky Sua Orquestra e Côro.

ABRIL CULTURAL

Se prefere clássicos, esta. Se exige boa música, fique com as duas.

Você pode comprar apenas uma ou ambas coleçoes. Os discos serão entregues em sua própria casa, com preços e condições de pagamento excepcionais.

COLEÇÃO CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS-10 LPS.

① Vivaldi, AS QUATRO ESTAÇÕES. Intérpretes: I Musici.

② Rimsky-Korsakov, SCHEHERAZADE: Orquestra Sinfônica de Minneapolis. Borodin, DANÇAS POLOVETZIANAS: Orquestra Sinfônica de Londres e Côro.

③ W. A. Mozart, SINFONIA JUPITER. Beethoven, Aberturas de: EGMONT, ZUR NAMENSFEIER e CORIOLANO: Orquestra de Concertgebouw de Amsterdã.

④ Tchaikowsky, CONCÊRTO PARA PIANO N.o 1: Orquestra Filarmônica de Haya. Liszt, CONCÊRTO PARA PIANO N.o 1: Orquestra Filarmônica do Rádio de Hilversum.

⑤ Dvorak, SINFONIA DO NÔVO MUNDO. Smetana, O MOLDAU: Orquestra Sinfônica de Viena.

⑥ Haydn, CONCÊRTO PARA VIOLINO E ORQUESTRA DE CORDAS N.o 1. W. A. Mozart, DIVERTIMENTOS K 137 e K 138. T. Giordani, CONCÊRTO PARA CRAVO E ORQUESTRA DE CORDAS. Intérpretes: I. Musici.

⑦ CONCÊRTO DE SEIS NAÇÕES. Autores: A. Vivaldi, J. P. Sweelinck, George Philipp Telemann, A. E. M. Grétry, Henry Purcell e François Francoeur: Orquestra de Cordas. Solistas: Maurice André e Jean-Pierre Rampal.

⑧ Rossini, ABERTURAS das Óperas: "O Barbeiro de Sevilha", "A Escada de Séda" e "Guilherme Tell". Paganini, CONCÊRTO PARA VIOLINO N.o 4. Orquestra dos Concertos Lamoureux.

⑨ F. CHOPIN, AS 14 VALSAS: Alexander Uninsky, piano.

⑩ FAMOSAS ÁRIAS DE ÓPERAS: VERDI, Caro Nome Se Quel Guerrier Io Fossi - Celeste Aida - La Donna É Mobile. PONCHIELLI, Cielo e Mar. ROSSINI, Una Voce Poco Fa - Largo Al Factotum - Bel Raggio Lusinghier. DONIZETTI, Regnava Nel Silenzio - Una Furtiva Lacrima. Intérpretes: Gianna D'Angelo, soprano; Renato Capecchi, barítono; Gianni Poggi, tenor; Maria Morales, soprano; Richard Tucker, tenor, e outros.

veja na página seguinte como adquirir êstes extraordinários lançamentos

Envie êste cartão resposta comercial sem qualquer despesa de sêlo. Não mande dinheiro agora. Sòmente quando receber os discos em casa, é que você fará o pagamento à vista ou o da primeira prestação.

6 LPS - Preço Normal: Cr$ 48.000

Nossa Oferta Especial:

cr$ 27.000

à vista ou Cr$ 13.000 iniciais e duas mensalidades de Cr$ 9.000

Os grandes sucessos populares,
do momento e de outros tempos.
Os ritmos vibrantes e a música romântica
do Brasil e de todo o mundo.
Uma sucessão de cantores e instrumentistas
de maior êxito nos "hit parades".
Som perfeito, rigorosa seleção de melodias
e magníficas interpretações.
EXTRAORDINÁRIA OPORTUNIDADE!

10 LPS - Preço Normal: Cr$ 80.000

Nossa Oferta Especial:

cr$ 45.000

à vista ou Cr$ 23.000 iniciais e três mensalidades de Cr$ 10.000

A música dos mestres, executada pelos seus
mais consagrados intérpretes.
47 belíssimas peças que valorizam e completam
a sua discoteca.
Dez Lps, gravados segundo a mais apurada
técnica de som. Acondicionamento
em belíssimo estôjo, contendo
libreto com gravuras e biografias dos autores.
LANÇAMENTO EXCEPECIONAL!

ABRIL CULTURAL

Se o CARTÃO DE RESPOSTA COMERCIAL que acompanha êste anúncio já tiver sido utilizado, recorte e envie hoje mesmo êste cupom.

A Abril Cultural Ltda.
Caixa Postal n.º 30.777
São Paulo — SP

Queiram enviar-me as Coleções abaixo assinaladas:

☐ **Coleção "Clássicos de Todos os Tempos"**
☐ À VISTA = Cr$ 45.000 ou ☐ Cr$ 23.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 10.000 cada uma.

☐ **Coleção "Ritmos e Melodias na Música Popular"**
☐ À VISTA = Cr$ 27.000 ou ☐ Cr$ 13.000 na entrega e duas mensalidades de Cr$ 9.000 cada uma.

☐ **As duas Maravilhosas Coleções**
☐ À VISTA = Cr$ 68.000 ou ☐ Cr$ 33.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 15.000 cada uma.

ATENÇÃO: Entregamos a domicílio. Escreva o endereço para entrega e cobrança. Sòmente Cx. Postal não é suficiente.

Nome .....
Rua .....
..... **N.º** .....
Fone ..... **Bairro** .....
Cidade ..... **Estado** .....

Pelo sistema Abril Cultural os seus discos sairão pela metade do preço normal:

apenas **4.500** por Lp.

Comprando estas duas coleções inéditas você receberá, ainda, um desconto especial.

Veja muita moda de verão.
Cuide bem de suas pernas na praia.
Aprenda jogos de verão (em caderno especial).
Como cuidar das crianças sob o sol.
Faça e tome sopas frias no calor.
Conheça a vida de Sofia Loren.
Leia o conto "A Fuga", de Morávia.

APROVEITE AS FÉRIAS COM

CLAUDIA

nas bancas em janeiro

A cidade de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, vive no fundo de um vale cercado por montanhas cobertas de trigo, cevada e parreirais verde-brilhante. O povo fala alto e os gestos acompanham as palavras — a colonização foi feita por imigrantes italianos. Chamam-se a si mesmos gringos *embora tenham nascido, em sua maioria, no Brasil. As casas são de madeira e há muitas flôres em seus jardins. O pão é feito em casa e em tôdas as mesas estão o* galletto *e a* polenta. *Depois que a indústria começou a substituir a agricultura, êles fixaram-se na cidade e transformaram-se em operários e comerciantes. Os hospitais foram surgindo e o progresso acabou com muitas tradições, uma delas a parteira que atendia a domicílio. Mas muita gente de Bento Gonçalves ainda não troca dona Odila pelo médico. Esta é a história de um de seus partos.*

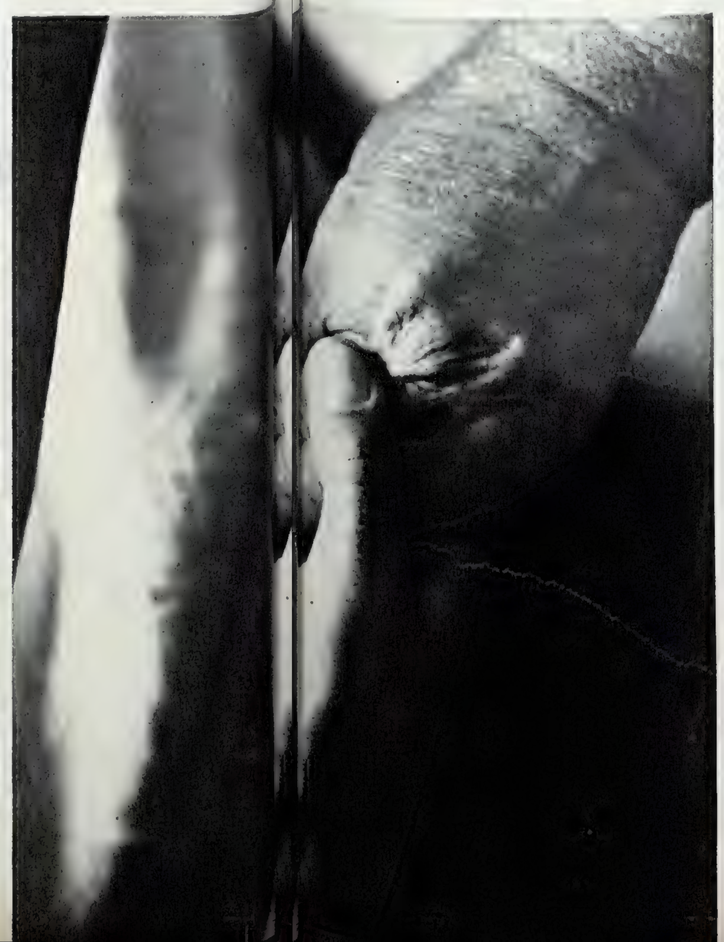
Nasceu!

Texto de Narciso Kalili
Fotos de Cláudia Andujar

As dôres ficaram mais agudas e dona Odila calçou a luva dizendo: "Fôrça e coragem minha filha."

Pressão nos joelhos ajuda

Preta encontrou a mão de Odila para apertar.



"Calma, filha. Faz o que estou mandando"

—Dona Odila, a senhora quer ir depressa lá em casa? Acho que está na hora. Por favor, vamos logo.

O homem torcia as mãos, seu olhar suplicava. Êle não conhecia a parteira, mas se sentiu confiante logo que a viu: o rosto redondo e corado, tão corado que na cidade é conhecida como **Vermelha,** os olhos claros e o ar determinado dos que estão acostumados a mandar.

Dona Odila tirou um dos braços da cintura, apoiou-se no batente da porta, enquanto esfregava os dedos do pé descalço na perna, disse com simpatia, apesar da voz brusca:

— Calma. Quem é tua mulher?

— É a Preta lá do loteamento do Salton.

— A filha daquela velha que veio encomendar o parto na semana passada? Como é mesmo o nome da velha?

— A Presotto.

— Isso. Espera aí que já vamos. Veio de carro?

— Está esperando lá fora.

— Bom. Então espera, enquanto.

Êle foi para o táxi, ela para dentro da casa. A sua maleta estava pronta (tivera a intuição de arrumá-la logo cedo, antes de sair para o churrasco que a fábrica onde seu marido trabalhava oferecera para os empregados). Dentro daquela velha pasta de escola, rasgada e roída por mais de 18 anos de uso, ela levava tudo de que precisava: o avental branco, o estôjo com as seringas, a pinça cirúrgica, a tesoura, o álcool e o algodão. Vestiu a saia cinza de linho, uma blusa de nailon azul, prendeu ainda com mais fôrça os cabelos ruivos e curtos no alto da cabeça, e foi até a cozinha dar um recado a Lúcia, a menina de 11 anos que a ajudava na casa e a quem ela queria como filha:

— Se vier alguém aqui diz que estou no loteamento do Salton, na casa da Presotto. Dê um jeito na panela da polenta e guarda no armário. Depois passa uma vassoura no quintal. **Ciao,** enquanto.

José Pizzato, o marido de dona Odila, estava no fundo do quintal, sentado à sombra da árvore de caqui. Sentia-se feliz: o churrasco tinha sido ótimo, o dia estava claro e êle só iria trabalhar de nôvo na segunda-feira. Tomara bastante vinho com gasosa, na fábrica tudo corria bem para êle, e com a ajuda da mulher, poderia comprar um automóvel dali a dois meses. De olhos fechados e os cabelos esvoaçando na brisa forte, ruminava gostosamente a situação: a casa, o terreninho, as ações, o dinheiro. Nada mau. Agora, o carrinho; a Odila pode até deixar de trabalhar; a filha volta de Caí, casa e sossega; o filho vai bem, não estuda mas trabalha bastante; o carro vai ser para êle...

Foi despertado pela voz forte da espôsa:

— Vou sair, velho. A filha da Presotto vai ganhar bebê. Acho que não demoro. Se não vier para o jantar tu já sabe onde estão as coisas. **Ciao,** enquanto.

A pasta debaixo do braço e as mãos atrás das costas, ela foi saindo. Parou para tirar as fôlhas sêcas que enfeiavam as flôres do canteiro no corredor, abriu o portão e desceu lépida — apesar da gordura — os degraus que a separavam da rua. Subiu no banco de trás do táxi e já começou brincando com o motorista:

— Lá vai a cegonha de nôvo. Velho, você não se emenda. Na hora dos bebês chegarem é sempre tu quem vem me buscar.

O motorista riu mostrando seus poucos dentes e concordando com ela: a primeira corrida tinha sido há 15 anos, para ver sua própria mulher. Depois êle se acostumou.

Deixaram a rua de casas de madeira quase tôdas iguais — côres vivas e muitas flôres na frente — descendo para a praça central. Dali entraram para a esquerda, numa rua de terra. Subiram e desceram várias ladeiras e pararam onde e rua não tinha mais saída.

— É aqui, dona Odila.

A viagem de automóvel foi curta, mas José Rodrigues dos Santos, o futuro pai aproveitara para perguntar muito:

— Ela está sentindo dores. Isso é normal? Ela está fraca, pálida. Será que tudo vai dar certo? Ela precisou fazer tratamento para engravidar. A senhora acha que não tem perigo?

Dona Odila o tranqüilizava, falando pouco e rindo muito:

— Êta, porca pipa. Tá nervoso, homem? Vai dar tudo certo!

A casa também era de madeira e na frente havia muitos lírios. Ali moravam os sogros de José. Êle vivia em Guaporé, vila não muito distante, e viera para Bento Gonçalves quando a mulher estava no oitavo mês. A vida dos Presotto se complicara um pouco, pois nos únicos dois quartos dormiam 10 pessoas. Não havia água encanada nem luz elétrica — o último poste estava há 20 metros da casa. Mas dona Maria, a sogra de José, fizera questão fechada de que sua filha viesse dar à luz ali, onde podia contar com dona Odila.

A parteira entrou falando alto e alegre. Não quis saber de conversa com ninguém, e foi direto para a cama onde estava a mulher de José. O quarto era grande, escuro e abafado. Enquanto abria a maleta e retirava uma luva de borracha, mandou escancarar a janela. Calçou a luva e só então olhou para Zenaide. A môça estava pálida, as olheiras fundas, o cabelo desgrenhado, as pernas finas e uma expressão dolorosa no olhar. Usava uma camisola de flanela e calçava meias. O ventre sobressaía sob a colcha e ela sorriu para a parteira. Estava com mêdo.

— Calma, filha. Deixa te examinar. Se tu ficar calma e fizer o que eu mandar teu filho nasce como caroço de azeitona. Não fica nervosa, enquanto.

E virando-se para a mãe de Zenaide, que andava de um lado para o outro, ajeitando os lençóis, arrumando os bibelôs em cima dos móveis, limpando o pó:

— Velha, tua filha é bonita. Morena quase preta, hem?

— Pra nós ela é a Preta.

— Está bem. Agora pra mim também. Dobre as pernas, Preta.

Dona Odila retirou os lençois que cobriam a mulher e ajudou-a a dobrar as pernas, para um primeiro exame. A moça gemeu levemente e virou o rosto para a parede, agora com mais vergonha que mêdo: SEGUE

"Quieta! Não grite! Isso só atrapalha"

— Chii! Ainda demora. É bom tu levantar, Preta. Anda um pouco que a dilatação quase não existe.

Dona Odila tirou a luva da mão, colocou-a sôbre um pano branco em cima da penteadeira, abriu a porta do quarto e foi conversar com José. Preta levantou-se. No princípio meio amedrontada, mas depois acabou aceitando a idéia de que o parto não era iminente. Arrumou os cabelos e depois agachou-se para apanhar uma caixa debaixo da cama. Ali estavam as roupinhas do bebê. Enquanto dobrava cada um das peças, azuis, côr-de-rosa e brancas, a parteira conversava em voz alta, na sala:

— De onde é que tu é, rapaz?

— Somos de Guaporé. Eu trabalhava na cidade, mas quando tinha 21 anos fui atropelado, fiz um monte de operações e fiquei no IAPI. Êles me pagam 50 contos por mês e eu vivo na fazenda de um doutor muito rico que está sempre em Porto Alegre. Sou agregado. Planto um pouco de tudo: arroz, trigo, milho, uva, feijão. Tenho um porco, uma vaca e quando o patrão precisa da gente pra trabalhar, paga por dia. Mas gastei muito com a Preta. Quase 700 contos.

— Setecentos contos? É bom dinheiro. O que foi que aconteceu?

— Ela era muito fraca. E não ficava grávida. Um médico de Guaporé quase mata ela.

— Como foi, porca pipa?

— Umas injeções, acho que eram de cálcio. Fui buscar êle em casa de madrugada, aquêle veterinário. Mas agora ela está bem, a senhora não acha, dona Odila? Vai correr tudo bem, não vai?

— Está bem sim. Me diz, tu quer menino ou menina? Escolhe que eu encomendo. Mas tem que ser antes da hora.

— Quero menino. Mas se vier menina não faz mal. É o que Deus quiser.

O silêncio voltou. As janelas do quarto foram fechadas pois já começava a esfriar. Preta continuava caminhando pelo quarto. Às vêzes sentava e mexia de nôvo com as roupinhas do bebê. Dona Maria, a mãe de Preta, já pusera no fogão a lenha da cozinha o panelão de água que fora buscar no poço do vizinho. À medida que os minutos passavam a casa ia mergulhando numa calma mais aparente que real. Eram seis e meia quando Preta chamou:

— Dona Odila, acho que está na hora. Dói muito.

O marido e a parteira levantaram-se, mas só Dona Odila entrou no quarto. Colocou a luva, levantou o lençol e examinou a mulher:

— Deixa de fazer fita. Ainda demora muito. Agora não precisa levantar mais. Fica deitada e vê se dorme.

A parteira foi até a maleta, apanhou a caixa de injeção e dela retirou uma ampola grande, de líquido transparente:

— Vou te dar uma injeção de vitamina B-12, enquanto. Assim tu fica forte.

Quinze minutos depois da injeção, Preta cochilava, as pernas e os braços abertos na cama. Dona Odila chamou dona Maria:

— Coloca debaixo da tua filha uns panos de que não precise mais. Depois do parto junta tudo com a placenta e enterra lá no quintal.

José, que vinha entrando no quarto, perguntou à parteira:

— Isso é alguma simpatia, dona Odila?

— Nada. No hospital êles queimam. Como nós não podemos fazer isso, o melhor mesmo é enterrar no quintal.

Preta despertou enquanto sua mãe arrumava a casa. Sonolenta, não percebeu nada do que acontecia à sua volta. Descansava. Sentada na beira da cama, dona Odila ouvia José falar de sua vida:

— Depois disso tudo que estou vendo e das coisas que nós já passamos é que dou valor à minha mãe. Fui homem do mundo. Fiz muita malandragem e sempre andei metido com mulher. Minha mãe sofreu muito por causa disso e só agora, depois que casei e estou vendo Preta dar à luz, é que vejo como fui errado.

Preta começou a mexer-se e a gemer. Primeiro baixinho, mas depois seus gritos foram enchendo o quarto. Dona Odila afastou os lençóis e enquanto examinava a mulher falou com voz autoritária:

— Fique quieta! Não grite! Isso só atrapalha!

José levantou-se — o mêdo no rosto — torcendo as mãos. Foi ficando pálido e começou a suar. Dona Odila procurou tranquilizá-lo:

— Ainda demora. A dilatação está muito lenta. Vou dar uma injeção para apressá-la.

Preta acalmara-se novamente, embora de tempos em tempos gemesse baixinho. Dona Odila sabia que a dor não era tão grande, mas que no primeiro filho tôda mulher é manhosa, e pensava enquanto preparava a seringa: "é muito mais mêdo, ansiedade, do que dôr".

José olhava penalizado para a mulher, mas não falava nada. De vez em quando, porém, dona Odila surpreendia um olhar entre os dois. Dona Maria, também falava mas percebia muito bem o que a filha sofria. Tivera nove filhos e uma longa doença que obrigara seu marido a gastar tudo com ela, vendendo o pedaço de terra, empregando-se como colono e agora — cansado e passando dos 50 anos — trabalhando como operário em Bento Gonçalves. Foi ela quem quebrou o silêncio que se seguiu à aplicação da injeção:

— Acho que essa menina herdou as coisas ruins de mim. Mas a Virgem Santíssima não irá permitir que ela sofra. Ajude-a Santíssima!

— Porca pipa! Não assusta tua filha, mulher! Tudo vai indo muito bem. Ela está ótima. Se ela tivesse que dar à luz como uma mulher que fui atender na colônia ontem, aí sim. Tu precisava de ver. Foi no chão, em cima de uns trapos, e não tinha lampião como aqui. E foi tudo bem. O primeiro filho é sempre mais demorado, mas passa logo. Daqui a pouco o guri vai berrar e encher tôda a casa de alegria.

José acreditava cada vez mais em dona Odila. Seu jeito franco, aberto, quase brusco, dava-lhe uma autoridade que se transformava em segurança na cabeça de José. Ela parecia conhecer tudo. Mesmo assim, êle perguntou:

— A senhora é parteira muito tempo, dona Odila?

SEGUE

O primeiro parto é mais doloroso e dif[illegible]

Com gestos rápidos e precisos, depois do nascimento, dona Odila cortou e amarrou o cordão umbilical, banhou e vestiu a criança.

Rindo, o pai carregou a criança pela primeira vez, enquanto dona Odila ajudava a mãe de Preta na arrumação.

"Foi tudo muito bem. A criança é linda"

Ela já atendeu mais de três mil partos.

— Dezoito anos. Desde o dia em que minha vizinha, Vicentina, pediu que eu ficasse ao seu lado enquanto o marido ia buscar a parteira. Antes delas chegarem ela fêz o serviço. Nunca esqueço. Senti tanto mêdo! Mas quando a criança deu o primeiro grito eu chorei de alegria. Era uma menina, minha afilhada hoje. Quando a parteira apareceu, foi só cortar o umbigo. O resto eu tinha feito tudo.

— Então a senhora deve ter feito muitos partos?

— Bah? Mais de três mil. Não tem uma casa em Bento Gonçalves em que eu não tenha trazido pelo menos um bebê. E é sempre a mesma coisa. Primeiro, mêdo de que aconteça alguma coisa ruim e depois a alegria de ver os porqueiras gritando. É lindo!

— A senhora deve trabalhar muito.

— Não dá mais. Agora tem o hospital e as freiras. Isso eu acho errado. Como é que uma mulher que não é mãe pode ser parteira? Mas é bom a gente não falar. E os médicos? Tem uns que são ótimos. Mas também alguns só fazem mal, só pensam no que podem ganhar. É o progresso! Agora as parteiras estão desaparecendo, mas houve um tempo em que se não fôssem elas...

Eram nove horas. A lua saíra e o vento frio corria balançando a figueira no fundo do quintal. No quarto, a luz era a de um lampião a óleo. José correra tôda a vizinhança, mas não houve quem lhe emprestasse um a gás. Dona Odila conformara-se em trabalhar sòmente com aquela luz. Quando Preta mexeu-se novamente, ela vestiu o avental branco, retirou o lençol, benzeu-se dizendo baixinho:

— Senhor! Ajuda-me mais uma vez!

Sentou-se novamente na beirada da cama; estava começando o trabalho de parto.

Dona Odila mandou que Preta dobrasse as pernas e abraçasse os próprios joelhos com as mãos. Quando ela obedeceu, a parteira segurou-lhe os braços e comandou:

— Agora coragem! Faça fôrça para baixo! Mais! Isso, assim! Agora descanse. Solte-se na cama. Respire!

Dona Odila abaixou-se, examinou a Preta mais uma vez e virou-se para o marido:

— Agora vem. Vai ser menino! Ou você não quer?

Os olhos muito abertos, êle quase não ouvia a parteira, não perdendo um movimento nem da mulher nem de dona Odila:

— Pode ir cortando um pedaço das calças que daqui a pouco está aí um gurizão berrando, porca pipa!

José saiu do quarto. Não agüentava ver a mulher sofrendo. Mas fica fora sòmente alguns minutos. Voltou quando Preta começou a gritar:

— Ajude-me Santíssima Maria! Santa Rita! Valei-me Menino Jesus! José viu a parteira apoiando-se nos braços de sua mulher que continuava apertando os joelhos. Dona Odila estava cansada, suava, mas comandava sempre:

— Fôrça e coragem! Faça fôrça para baixo! Assim. O bebê já está aparecendo. Descanse!

Com bastante cabelo, a cabecinha da criança aparecia e dona Odila virou-a cuidadosamente, procurando facilitar a saída. Daí para a frente o trabalho foi ficando cada vez mais difícil e Preta gritava com tôda a fôrça. Procurou alguma coisa em que se segurar e encontrou a mão da parteira. Depois o vazio.

A sugestão foi de dona Odila:

A mãe da Preta estava paralisada. José olhava as duas mulheres, hipnotizado.

— Agora fôrça minha filha! Mais! Já está quase tudo terminado! Agora! Vamos! Isso!

Preta distendeu-se, abandonando-se na cama.

Nos braços de dona Odila o bebê se agitava, silencioso. Ela colocou-o entre as pernas da mãe, sôbre os trapos. José saiu do quarto. O cordão umbilical, no comêço vermelho de sangue, foi embranquecendo até tornar-se alvo. Dona Odila apanhou a pinça cirúrgica e aplicou-a no cordão. Depois amarrou-o logo abaixo da pinça e cortou-o. Embebeu uma mecha de algodão, envolveu com ela o cordão e prendeu-o ao ventre da criança. Dona Maria já trouxera a água quente e dona Odila mandou que ela despejasse na banheirinha côr-de-rosa que estava a um canto do quarto. Com gestos rápidos lavou o peito, os braços e as pernas da criança, depois virou-a, segurando-a com uma das mãos enquanto com a outra lavava-lhe as costas. Esfregou-a vigorosamente com uma toalha e depositou-a novamente entre as pernas da mãe. Preta não dizia uma palavra. Estava imóvel, respirando regularmente. Parecia adormecida.

— Descansa filha. Já cuido de você.

A parteira enfaixou a criança à altura do umbigo, colocou-lhe a camisinha, cueiros, e envolveu-a em novas faixas. Depois um casaquinho de lã, a touca e finalmente a manta de lã tricotada. Entregou o bebê para a avó e então dedicou-se à mãe. A porta do quarto estava fechada. Pediu mais luz e dona Maria, com o bebê no colo, aproximou o lampião. A parteira retirou a placenta, envolveu-a nos trapos, fêz a higiene da mãe, ajeitou-a sôbre os travesseiros, cobriu-a e apanhou novamente a criança. A avó saiu levando os trapos para fora e pela porta entreaberta dona Odila anunciou para José:

— É menina, e linda!

José parou. Não entendia bem o que estava acontecendo. Aproximou-se da porta, perguntando à parteira:

— Preta está bem?

— Ótima e pronta para outra.

Só então êle estendeu os braços para a filha. Olhou-a, encostou-a em seu rosto, puxou a touca para olhar os cabelos e sorriu. Riu ainda mais quando dona Odila brincou, lembrando do que falhara na previsão:

— Se não quiser levo embora. Eu mesma fico com uma guria tão linda. E então?

— Essa é minha, dona Odila. Minha filha!

— Tua só não! Dá aqui a menina pra tua mulher ver!

FIM

Esta mulher é livre

Ela é uma môça de 24 anos, que não tem mêdo de dizer a verdade sôbre amor e sexo no Brasil

Entrevista de Alessandro Porro — Fotos de David Drew Zingg

Sabe por que uma amiga minha, aos 15 anos, resolveu ir dormir pela primeira vez com um homem? Porque ela queria ser escritora, e achou que sem a tal experiência não teria conseguido enfrentar, de maneira realista, o tema **amor.** Agora ela trabalha em teatro e não escreveu livro nenhum."

Não há cinismo nem amargura na história contada por Ítala Nandi, a jovem atriz de **Os Pequenos Burgueses** e de **Os Inimigos,** que ganhou lugar definitivo entre os maiores nomes de nosso teatro por sua recente interpretação em **O Senhor Puntilla e seu Criado Matti,** no Rio. Ela poderia se aproveitar do tema para fazer um depoimento pregando sôbre moral, amor, pecado e comportamento sexual da mulher brasileira. E na verdade sua entrevista trata dêsses assuntos todos. Mas em seu rosto sem maquilagem (só a usa no palco), enquanto ela continua contando o caso da amiga, não há nenhuma censura ou ar de pregação — apenas a serenidade de quem enfrenta qualquer situação com todo desembaraço:

"Eu não condeno ninguém. Não sou freira nem juiz. O que eu sinto, lembrando êsse episódio, é melancolia: porque não se trata de um caso isolado. São muitas as mulheres brasileiras que vão dormir pela primeira vez com um homem sem perguntar-se "por quê". E assim chegamos ao absurdo da "primeira vez" por simples motivos literários. Culpa das mulheres? Nada disso. Veja o caso da garôta que queria ser escritora: eu a conheci bem. Não era maluca, nem histérica. Era, muito simplesmente, o produto de um universo de burrice, tradicional e provinciano, em que a palavra **amor** encaixa perfeitamente com a palavra **pecado.** O que sabia ela da vida? Os pais, com seu terno silêncio e seu rigoroso orçamento moral — onde tudo é previsto e descontado; onde apêrto de mão quer dizer namôro; beijo, noivado; e "dormir", casamento — tinham criado para ela um mundo dividido em duas partes: o bem e o mal. Os bons e os maus. As coisas que se pode fazer e as que estão proibidas pela lei que ninguém decretou, mas que todo o mundo (o tio, a avó, a prima, o vizinho de casa, o amigo do outro bairro) respeita com religiosa persistência, sem perguntas e com mêdo das descobertas. E o que acontece? A primeira vez que a garôta, sòzinha, tenta uma interpretação qualquer desta ou daquela verdade, cai fatalmente no fundo buraco do equívoco."

O microfone vibra levemente, e a fita continua engordando os carretéis do gravador. Antes de escolher Ítala Nandi para esta entrevista sôbre mulher, haviam falhado outras seis tentativas: com uma senhora da sociedade carioca, duas famosas atrizes, uma professôra de literatura, uma colunista social e uma médica. Tôdas se declararam entusiasmadas com a idéia de "poder revelar, finalmente", o que pensavam, em têrmos sinceros e liberais, sem complexos e sem mêdo. As seis tinham ficado empolgadas com a entrevista de Ingrid Thulin, publicada no primeiro número de REALIDADE **(As suecas amam por amor)** e acham importantíssimo enfrentar o tema em têrmos brasileiros. Mas aconteceu que a senhora da sociedade ("é uma pena, eu sei, mas talvez elas tenham razão") foi desaconselhada pelas amigas. A médica declarou muito sinceramente: "Se eu não tivesse perguntado ao meu marido, teria mantido a promessa. Agora, porém, êle proibiu de uma vez a entrevista, não sei mais o que fazer". Das duas atrizes, uma queria que seu nome não aparecesse ("tenho meu público, você compreende..."), e a outra chegou a gravar uma primeira fita, do que chamou **confissões,** mas depois desistiu: "Não é mêdo, sabe, mas..."

A professôra nem chegou a ir ao encontro marcado com o gravador: "Acho que na Faculdade não irão gostar nada". E a colunista viajou para a Europa, de repente.

Ítala Nandi não recusou nem aceitou com entusiasmo; disse com objetividade: "Uma tentativa não custa nada. Gostaria muito de enfrentar o tema da condição da mulher brasileira; o assunto me interessa, e de perto. Mas será que vai dar certo?"

O resultado está aí. Sem acrescentar ou tirar nada, eis o seu depoimento. Às vêzes, as respostas chegam a desconcertar, pela excessiva franqueza. Outras vêzes, assustam. De qualquer maneira, trata-se de um testemunho de nosso tempo, do encontro de uma mulher de hoje com suas próprias verdades. E de suas amarguras.

"Sexo não é assunto desligado da realidade"

Alessandro Porro — Nos últimos trinta anos, em todo o mundo, a situação da mulher parece ter melhorado muito. O homem não é mais o dono absoluto do universo. Sòmente em alguns países, a mulher ainda não tem direito ao voto. No campo profissional, a vitória feminina é marcante. Antigamente, a mulher tinha pouquíssimas possibilidades de afirmação, mas hoje seu lugar está bem definido. Freqüentemente em igualdade de condições com o homem. Estas conquistas permitem às mulheres mais liberdade, mais independência. Na Suécia, por exemplo, a liberdade sexual atingiu...

Ítala Nandi — Eu sabia. Nossa conversa mal começou, e já temos a Suécia. É fatal: fala-se em mães solteiras? E eis que alguém cita Estocolmo e sua clínica especializada em hospedar mulheres grávidas e sem marido. Fala-se em sexo? E logo aparece quem lembra de cor a famosa entrevista de Ingrid Thulin, palavra por palavra. Desculpe esta interrupção, mas acho oportuno esclarecer de uma vez meu ponto de vista sôbre a Suécia. Achei importantíssima a entrevista da Thulin; considero fundamental o que ela disse. Mas quero dizer logo que nenhuma palavra que ela confiou ao repórter poderia ter sido pronunciada por uma mulher brasileira, em boa-fé. Sexo não é um assunto que se possa desligar da realidade que nos envolve. Liberdade sexual, antes de mais nada, faz parte da soma total de infinitas outras liberdades; e onde estão, aqui no Brasil, estas liberdades? Não me refiro ao tempo presente, à atualidade política. Refiro-me ao tempo marcado pelos relógios do interior, das cidades da fronteira, dos vilarejos do meu Rio Grande do Sul, ou, também, dos bairros das cidades grandes. Os ponteiros pararam nestes lugares: a única liberdade de que goza a mulher brasileira é a de escutar o homem, curvando a cabeça. Ela não participa de nada, não sabe nada. E não porque não quer, mas porque não pode.

SEGUE

"Para muitos, até o beijo ainda é pecado"

FOTO DE NELSON DI RAGO

Qualquer liberdade está naturalmente ligada à independência econômica: e quantas mulheres brasileiras gostam desta independência? As poucas que conseguiram alguma coisa da vida estão com tamanho mêdo de perder o que conquistaram, que ficam caladas e boazinhas, talvez invejando a sueca, mas disfarçando êsse sentimento para não correr o risco de desagradar alguém...

A.P. — Parece que você não tem essas preocupações. Um ou outro leitor pode pensar que você está falando do alto de uma tribuna, as mãos nos quadris, numa atitude de luta...

I.N. — E êsse leitor estaria certo pensando assim. Minha atitude é de luta mesmo, ainda que a tribuna seja uma poltrona macia. E fico triste, esta é a verdade, olhando em volta de mim. É o mêdo de não ver uma saída a curto prazo que possa ser indicada à mulher brasileira. Não, não tenho qualquer preocupação de querer agradar alguém, mas sòmente a de ser sincera comigo mesma. Para mim, agradar quer dizer submeter-me. Já fui mulher submissa. Ja errei mil vêzes, porque não sabia nada, e ninguém me dizia nada. Lembro-me da minha mocidade quase com raiva: a confusão era completa em minha cabeça. Eu tinha namorados, e às vêzes desejava beijá-los: mas alguém não tinha dito que era **pecado?** E meu pai não tinha colocado o beijo entre as coisas proibidas e perigosas? Daí, minha renúncia. Nada de beijos. Chegava a convencer-me de que era **eu** a não querer, de que era **eu** a não gostar. Quando descobria que não tinha beijado o meu namoradinho sòmente porque **ficava mal,** chorava lágrimas quentes de decepção: compreendia, ao mesmo tempo, que estava mentindo a mim mesma. Estava mentindo, isto é, **pecando,** só para agradar aos outros, em nome de uma moral estranha, hipócrita. Quem disse que algo mudou? Mudou nada: veja só o que me aconteceu faz alguns meses, em São Paulo. Era um sábado de primavera, e eu estava, com um amigo de quem gostava muito, na praça Roosevelt. Na hora do crepúsculo, ficamos comovidos olhando a côr do céu. Era tudo tão belo, tão sereno, que uma alegria repentina tomou conta de nós; êle me pegou entre os braços, e começou a rodar-me, cantando. Eu ria, ria como nunca. De repente, chegou um guarda: "Mas o que é isso? Não vêem que os outros estão olhando?" Ficamos assombrados, eu e meu amigo. Eu disse: "Mas estamos brincando, estamos contentes..." O guarda me olhou, severo: "Isto é imoral". Era uma sentença. E virando-se para o rapaz: "O senhor deveria ter mais respeito com sua namorada, ouviu?" Que sábado triste. Acabou tudo: céu crepúsculo, alegria. Ficou um nó aqui, e foi duro de engolir.

Será que os homens perceberão que a mulher pensa?

A.P. — O episódio que você acaba de contar vai confundir o leitor que a imaginou lutando. Eis uma mulher romântica, sentimental — êle dirá.

I.N. — E daí? Não faço questão de ser rotulada de uma maneira ou de outra. O importante, para mim, é descobrir, cada dia que passa, que sou um pouco mais livre do que ontem, e um pouco menos independente do que amanhã. Parece uma frase feita, mas não é. O problema não é o rótulo: "esta mulher é assim", "esta outra é assim". Os homens fazem essas classificações. No dia em que êles disserem "esta mulher **pensa** assim", "esta outra, pelo contrário, **pensa** assim", então, algo de bom terá acontecido. Não quero ser pessimista demais, mas me pergunto: "Chegará o dia em que os homens perceberão que a mulher pensa?" É claro que nada acontece por milagre. Será preciso que a mulher demonstre sua capacidade de pensar, de escolher, de resolver, de responder aos porquês. A mulher brasileira — é inútil disfarçar — não se pode dar a êste trabalho: sua escravidão econômica, sua condição submissa, sua atitude de constante preocupação em querer agradar, tiram dela a fôrça necessária para adotar uma posição crítica em relação ao mundo. Quem tem fôrça para perguntar **por quê?** Quem tem coragem de escolher? A esta altura, já estou ouvindo um côro de protestos. Todo mundo tem um ou dois exemplos de mulheres fabulosas, que escolhem, pensam, resolvem e perguntam, e que estão à disposição para desmentir meu ponto de vista. Ótimo, eu digo. Eu também conheço algumas, talvez cinco ou seis. E as outras? São milhões: muitos milhões de mulheres que não chegam sequer a levantar o problema da igualdade com o homem. Sua única preocupação, ainda hoje, em 1967, é sòmente a de sobreviver sob o domínio dêle, e nada mais.

A.P. — Não lhe parece, esta, uma visão um tanto desesperada da situação?

I.N. — Desesperada? Se fôsse, agora não estaríamos aqui na frente de um gravador, discutindo o problema, ou comentando as declarações de uma Ingrid Thulin, que chegam até nós como revelações de outro mundo. Veja, estamos falando da Suécia como se se tratasse de Marte ou de outro planêta. E ficamos boquiabertos, pensando que em Estocolmo há distribuidores automáticos de pílulas anticoncepcionais, e ambulatórios noturnos para as que necessitem de um abôrto com urgência. É verdade ou não que essas revelações deixam, também em nós que as aceitamos, um sentimento de embaraço? E sabe por quê? Porque muita gente, aqui no Brasil, ainda acha que menstruação seja uma palavra feia; e ainda acha imoral que dois namorados brinquem de roda, cantando, numa tarde de primavera na praça Roosevelt, em São Paulo, capital industrial da América Latina; ainda olha com censura o beijo de dois jovens na porta de casa, antes do boa-noite; ainda vai ver os filmes da Brigitte Bardot deixando a espôsa em casa; ainda compra nos sebos os livros sôbre educação sexual, escondendo-os — após uma rápida e mórbida leitura — na mais funda das gavetas, para evitar que os adolescentes **saibam demais.** Tudo isso acontece à nossa volta, de minuto em minuto: e você me acusa de ter uma visão um tanto **desesperada** do problema? Olhe, é tamanha a gravidade da situação, que me acho serena demais. Eu, sòmente eu, sei o que foi a minha experiência sexual, a trágica e repentina revelação de um mundo nôvo e misterioso, sem preparação nenhuma. Teria — como seria natural — de me lembrar daquele momento com doçura e saudade. Ao contrário, luto com minha memória para cancelar a lembrança horrível: que sabia eu quando isto aconteceu? Nada. As leituras que minha mãe me permitia estavam tôdas numa estante do meu quarto: a **Coleção das Môças** de Madame Delly. Bonitos livros, bonitas as mocinhas, lindos os rapazes, sem problemas, sem complexos e sempre acabavam se casando num delírio de pureza. No dia que tiver uma filha e descobrir que está lendo um livro de Madame Delly, vou fazer um escândalo, juro.

"Estou feliz e livre como um passarinho"

A.P. — Parece que você não culpa só os homens por esta situação, mas também as mulheres: sua mãe, por exemplo...

I.N. — Digamos **responsabilizar** ao invés de **culpar:** já disse que não sou juiz. Sou uma mulher, como tantas outras de 24 anos, que tentam sair do abismo. E, realmente, o conflito não é sòmente entre homem e mulher. É, também, e principalmente, entre gerações: o Brasil é um país de jovens, mas quem manda são os que têm mais de 50 anos. E são todos vigorosos, ainda têm fôrça bastante para empunhar o timão e dirigir o navio. Os meus pais fazem parte dessa geração que está no comando do barco. Olham a mocidade com espanto, com suspeita, e, acostumados a não falar, a não dialogar — hoje que o diálogo seria mais simples porque efetivamente em outros lugares do mundo algo aconteceu — continuam calados. E a incompreensão aumenta.

SEGUE

Buenos Aires é a Av. 9 de Julio... o obelisco... o gaucho e o mate. É o bom gôsto internacionalmente apreciado. O bom gôsto que personaliza o fumante de

minister

FILTRO DE LUXO

CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

um cigarro de agrado internacional

20 CIGARROS 20

minister

FILTRO DE LUXO

GRANT-R. M. 1

"Devemos ser independentes a qualquer custo"

Entre as duas gerações levanta-se um muro de censura e de rancores. Talvez os milagres aconteçam. Minha mãe foi fazer uma viagem à Europa, faz pouco tempo. Um dia recebi um cartão da Itália. Dizia simplesmente: "Estou feliz e livre como um passarinho". É a lembrança que guardo com tanto amor, que chega a eliminar as outras, mais amargas, que fazem dela uma mulher serena, mas submissa; inteligente, mas preocupada até o exagêro em agradar os outros, porque, caso contrário, **fica mal.** Estava um dia na praia de Copacabana com minha mãe. Como sempre, as palavras eram poucas e insignificantes. De repente, ela me disse com muito embaraço: Ítala, você, que já foi casada e mora longe de casa, certamente não está completamente sòzinha. Ou está?" Sei que ela teria ficado feliz se eu tivesse mentido, se tivesse anunciado com um pálido sorriso minha solidão. Mas não tive coragem de mentir. "É claro que não estou sòzinha, mamãe — disse olhando-a — "porque teria de ficar sòzinha? Sou jovem, não sou feia..." Houve um silêncio breve, e logo depois mais uma pergunta: "Mas se nascer uma criança?" "Seja benvinda", respondi. A essa altura, minha atitude era um desafio, talvez até de maldade, confesso. Já sabia o que minha mãe ia comentar: "Minha filha, que vergonha, que humilhação: imagine em Caxias do Sul, os amigos de seu pai, as suas amigas, receberem a notícia de que você teve um filho com um homem que não é seu marido?" Foi o que disse, deitada na areia, o rosto entre as mãos. Só quando chegou aquêle cartão consegui esquecer esta imagem. E foi um dia de festa.

A.P. — Se tivesse ficado em Caxias, no Rio Grande do Sul, você pensaria como hoje?

I.N. — Não, em absoluto. Percebo isto, lendo as cartas de minhas duas irmãs. Elas me

falam de seus problemas e vejo que são os mesmos que eu tinha. O meu mêdo é que um dia, por revolta ou imaginando a chegada repentina do grande amor, elas deixem tudo para casar sem escolher, mas sendo escolhidas. Lembro-me do meu casamento. Eu tinha 17 anos. Depois da cerimônia vi meu pai parado na frente da igreja, em atitude de desafio. Êle era contra o casamento, me acharia muito môça. Nem cumprimentou o rapaz que acabava de casar comigo. Nem olhou para êle. Encostou o seu rosto ao meu, e disse: "Um ano, não vai durar mais de um ano".

Durou dois, porque eu quis, por teimosia. Mas, na verdade, o certo teria sido acabar no prazo previsto por meu pai, infalível contabilista dos sentimentos alheios. Êle sabe tudo, prevê tudo, planeja tudo. Considera-se o Galilei de Caxias do Sul. Mas, no fundo, é um grande romântico, um sentimental. Não admite, por exemplo, a minha carreira teatral. Atriz, para êle, é ainda a tal coisa que uma certa geração acha; palco ou Sodoma e Gomorra são a mesma coisa. Por isso fiquei espantada quando, em Pôrto Alegre, na estréia dos **Pequenos Burgueses,** descobri-o na primeira fila. Senti, durante todo o espetáculo, seus olhos em mim: acho que nunca representei tão mal. Depois, foi ao camarim: e me abraçou forte, como não me lembro de ter feito antes Mas não perguntou nada, nem comentou nada. Foi sua maneira de ser coerente.

"O importante é colocar a mulher em condições de escolher"

A.P. — Vamos falar de suas irmãs. Isto é, de duas jovens mulheres brasileiras que, por acaso, são também suas irmãs e que fazem parte dêsses milhões de **escravas,** como você as chamou antes. Indicaria a estas duas garôtas o mesmo caminho que escolheu? Isto é, independência a qualquer custo, com os riscos e obstáculos que tal posição acarreta?

I.N. — Sem dúvida. E ainda mais porque são minhas irmãs. Mas não se trata só de indicar um rumo, uma direção. O importante é colocar estas duas mulhes, e os milhões de outras, em condição de escolher. Em condição de poderem ser donas de suas atitudes. O problema está todo aqui: eu não posso dizer às minhas irmãs: "isto você pode fazer", "isto você não pode". Eu gostaria que elas, sabendo da existência das duas possibilidades, chegassem à conclusão mais certa, indo para um lado ou para outro, não importa qual, depois de uma escolha racional. O nível cultural da maior parte das mulheres brasileiras não ajuda a realizar está difícil tarefa de escolher: e assim, às vêzes, o problema é resolvido impensadamente, por um impulso externo, ou sòmente uma **recomendação** de quem está por cima e dita a lei. Uma vez, uma garôta de 16 anos me perguntou: "o que você acha, devo aceitar o convite de um rapaz para ir à sua casa? Êle mora sòzinho, e eu já imagino como vai acabar. Sabe, é a primeira vez..." "Mas você, o que acha dêle?" perguntei. E descobri, com horror, que a menina não achava nada. O problema, para ela, era **ir ou não ir.** Aceitar ou não aceitar o convite. Isso não é liberdade sexual, nem aqui, nem na Suécia. Mas a falta de uma educação em tal sentido, na escola ou em família, provoca essas confusões. Encontrei-a cinco ou seis meses depois. Estava gordinha, grávida. Tinha ido.

A.P. — Parece chegado o momento das conclusões. Escutando as fitas gravadas, chega-se à impressão de que você tem uma receita válida para oferecer às mulheres brasileiras: é a receita da livre escolha, do saber aproveitar os porquês, da participação mais ativa nos problemas da vida. Mas, como você disse, o ingrediente principal dessa receita é a liberdade econômica. Neste caso, a possibilidade da escolha, da opção, da participação ainda fica reservada a uma elite, a uma minoria.

I.N. — Sim, pràticamente. Mas algo precisa ser feito para despertar as consciências de nossas mulheres. Cada uma, em seu mundo e à sua maneira, pode fazer algo. Claro, a liberdade econômica é imprescindível. Temos um exemplo tirado da história, que nos dá possibilidade de olhar o futuro com certa confiança: você se lembra de Spartacus, o escravo romano que foi um dos primeiros líderes populares da humanidade? Muito bem, Spartacus nem salário mínimo ganhava e conseguiu algo. O importante é tentar fazer algo. Falo também por mim mesma, e o tom é de censura: poderia fazer muito mais, mas às vêzes fico calada, por cansaço ou preguiça. Basta dizer às mulheres **escravas** que vivem em volta de nós: "Olhem, observem, informem-se, procurem agir diante dos acontecimentos da forma mais honesta com vocês mesmas, e não por imposição dos outros. Se vocês sabem ler, leiam muito, qualquer coisa." Eu comecei a ler Sartre com 16 anos. É verdade, não compreendia nada. Mas acho que Sartre produziu em mim exatamente o que êle quer provocar na mente dos jovens: uma saudável confusão, cheia de pontos de interrogação. A gente, assim, aprende a pensar. E a escolher. Claro, não estou aconselhando a leitura de Sartre às camponesas do Nordeste nem às operárias de São Paulo ou do Rio Grande. Mas quantas universitárias lêem Sartre? E quantas, na verdade, lêem outros autores? A esta altura, quero esclarecer mais um ponto: não me acho uma intelectual, não gosto de intelectuais de profissão, de cara amarrada. São chatos. Eu gosto de gente jovem, saudável, podem ser cantores ou músicos, químicos ou pedreiros: o importante é que saibam aceitar minha escolha e saibam respeitar minhas idéias. Veja, nós brasileiras não pretendemos muito. Nem chegamos a querer já o que as suecas estão cansadas de ter. Nós ainda acordamos cada manhã enfrentando um dilema: "tal coisa é moral ou imoral?" o dia em que pudermos pensar: "tal coisa está certa ou errada?", então tudo será mais fácil. Para acabar, quero dizer, mais uma vez voltando à Suécia (e parece ser impossível evitar êsse vaivém), que achei fabulosa a enrtevista de Ingrid Thulin, mas as razões que ela expressa são sòmente dela, e têm de ficar com ela. A noite funda da moral brasileira ainda nos impede de chegar, hoje, às mesmas conclusões. Talvez, na Suécia, Ingrid vire uma santa, a santa das mulheres libertadas. Então só posso dizer uma coisa: "Santa Ingrid, reze por nós." FIM

O Aero-Willys sempre conta a história de homens bem sucedidos.

O Aero-Willys traduz em suas linhas sóbrias, porém marcantes, o temperamento dinâmico dos homens bem sucedidos. E por uma questão de afinidade, êsses homens sempre preferem o Aero-Willys.

O Aero-Willys é um carro de confiança, carro para quem tem compromissos e não pode faltar, tem horários para cumprir e não pode atrasar-se.

O Aero-Willys tem espaço e confôrto para seis pessoas. Motor de 110 HP, com fôrça para o desempenho que você deseja.

No Aero-Willys 67 você ainda encontra direção mais suave e obediente, estofamento de couro legítimo (opcional), trava de direção como equipamento original, painel reestilizado, novas côres, e novas lanternas traseiras.

Já é tempo de você mostrar o seu sucesso.

Conte com o Aero.

©Willys-Overland-66.1490-AW

Aero Willys 67 Produto da Willys-Overland - Fabricante de veículos de alta qualidade.

— Querida Tia Nenita: Estou apaixonada por um homem desquitado, mas o maior sonho de minha vida é casar na igreja. Que devo fazer?
— Minha amiga, se você usar o bom-senso, tenho certeza de que encontrará a felicidade em seu caminho...
As cartas chegam aos milhares. E as respostas são quase sempre as mesmas, mas muitas mulheres acreditam que o conselheiro anônimo possa resolver os seus problemas íntimos.
Neste artigo, a jornalista e psicóloga Carmen da Silva, que também responde a consultas numa revista feminina, revela a comédia, o drama e a grande farsa do

Consultório Sentimental

Fotos de José Pinto

Os exibicionistas escrevem provocando e desafiando

Rara é a revista feminina que não tenha o seu **consultório sentimental,** onde milhares de mulheres descarregam suas mágoas, incertezas, mêdos e complexos. E é tão grande o número das que acreditam nesse tipo de **consultório,** que já o adotaram os suplementos femininos, os cadernos dominicais e até os jornais diários de grande tiragem.

A maioria dos homens balança a cabeça com irônica superioridade: "coisas de quem não tem o que fazer..." Até certo ponto, está certo. Não que tôdas, necessàriamente, não tenham o que fazer; as cartas vêm também de gente que estuda, gente que trabalha, mães de famílias numerosa, profissionais e até dos próprios homens. Mas, dando-se à palavra **fazer** um sentido mais amplo, justifica-se a opinião masculina: são mesmo **coisas de quem não tem o que fazer,** porém não tem porque não sabe.

Ao falar dos papéis que a sociedade dá a cada sexo, Simone de Beauvoir demonstra que a parte da mulher é passividade e espera **no lar,** enquanto a do homem é projeto e ação **no mundo.** Ora, agir no mundo significa enfrentar situações objetivas, ante as quais são inúteis os conselhos do leigo bem intencionado: tais situações exigem domínio de técnica, conhecimento de instrumentos, instrução especializada. Para construir uma casa, Pedro Pedreiro precisa aprender sua profissão; para construir seu lar, a mulher só tem de entrar com o que a natureza lhe deu: corpo e boa-vontade. Construir seu lar é o que se espera dela, e o que basta para justificá-la.

Nesse sentido, é bem estranha a atitude da sociedade com relação à mulher. Não reconhece função que ela possa desempenhar por conta própria; ou se reconhece, é com menosprêzo. Em teoria, vá lá; na prática, só se admite que ela trabalhe por premente necessidade econômica. Mulher que **faz** alguma coisa para ser útil, mulher que voluntàriamente se arrisca fora do mundinho de domesticidade, frivolidade e filantropia que lhe está reservado vai logo ganhando patente de **frustrada.** Complemento do homem, só através dêle **se realiza,** tornando-se espôsa e mãe, isto é, funcionando como ente sexual a serviço da espécie. Encalhada, ela não é ninguém: zero à esquerda.

Porém, a sociedade não lhe dá o direito de sair procurando o seu complemento. É ficar em casa, bem arrumadinha, bem comportadinha, esperando, merecendo. É tratar de ser vista sem ficar marcada, de ser escolhida sem se oferecer. É fazer de conta que não tem sexo, até conseguir marido e ser resgatada... na qualidade de sexo.

Organismo procriador em disponibilidade; instintos naturais que a decência manda disfarçar sob rótulos mais **espirituais;** braços cruzados ante o destino, ameaça de permanecer ignorada para sempre se a vida não fôr camarada: esta é a sua sorte. E a seu redor, contaminando cada partícula de ar que ela respira, a maior hipocrisia, junto com a preocupação bem concreta do bom partido, do rapaz-de-posição.

O casamento a converte em propriedade privada do homem que lhe garante a virtude, a estabilidade econômica, a situação social e o futuro. Após a etapa da habilidade, sedução e espera, vem a da concessão, da tolerância, da boa conduta, das pequenas atenções. Se antes era um vir-a-ser, agora é um mero e precário ser-por-delegação.

Não admira que ela gire em tôrno do sexo, do amor, do homem, da segurança: constituem sua forma de acesso a um lugarzinho ao sol. Não surpreende que, em sua impotência, ela se agarre aos santos casamenteiros, aos videntes, cartomantes e quiromantes, às receitas baseadas quer nos cremes de beleza, quer na bruxaria. No meio de tudo isso, o conselheiro sentimental continua sendo a melhor escolha: às vêzes êle diz uma palavra de bom-senso.

A fórmula salvadora: ser boazinha

Uma jovem arrependida de ter provocado abôrto, rebela-se contra o casamento e as "tôlas instituições". Responde a conselheira sentimental: "Com ou sem casamento, seu filho teria de ser alimentado, abrigado, cuidado. Seus pais ou uma entidade beneficente, qualquer dessas "tôlas instituições", teria se encarregado dêle; você não o poderia fazer porque depende dos seus... e acha isso muito natural. Você aceita as vantagens da família, do casamento, da sociedade, mas recusa as desvantagens, como recusou o fardo da mãe solteira, o sofrimento do abôrto, as regras da moral e as da anticoncepção. É preciso escolher, minha filha..." Eis uma opinião objetiva, imparcial, sensata, de quem já aprendeu que não se pode comer o bôlo e guardá-lo.

Já se sabe, entretanto, que o senso comum é o mais incomum dos sensos. O que caracteriza a maioria dos consultórios sentimentais é o otimismo cego e o mais rançoso convencionalismo. Os conselheiros têm uma fé ilimitada e teimosa no poder da sugestão. À deprimida, recomendam: "Reaja, saia passeie, divirta-se."

À apaixonada infeliz: "Esqueça-o, trate de freqüentar outros rapazes e interessar-se por êles." À angustiada: "Deixe de lado as preocupações. Pense em coisas alegres." É como se o médico, em vez de diagnosticar e prescrever um tratamento, dissesse ao doente: "Deixe disso, rapaz, tenha saúde que é melhor." Todo o mundo sabe, como Vinícius de Morais, que "é melhor ser alegre que ser triste". Mas alegria e tristeza são sentimentos reais, que obedecem a causas reais; a receitinha pré-fabricada, o tapinha amável no ombro, o faz-de-conta não modificam o ânimo de ninguém.

Descobrindo a fórmula salvadora — esquecer o indiferente, largar o infiel se é namorado, perdoá-lo se é marido, afastar-se do homem casado com outra — os conselheiros esquecem que provàvelmente foi a primeira que ocorreu à consulente, que só não a aplicou pela **impossibilidade subjetiva** de fazê-lo.

Êsse desdém pela subjetividade decorre da idéia tradicional de que a mulher, sendo objeto, deve calar os sentimentos e limitar-se às atitudes ditadas pelas exigências do homem, a fim de conservá-lo. Homem não gosta de cara amarrada; portanto, é preciso ignorar as mágoas, passar por alto os conflitos e impulsos íntimos, substituindo a autenticidade por uma duvidosa habilidade.

Uma espôsa soube que o marido mantivera uma ligação amorosa noutra cidade e queixou-se de quase não poder dominar o rancor. Assim respondeu a conselheira: "Entre as duas, você foi a escolhida: isso deveria ser celebrado com risos, canções, carícias. E você rumina o passado, relê cartas encontradas no fundo de uma algibeira, sofre por uma aventura que a distância torna insignificante. Em vez de apertá-lo em seus braços, faz cara feia. Cuidado, seu marido optou por você mas pode vir a lamentar a escolha." Enfim, o mundo é belo, o sol brilha, a dor e o ressentimento **não existem,** uma vez que podem ser incômodos ou perigosos.

Para o consultor sentimental, fora dos padrões vigentes não há salvação, mesmo que já não reste o que salvar: "De maneira alguma você deve abandonar seu lar; com doçura e paciência, você conseguirá que êle caia na conta de seu êrro e volte a amá-la." ou: "Afaste-se dêsse homem e esqueça-o: assim você estará defendendo sua própria felicidade e a dessa senhora que não deve pagar pelos deslizes alheios."

Não raro, o conselheiro dá um empurrãozinho jeitoso para ajudar um coração vacilante a entrar no bom caminho matrimonial. Diz uma jovem: "Não o amo, só sinto amizade e pena", e o consultor insinua: "Talvez isto já seja um princípio de amor. Procure dedicar-se a êsse rapaz." A outra, que gosta de um môço pobre, mas é cortejada por um que está "bem de vida", recomenda: "Êsse namorado estudante não poderá casar tão cedo, é melhor atender o outro que parece sério e bem intencionado."

E, naturalmente, não falta incentivo comercial a valorizar a própria mercadoria: "Senhora, o ciúme destrói a felicidade. Trate de estar bem arrumada e bonita para êle..." "Seja amável, risonha, converse sôbre os assuntos de interêsse dêle. E faça o possível para estar sempre bem vestida e bonitinha, talvez êle comece a reparar em você."

Em tom quase íntimo, freqüentemente sentimental, de tanto em tanto meio divertido, lá vão os conselheiros fazendo o que podem: apelos, advertências, apoio, solidariedade — água fria na fervura.

Já os títulos das próprias seções sugerem cumplicidade, cochichos, confidências: "Segredando", "Em voz baixa", "De coração a coração".

Em geral, a coluna é feita por um redator ou equipe de redatores que se revezam: "Tereza está farta de fazer receitas de cozinha, vamos pô-la para responder cartas do consultório." "Ou: "Ei, você já acabou seu trabalho? Então, ajude no consultório, que está atrasado."

Romântico ou maternal, o pseudônimo é importante. Nomes que sugerem cenas domésticas são precedidos de **mãe** ou **tia:** Mãe Carlota, Tia Joana. Para sensibilizar os românticos, nomes como Íris, Regina Célia, Ana Rosa, Margô, Alvamor del Río.

Excepcionalmente, o consultório é assinado por uma personalidade conhecida. Uma revista argentina lançou uma coluna de Tita Merello, atriz e cantora de tango famosa. A vida e as experiências de Tita encheriam um livro; sua linguagem alegremente irreverente daria um dicionário impublicável. Talentosa, cheia de apêlo popular, na idade madura, ei-la convertida em conselheira bem educada que não diz palavrões nem incita os outros a transgredir normas às quais ela própria nunca deu muito valor.

Consultor não é gente, acham todos

Após a leitura de umas quinze mil cartas, dirigidas a três revistas femininas que mantêm consultório, creio que posso fazer uma classificação ampla das (e dos) consulentes.

Os motivos pelos quais se recorre aos conselheiros sentimentais podem ser enfeixados em três grandes grupos: a) dificuldades de comunicação; b) imaturidade; c) exibicionismo.

As dificuldades de comunicação, por vêzes, são bastante objetivas. Nos lugares do interior onde todos sabem da vida alheia, há coisas que a prudência manda calar. Por exemplo, mulher casada com conflitos conjugais ou ligações extramatrimoniais, consumadas ou apenas platônicas, não se anima a fazer confidências às amigas, também casadas: estas contariam aos maridos, e êles espalhariam a **novidade** pela cidade.

Mais numerosos são os casos de dificuldades de comunicação puramente subjetivas. A consulente não confia nos outros, não crê na sinceridade dos amigos, não espera encontrar compreensão ou teme ser "bem compreendida demais", tornando-se vulnerável: por razões que ela mesma inventa, sente-se obrigada a "manter a fachada" trancar as aflições dentro de si; ou receia, ainda, que ao abrir as comportas jorre uma torrente incontível e ela venha a perder o contrôle de suas emoções. Fundamentalmente, é no interior de seu próprio **eu** que estão as raízes da incomunicação, são seus próprios sentimentos profundos que ela não quer descobrir.

A consulta às colunas sentimentais é a solução conciliatória entre o desejo de abrir-se e o de fechar-se. Remoto, idealizado, o consultor "não é gente"; e a mediação de uma carta, que despersonaliza o contato e a resposta, faz dêle um confidente menos perigoso do que qualquer pessoa "real" e próxima.

As consultas dos adolescentes costumam reunir os três fatôres: imaturidade (justificada, no caso); exibicionismo; e dificuldades de comunicação subjetivas (pudor, excesso de sensibilidade) e objetivas (barreiras de incompreensão erguidas pelos mais velhos, reconhecimento de que os companheiros de geração são também inexperientes e inseguros). Quanto mais lúcidos, mais inclinados se mostram os mocinhos a contestar os valôres do passado; e se a orientação dos pais e educadores não os auxilia na tarefa, êles recorrerão a um conselheiro que se tenha revelado capaz de fazê-lo.

As imaturas jogam seus fardos sôbre os ombros do conselheiro e dêle esperam soluções mágicas. O amado não as ama? O marido as trai? Estão sem dinheiro? Meteram-se em complicações? O conselheiro ou conselheira arranjará tudo. E põem-se em suas mãos com dependência cega e infantil. Suas cartas têm a tocante ingenuidade das que as crianças mandam a papai Noel: "Quero que êle me ame"; "Farei o que você me ordenar"; "Me desquito ou não me desquito?"; "Desejo sair de casa, consiga-me um bom emprêgo"; "Diga a meus pais que me dêem liberdade"; "Envio minhas crônicas para que você as faça publicar". Freqüentemente acrescentam o signo astrológico: "Sou de Gêmeos, êle é de Touro: combina?" Pretendem que o conselheiro adivinhe o futuro: "Conheci-o há uma semana, será que vamos nos casar? E se casarmos dará certo?" Desfiam rosários de disse-me-disse das coleguinhas, namoradinhos, rivais, tôda uma turma angelical de incorrigíveis mexeriqueiros.

Outro tipo de imaturo é constituído pelos fantasistas e ociosos que escrevem a quanta pessoa tenha certa notoriedade, a quanto nome esteja mais ou menos em evidência: "Vamos ser amigas, tá? Gostaria de bater longos papos com você"; "Roberto Carlos não me respondeu, espero que a senhora não me decepcione também". Incomunicados com a realidade, tratam de enganar-se mediante uma ilusória participação no mundo de seus heróis.

A idade dos imaturos oscila entre 13 e 65 anos.

Os exibicionistas escrevem com petulância, provocação e desafio, fazendo o relato minucioso e complacente de seus defeitos e virtudes. Por imposições neuróticas — necessidade de se defender, de agradar, de receber amor, de repelir a aproximação dos outros, de manejar problemas de culpa — criaram uma personalidade falsa e querem convencer-se de sua autenticidade... convencendo o conselheiro. Tratam de encobrir o caráter forçado de suas atitudes apresentando-as com singularidades interessantes, como escolha livre e orgulhosamente assumida: "Tenho um gênio insuportável, dou as maiores broncas"; "Sou terrivelmente namoradeira e vaidosa"; "Não sei odiar ninguém". Nas entrelinhas sente-se o tímido, velado, comovente apêlo: "Não sou assim, não gosto de ser assim mas não me atrevo a mudar; ajuda-me."

Às vêzes, êles estão simplesmente suplicando umas lambadas (verbais): é melhor recebê-las de um estranho que da própria consciência. É o caso de pessoas que cometeram transgressões secretas, ou que encontram no seu ambiente mais tolerância do que estão em condições de suportar. Procuram chocar e escandalizar o conselheiro para ouvir dêle os sermões que suas consciências reclamam. Tais cartas são cheias de maiúsculas e grifos: "NÃO ME IMPORTO com a mulher e os filhos dêle, é a MIM que êle ama e tenho o DIREITO de ser feliz." SEGUE

Para muitos a solidão traz também o mêdo da felicidade

Mas coitado do colunista que entra no jôgo e aceita a projeção: sôbre êle recairão, uma a uma, tôdas as alfinetadas de consciência do consulente.

Também estão entre os exbicionistas os que inventam problemas para "gozar" o conselheiro sentimental. Naturalmente, sempre há em suas fábulas um fundo de verdade inconsciente, que o exibicionista não admite. Um consultor bem treinado dificilmente cai nas ciladas.

Os três grandes grupos, como se observa, não são absolutamente fechados: incomunicação subjetiva e exibicionismo são formas de imaturidade; tanto o imaturo como o exibicionista sofrem transtornos de comunicação. Em psicologia, os rótulos só têm valor relativo ante a imensa complexidade da natureza humana. Seria mais exata a profunda classificação dos problemas segundo suas características histéricas, obsessivas, maníaco-depressivas, esquizo-paranóides; mas isto já escapa à alçada dos conselheiros sentimentais.

Há segredos escondidos nas cartas

Através das páginas da revista **Cláudia** venho realizando há três anos a experiência de substituir o **consultório sentimental** pelo **consultório de orientação psicológica.**

A princípio só recebia as cartas clássicas sôbre problemas do coração. Pouco a pouco, já conhecido meu **tom,** mais ou menos 50% da correspondência passou a versar sôbre relações humanas em geral, dificuldades de ajustamento sexual ou social, conciliação do papel biológico e social da mulher, adaptação ou rebeldia às normas e instituições vigentes, conflito de gerações, orientação existencial e até perturbações psicossomáticas.

A diferença entre os dois tipos de consultório, entretanto, não é determinada pelo conteúdo das consultas, mas sim pelo modo de focalizá-las e respondê-las. Sei, por exemplo, que não adianta recomendar à insone que tome um chàzinho antes de se deitar e só pense em coisas agradáveis; procuro nas entrelinhas de sua carta, na escolha das palavras, nas vacilações, nas contradições, nas ocultações (mais evidentes do que se supõe), nos fatos apenas sugeridos, o conflito ou sentimento que sua consciência está evitando tão tenazmente a ponto de ela não poder abandonar as defesas e dormir. Não fujo de dizer a uma ingênua que a lábia de seu sedutor é antiga como andar a pé, mas o que devo descobrir e mostrar-lhe também são seus próprios impulsos psíquicos que a levaram a inclinar-se pelo galanteador. Não cometo a tolice de recomendar: "Abandone êste homem casado", pois isso é solução que a interessada poderia achar sòzinha, se quisesse; examino os antecedentes e pormenores do caso para ver que vestígios de infância, que fixações, que mecanismos profundos estão em jôgo nesse vínculo que ela não se anima a desatar nem a atar de todo. Nunca digo: "Seu marido é um crápula", o que só serviria para aumentar a agressividade da mulher: faço-a procurar o que está errado, em **si mesma,** pois só escolhe um crápula quem dêle precisa. Não recomendo condutas nem atitudes: ninguém age pela cabeça alheia. Também não mimo preconceitos e autojustificativas. Se fôr o caso, dou o serviço em têrmos bem claros: às vêzes, a técnica de choque é eficaz. Descobrindo "segredos" que o próprio consulente ignora, através de pistas que êle nem sabe que deu, meu propósito é despertar-lhe o maior grau possível de **consciência de si mesmo no mundo.**

A comunicação com o público no nível da psicologia nas páginas de uma revista apresenta desoladoras limitações. Só posso fazer o consulente olhar para dentro de si, analisar-se tanto quanto êle puder. Aponto caminhos, abro perspectivas, mas a possibilidade de segui-los e aproveitá-las depende da extensão e profundidade de seus problemas íntimos.

Às vêzes percebo, com alegria, que basta orientar o desorientado, desmanchar equívocos mais intelectuais que afetivos, desatar um nòzinho aqui outro ali, dar um empurrãozinho, enfim. Mas outras vêzes tenho a consciência de que minha ajuda não modificará nada. Por correspondência não se cura uma neurose, não se altera um padrão de reações já estruturado em bases mórbidas. A uma jovem de 18 anos, jogada de mão em mão desde o nascimento, órfã e pobre; estuprada aos sete anos pelo "tutor responsável"; ávida de carinho mas, é claro, incapaz de crer que êle exista; ansiosa por estudar, mas sem meios para fazê-lo; que posso dar-lhe? Um diagnóstico inútil? Palavras de confôrto e simpatia? Só a psicoterapia lhe permitiria superar tais traumas e viver, após certo tempo, a "experiência corretiva" de ser amada, compreendida e respeitada.

A brasileira não escolhe, é escolhida

Recebo de 400 a 500 cartas por mês. A média de outras revistas consultadas vai de 100 a 500. O exame de três arquivos oferece uma boa amostra, senão da mulher brasileira em geral, pelo menos da mulher brasileira que confia seus problemas aos conselheiros sentimentais e psicológicos.

O que mais chama atenção é sua passividade. Excetuando uma faixa que vai dos 18 aos 24 anos e inclui môças de instrução média ou superior, ela ainda não acredita na responsabilidade individual ou na condução racional do próprio destino. Deixa-se escolher. Casa-se com o que vier, muitas vêzes aceitando com masoquismo uniões claramente destinadas ao fracasso total.

Uma vez casada, suporta sua sorte com uma espécie de resignação chorosa, de docilidade ressentida. O marido "lhe saiu" bruto, grosseiro, beberrão, infiel. Principalmente infiel: isso é coisa que êle **tem** de ser; ou porque é realmente, ou porque, à falta de provas concretas, a espôsa se aferra a vidências mais ou menos superficiais. A julgar pelo meu consultório, não adianta um marido ser fiel: a mulher nunca acreditará que êle seja.

Mas tudo fica no âmbito da desconfiança, da suspeita, da intriga, da vigilância, do rancor calado. Ela não faz perguntas, não encara de frente nenhuma situação: deixa correr o barco. Ante uma certeza irrecusável, sofre, chora escondida, apega-se à crença — no fundo não muito firme — de que "paciência e doçura tudo vencem". Capricha no vestuário, na cozinha, no cuidado da casa, e faz cara de boazinha para reconquistá-lo. As mais "decididas" chegam a tentar uma pequena vingança, inútil porque secreta.

Se falha o processo de reconquista, e ela se encontra no abandono, não pensa em trabalhar, em reconstruir sua existência em novas bases; espera que surja outro, disposto a **arcar** com ela. Nesse sentido, vai a extremos que escandilizariam a quem quer que tenha certo conhecimento superficial dos códigos: "Casamos só pelo civil porque êle disse não acreditar na religião; agora casou com outra, pelo religioso e pelo civil. Quer continuar comigo, porém sem deixar a outra com quem tem filhos. Mas há um senhor muito bom que me propõe casar pelo religioso. Que faço?" Ou, em lugar do "que faço?", a pergunta que demonstra uma ironia inconsciente e arrepiante: "Qual dos dois escolho?" A bigamia e o "casamento em cadeia" pululam neste país.

Visto pelo consultório sentimental, o papel do marido brasileiro não é lá muito brilhante: êle quer ter suas aventuras com a bênção da espôsa, reclama dela uma conduta inatacável, cuidados, atenções e total liberdade de ação. Afastando-se uns cem quilômetros das três ou quatro capitais mais importantes, encontramos o **macho feudal** exercendo tôdas as suas prerrogativas: bate na mulher, sequestra-a, persegue as empregadas domésticas dentro de casa. Mesmo nos grandes centros, os **quereres** e **não-quereres** do marido são tomados como lei.

No campo sentimental, ninguém menos realista do que a mulher. As ingênuas afirmações do tipo "casou-se com outra só para me fazer pirraça" ou "há dois anos não me procura, mas dizem minhas amigas que **sempre** pergunta por mim" — são regra e não exceção.

Mas se a mulher brasileira come o pão da submissão, pelo menos quer muita manteiga nêle: nunca deixa de pôr na balança as considerações interesseiras. Depois de um duvidosíssimo "eu o amo", vem o concreto: "Montou para a outra uma casa melhor do que a nossa"; "Quando penso que êle anda gastando dinheiro por aí..."; "Não me deixa faltar nada, mas..."; e êsse **mas** inclui desde o adultério até a ração diária de pancadas. O esclarecimento sôbre a generosidade material do marido pretende orientar o conselheiro no sentido de **não** recomendar a separação.

Môça que pode optar entre vários candidatos matrimoniais pondera cuidadosamente as vantagens econômicas de cada um: a boa posição é estímulo erótico mais importante do que muitos outros. Em compensação, a atração física profunda é olhada com suspeita e vergonha: "Será que eu só estou querendo sexo?"

A respeito de sexo, o consultório não revela em nossas mulheres grande avanço em relação às épocas mais atrasadas. Sim, da bôca para fora elas repetem como papagaios que sexo é digno, nobre, natural, mas só no casamento, e olhe lá. Mesmo considerando o leito conjugal, o sexo não deve exceder certos limites — curiosamente arbitrários — do que as jovens espôsas consideram "normal", na forma ou na freqüência. Um marido muito ardoroso desperta-lhes temores: "Receio que seu amor por mim seja apenas sexual." E os fervores próprios vêem como surprêsa que as deixa em pânico: "A senhora acha que eu sou uma imoral?" O sexo deixou de ser visto como mal necessário mas ainda não superou a condição de bem secundário.

Mesmo assim, elas cometem transgressões. Sempre surge o "canalha, o sem-vergonha" que soube criar a oportunidade e provocar o "impulso irresistível"; ou, mais comumente, aproveitar-se de uma inocente que "nem percebia o que estava acontecendo".

Enquanto tudo vai bem não há problema: foi uma entrega por amor e isso amortece os remorsos. Mas se o vínculo sofrer qualquer abalo, elas caem numa contradição: passam a recriminar a hipocrisia social, mas sem deixar de encampá-la. Sua aflição é que acontecerá se os outros — família, sociedade, o nôvo namorado, o noivo — vierem a saber. Apavoradas ante as possíveis conseqüências — desprestígio, perda de chances matrimoniais — projetam a culpa no ambiente: "Esta cidade horrorosa, que só se ocupa de fofocas e comentários..."; e, sobretudo, no cúmplice: "Êle foi o único culpado."

A virtude feminina não parece o resultado de uma ética livremente assumida, mas sim a mistura em doses iguais de noções infantis de pecado, mêdo da opinião pública e cálculos muito práticos.

Solidão e sexo, os problemas maiores

Numa revista do tipo **adulto,** como **Claudia,** predominam amplamente as dificuldades matrimoniais: adultérios, brigas, indiferenças do marido. Tomando o casamento como loteria, a grande maioria das consulentes não deu sorte. Saudemos, porém, o surgimento de um tema "nôvo": a mulher brasileira casada (a generalização abrange as consulentes apenas) começa a reconhecer a frigidez sexual como problema.

O motivo mais comum de desajuste conjugal é infidelidade ou tirania do marido. Ou melhor, infidelidade e tirania, que quase sempre andam juntas.

Depois, quase em igual número, surgem os conflitos por causa das mulheres petulantes, que querem-porque-querem (luxo, mimos, atenção) e da intromissão familiar: sogras, cunhados e outros parentes.

Em terceiro lugar, aparece a famosa crise dos 40 anos. Maridos de conduta até então satisfatória apaixonam-se por brotinhos de 16 anos — e muitos dêles têm um agudo senso do ridículo da situação. Espôsas e mães que nunca haviam deixado o seu pedestal de dignidade, ao entrar na casa dos 40 conhecem "um senhor muito gentil, um perfeito cavalheiro..." Bilhetes, versos, rosas, olhares, um que outro telefonema furtivo, muita culpa e uma angústia que, no fim das contas, é mais rejuvenescedora que geléia real.

Já nas revistas de fotonovelas, mais aptas a excitar a imaginação das mocinhas, prevalecem os problemas criados por namoradinhos indefinidos, disputados por tôda a turma. Esta é a clientela da bola de cristal: "Dará certo? Será que êle vai me amar sempre? A senhora acha que êle pode mesmo gostar dela?" Nunca há dados suficientes para julgar, mas o conselheiro tem de saber, na base do palpite, se o rapaz é sincero e que rumo tomarão seus sentimentos nos próximos 30 anos.

Nos dois tipos de publicação, a solidão aparece sempre: mulheres que, segundo elas mesmas admitem, têm tudo para ser felizes, não se atrevem a fazer um mínimo para sê-lo. Fechadas ou aprisionadas em mecanismos medrosos, que elas denominam "timidez", sentem-se morrer de sêde ao lado da fonte.

Logo após vem o problema do "até onde ir" em matéria de concessões amorosas ao namorado, ao noivo. Jovens bastante sadias para sentir impulsos sexuais, mas confundidas pela educação que receberam, pedem socorro ao conselheiro: "Que é que êle vai pensar de mim? Como evitar estas liberdades perigosas?" O tema preocupa também os rapazes, que seguidamente escrevem: "Será que posso confiar nela depois disso? Como ter certeza de que fui o primeiro? E se amanhã aparecer outro, não acha que ela..." Quem quiser ser êxito de livraria é só publicar um livro de fórmulas: "De Como Namorar com Ardor sem Sacrificar o Decôro".

Há ainda os conflitos de geração. Os pais costumam ser **chatos.** Têm a cabeça cheia de "princípios" que, em realidade, não conduzem a nenhum fim, a não ser a duvidosa vantagem de mostrar "quem é que manda em casa". É no campo das divergências de geração que recebemos consultas mais objetivas... dos filhos.

Finalmente, temos a miscelânea. Amôres não correspondidos, pedidos de análise de personalidade, desabafos, relatos fantásticos, solicitações de retratos, livros autografados, emprêgo, cartas de recomendação, entrevistas pessoais, correspondência amistosa e outras, igualmente inatendíveis.

E em tôdas a mesma exigência de resposta pessoal e urgente, em três tons: o diplomático — "Desculpe o pedido, sei que a senhora é uma pessoa muito ocupada, mas..."; o extorsivo — "Pelo amor de Deus, a senhora é minha última esperança e se me falhar eu me matarei"; e o imperativo — "Quero resposta **urgente** por carta ao meu endereço". Mesmo afligido por problemas muito íntimos, ninguém quer perder a oportunidade de furar uma fila. FIM

Seu nome é Olga Francisca Régis, a Olga de Ala-Kêtu. Tem 41 anos de idade e 66 filhos, embora sòmente oito de seu próprio sangue. Todos servem aos deuses do candomblé. Por isso ela pode dizer:

Minha gente é de santo

Texto de Roberto Freire
Fotos de David Drew Zingg

Vou falar de Olga. Mais precisamente de dona Olga Francisca Régis, uma senhora baiana de 41 anos que se tornou famosa e respeitada na cidade de Salvador. É também conhecida por *Olga do Ala-Kêtu* ou *Oiá-Fumim* ou, ainda, *Iá-Luifá*. Porque se trata de uma *mãe-de-santo*. Para falar de Olga, portanto, será preciso falar de sua religião. Mas sou católico, pouco conheço da vida espiritual e dos ritos, das pessoas de *gente-de-santo*, de *candomblé*. O que disser é de conhecer e de ter visto. Há muito de ouvir contar também, e de coisas que me foram ensinadas.

Olga é uma mulher saudável e bonita, de traços finos, cheia de corpo. Parece mais alta do que realmente é, talvez pela coluna reta, o queixo erguido e seu jeito de nos olhar de cima. Mas não há nisso nenhuma atitude forçada ou sentimento de superioridade. E ninguém se sente mal diante dela, porque, se os olhos nos vêem de cima, há sempre uma alegre, humana e feminina cumplicidade em sua maneira de nos olhar.

Conheci-a no *Centro de Estudos Afro-Orientais* da Universidade da Bahia. Chegou no momento em que eu pedia aos professôres Vivaldo Costa Lima e Júlio Santana Braga apresentação a uma das mães-de-santo de Salvador. A coincidência surpreendeu a todos. Mais a mim, evidentemente.

Enquanto era cumprimentada carinhosamente por cientistas, alunos e funcionários, pude observá-la. Estava com um bonito vestido verde estampado, os cabelos lisos presos num coque no alto da nuca, uma voz inesquecível de quem vive cantando. Ficou dêsse primeiro encontro a impressão de uma mulher de personalidade forte e atraente.

Acitou, a pedido do Centro, receber-me em sua casa.

— Apareça, meu filho.

Apareci, no dia seguinte. Era na rua Luís Anselmo, em Matatu de Brotas, um dos bairros mais populosos de Salvador.

Olga é negra. Mas sua linhagem africana não é pura: os avós paternos eram índios, o pai também. O que ela é e significa hoje, deve aos antepassados. Nesse sentido, a diferença que existe, entre Olga e muitos outros, é o cuidado com que pesquisa, cultiva e respeita sua ascendência, por amor e fé.

Na África, no antigo reino de Kêtu, atualmente incluído na República do Daomé, começa a história de Olga.

Era uma vez, há muitos e muitos anos, duas irmãs gêmeas: Otan-Peojarô e Iamitodomi. Tinham nove anos de idade e eram filhas do rei de Kêtu. Um dia, quando procuravam pedrinhas de ouro às margens de um rio, foram agarradas por dois estranhos e levadas para um navio.

Depois de uma longa e triste viagem, desembarcaram na Bahia onde seriam vendidas como escravas. Então apareceu um homem alto, que pagou a alforria delas e as deixou em liberdade. Mais tarde, uma das irmãs casou-se com Babá-Olaje. Tiveram muitos filhos e viveram felizes para sempre, com *nome de branco*: eram Maria do Rosário e Porfírio Régis.

SEGUE

Uma mulher escolhida pelos deuses

Para Olga, o homem alto era Oxumarê, o deus representado pelo arco-íris. Maria do Rosário foi mãe-de-santo e fundou a casa onde vive Olga, sua descendente de sangue, obrigações religiosas e realeza africana.

Em recente viagem à África, o professor Vivaldo Lima confirmou tudo isso: ainda é rei no Kêtu um parente de Olga.

A roça de Olga é um grande declive no sentido do poente, que vai da rua Luís Anselmo até o fundo do vale onde corre pequeno rio. A casa fica a uns cem metros da rua, à qual se chega por um caminho de pedra, descendo sempre. Êsse caminho de um metro e pouco de largura, acidentado, é conhecido em Salvador como avenida **Ala-Kêtu.** Ladeando-o há umas dez casas de gente que arrendou pedaços de terra da família Régis. Há grandes árvores por todo lado: jaqueiras, mangueiras, pitangueiras. Mas dois tipos de árvores ali têm significado especial para a crença da gente-de-santo: a **biriba,** de fôlhas miudinhas, e outra, mais frondosa, de fôlhas longas, também de origem africana, cujo nome se pronuncia **rôco,** mas escreve-se **lôco.** Da rua — por causa da pintura da parede, portas e janelas — distingue-se a casa de moradia, da outra, que é usada para ofícios e festas religiosas.

A casa do candomblé tem na frente o terreiro, isto é, um grande salão de oito metros por seis. No fundo do salão costumam ficar, de um lado, os que tocam atabaque durante as festas e, do outro, a mãe-de-santo e seus convidados ou participantes de honra. Canos de ferro marcam os limites em que o terreiro é dividido, na forma de um quadrado dentro de outro. O central é para a dança; no de fora, fica a assistência, homens de um lado e mulheres de outro.

Por uma porta, ao fundo, passa-se para os quartos santos.

Assim são a roça de **Ala-Kêtu,** a casa de Olga Francisca Régis e o terreiro de Oiá-Fumim.

Na pequena sala da casa de Olga vou conhecendo a família. Já fui apresentado a seu marido, José Copertino Barbosa, que vive numa das casas da avenida. José é branco.

Sentada numa poltrona junto à janela, Olga tem a postura que provàvelmente adota nos dias de candomblé. Fala pausado, olhando freqüentemente pela janela, sempre para um mesmo ponto, onde a avenida desemboca diante da casa. Reparo em sua roupa logo ao chegar:

— Vejo-a novamente com vestido verde. É coincidência?

— Não. Gosto dessa côr. Além disso é a mesma de meu santo. Então notou, é? Verde é a côr de Oxumarê. Uso também o azul que é de Oxóssi, outro santo meu.

Na porta aparece um garôto de seus oito anos, carinha matreira, carregando uma menina de um ano, só de fralda. É Nilsinho, um dos filhos de Olga, o mais môço. José, que é o mais velho, tem 24 anos.

— Casei-me com dezesseis anos. Êles foram chegando assim: José, Loriel, Gérson Joselina, Jocelita, Jocenira, Genivaldo e Jonílson. José é o único casado. No mês que vem vai me dar o primeiro neto.

Nilsinho (Jonílson) beija o rosto da menina seguidamente, dizendo:

— Oi, Daise... ou, Daise... oi, Daise...

Num dêsses beijos a menina cai e começa a chorar. Nilsinho foge apressado, sumindo lá fora.

— Viu, como é danado? Até carinho dêle vira travessura. Essa chorona aí é afilhada de Jojó.

Jojó é Jocelina. Môça alta e bonita que estuda à noite. Está noiva. Só a vi bem mais tarde. Estava vestida simplesmente. Quando apareceu de nôvo para sair havia completa transformação: elegantemente vestida, perfumada e pintada. Olga olhou-a fingindo espanto e desaprovação:

— Nossa, o que é isso Jojó? Essas saias que vocês me arranjam! O senhor está vendo só...

Mas havia um certo orgulho por trás das frases. Olga corta logo êsses momentos.

— O que mais o senhor quer saber?

Nilsinho já estava de volta. Fêz uma careta para mim e depois riu. Ficou de longe nos ouvindo e mastigando um biscoito. A expressividade do rosto do menino acompanhando a conversa refletia a sensibilidade de seu mundo já identificado com o da mãe e de sua gente. Nilsinho até já **tomou** as primeiras **obrigações.**

— Ninguém pode ser mãe-de-santo. É um jeito de dizer, para mostrar certa hierarquia. Somos intermediárias escolhidas pelos deuses. Dêles recebemos tudo o que fazemos, o que somos. Mas também, tudo em seu nome. Não temos poder pessoal algum.

Olga recebeu obrigações de mãe-de-santo há 17 anos. Mas só quatro anos depois da morte de sua tia Dionísia é que passou a exercer de fato suas funções.

— Minha gente, tontice não é santo...

Assim falava Dionísia para suas **filhas,** quando confundiam problemas psicológicos com as coisas profundas de sua religião.

Dionísia sempre foi uma mulher honesta, pois nunca se casou e não teve filho algum, embora usasse aliança na mão esquerda. Tôda a sua vida foi dedicada à religião, ao terreiro e à sua gente.

— No tempo de minha tia, os santos pisavam no chão — diz Olga, referindo-se à seriedade e energia com que Dionísia orientava os ritos, as festas e a formação das filhas-de-santo.

Quando as pessoas mostravam pouca fé ou ignorância. Dionísia não gostava de insistir com explicações que sabia inúteis:

— Cachorro avexado já nasce de ôlho fechado.

Da janela vemos uma môça vindo pela avenida, com uma sacola na mão. Olga levanta-se, e antes de sair comenta ràpidamente:

— Minha tia conversava e versava... com licença.

Foi encontrar-se com a môça lá fora. Vejo sôbre a porta do quarto de Olga um grande retrato colorido de Santa Bárbara — que no candomblé é Iansã, orixá dos ventos e das tempestades, dona das almas. Além de colorido, o desenho é iluminado por dentro, brilha intensamente em alguns pontos.

Um rapaz alto vem cumprimentar-me. É Loriel, segundo filho de Olga. Está adoentado e faltou ao serviço no SAPS. Enquanto conversamos, percebo um movimento anormal pela casa. Desapareceram as vozes das crianças. Olga chama por várias pessoas. Nilsinho entra na sala me olhando sério e diz qualquer coisa ao ouvido do irmão. Depois vem sentar-se ao meu lado na poltrona, quietinho. Loriel fala de seu sonho de ir trabalhar no Rio. Pela janela vejo Olga dirigindo-se com a môça para um quarto isolado, diante da casa. Abre a porta e entram as duas. Sinto que não devo ficar olhando, mas, às vêzes, não consigo evitar. Nilsinho acompanha meu olhar. O garôto não está apenas sério, mas evidentemente envolvido pelo que se passa lá fora. A porta ficou aberta e a môça está parada no centro do quarto, olhos fechados. Olga corre seu corpo com um ramo de folhagem verde. Loriel me faz uma pergunta e desvio o olhar da janela para responder. Ficamos novamente em silêncio. Volto a olhar para fora. Agora é uma galinha que Olga move em tôrno do corpo da môça. Sem saber por que, desvio ràpidamente os olhos. Nilsinho notou isso e me sorri. Entra Jocenira na sala, trazendo café. Nilsinho ergue-se e vai até a porta da rua.

— Posso passar? — pergunta para Loriel.

— Espere, ainda não.

Então, em lugar de sair, êle vai lá para dentro. Jocenira, que tem uns 14 anos, vinha cantando uma música da jovem-guarda. Enquanto serve o café, olhando pela janela e vendo o que se passa, começa a cantar mais baixo. Não me sinto muito bem, pois tenho a impressão de estar participando indevidamente de coisas íntimas da vida alheia, sem compreendê-las. O canto da menina me ajuda um pouco. Tomo o café em silêncio. Pela porta vejo a môça beijando a mão de Olga, que entra em seguida. Loriel e Jocenira saem. Olga senta-se.

— Pronto.

— Desculpe, se estou incomodando...

— É o dia inteiro isso. Normalmente só atendo consultas e presto serviços nas têrças e quintas. Mas tem casos urgentes.

Sorri:

— Como os médicos, não é mesmo? Mas onde é que nós estávamos?

— A senhora falava de sua tia.

Antes de responder, Olga olha para cima e vai se lembrando das coisas.

— Sou filha de Xangô e fui recebida por Oxalá.

Desenvolve várias considerações e explicações sôbre sua vida religiosa, suas obrigações, usando inúmeras palavras em nagô. Compreendo mal, mas prefiro não fazer perguntas demais. Sei que Xangô é o orixá do fogo, do raio e do trovão e uma das suas três espôsas é Iansã. Entendo, pois, o retrato de Santa Bárbara sôbre a porta do quarto de Olga. Oxalá é o pai de todos os Orixás (santos), o deus da criação. Olga fala de seus horários e obrigações. SEGUE

Ela não queria ser mãe de santo. Mesmo porque, no seu dizer, ninguém pode ser mãe de santo; é apenas modo de falar, para dar um ar de hierarquia. Mas Xangô a escolheu, e há dezessete anos ela foi recebida por Oxalá, para substituir sua tia Dionísia no exercício dos poderes que há trezentos e cinqüenta anos vêm passando de geração em geração.

Êles cantam o mundo de hoje em nagô

Além das têrças e quintas dedicadas às **consultas,** reserva as quartas-feiras para orar e servir a Xangô e Iansã. Nas segundas ela faz visitas e atende chamados, isto é, vai prestar serviços religiosos fora de sua casa. E nas sextas descansa e dedica-se a Oxalá. Levanta-se todos os dias às quatro horas da manhã e começa imediatamente os serviços da casa e os religiosos. As festas em seu terreiro realizam-se nos domingos, depois do pôr do sol. Começam exatamente a 8 de maio, data da fundação da sua casa, com festa dedicada a Oxóssi; e terminam a 15 de agôsto, dia do aniversário de quando **fêz** o santo, há 28 anos. Ela interrompe a explicação com uma pergunta:

— Que horas são?

— Cinco.

— Não, quatro.

E explica:

— Não aceito nem vivo nas horas do govêrno. Meus santos e obrigações têm seus horários, não os do govêrno, mas os da natureza.

Surge uma môça vestindo uniforme de colégio.

— É Joselita, está estudando no ginásio.

Joselita é muito alegre e brincalhona Digo-lhe meu nome.

— Que pena... preferia conhecer outro Roberto, o Carlos.

Entra rindo.

— Acabou-se o sossêgo da casa — comenta Olga.

Um minuto depois, entra som de vitrola, muito alto, tocando música moderna, barulhenta.

— Abaixa isso, menina!

Vira-se para mim:

— Não lhe disse?

Ao som de ié-ié-ié, Olga conta-me quantas filhas-de-santo já formou.

Chama de **barco** o grupo de **filhas** que recebem o santo de cada vez. Não lembra quantas são ao todo, exatamente. Pede-me para contar, por barcos.

— O primeiro barco foi de três... depois de nove... teve em seguida um barco de dez... um de seis... um de quatro... outro de três... um de duas... outro de quatro... outro de três... um de cinco... mais um de cinco... outro de três... o último barco foi de uma só. Quantas?

— Cinqüenta e oito.

— Em treze anos.

De repente muda de assunto, fala sôbre o curso de enfermagem que, infelizmente, por causa das obrigações religiosas, não pôde terminar. Estudou pintura sôbre pano, também. Quando criança, um acidente que lhe prejudicou a vista por muito tempo impediu que continuasse na escola:

— Caí da gangorra, com o rosto na terra. Quase fiquei cega. Tinha uns nove anos. Aos poucos fui-me recuperando, graças a Deus. Mas tive de parar o estudo.

Aprendeu muitas outras coisas com a mãe e a tia: costura e faz flôres de pano e papel. Tem um sonho: aprender a dirigir automóvel.

— Quem sabe meus santos ajudam, o José vende o caminhão e posso ter um carro para atender meus chamados mais depressa e com mais confôrto.

Penso numa mãe-de-santo motorizada e acho curioso, estranho. Ela parece adivinhar meu pensamento:

— As tradições, o respeito às coisas de antigamente, não quer dizer que a gente viva fora do mundo de hoje. O senhor viu as meninas? São môças como as outras, gostam de música moderna, vestem-se do jeito de hoje, mas conhecem tudo de nossa religião, sabem falar e entender nagô, uma delas, se Deus quiser, vai me substituir. São tôdas filhas-de-santo.

Faz uma pausa. Depois completa:

— Não excedo o que encontro, mas também não reduzo o que é nôvo e bom.

Não sei se falava ainda do carro. Devia estar se referindo a tudo que o progresso faz para ajudar a gente a viver.

Uma cabeça de homem aparece no quadro da janela.

— Boa tarde.

— Boa tarde.

— Pedem pra senhora ir na casa do Francisquinho. Sabe quem é, não?

— Sei. O que houve?

— Eu não vi, me mandaram dizer que o homem está fora de si e a família pegou um desespêro danado.

Olga vai para dentro. Ficamos sós, o homem e eu, alguns minutos. Ela volta e senta-se outra vez.

— Foi derrame. Olha, não vou poder sair daqui, mas vou mandar alguém com as rezas e um purgante. É só isso que precisa.

— Diz que chamaram até médico...

— Só espero que não dê injeção ou faça sangria antes de minha gente chegar.

Um irmão de Olga — **seu** Mundinho — e uma filha-de-santo saem com o homem levando na mão um embrulho. Pergunto qual o inconveniente da injeção ou sangria.

— Agulha e bisturi têm aço, não? Pois isso é ruim pra derrame. O purgante vai resolver. E mais as rezas, é claro. Que horas são?

— Sete... quer dizer, seis. Acho que já tomei tempo demais da senhora. Vou indo.

Quando nos erguemos, vejo Nilsinho mexendo no armário de Olga. Ela me dá um cutucão e ficamos a olhar o que êle procura. Olga tem as mãos na cintura, uma expressão divertida no rosto, com as sobrancelhas muito erguidas. Nilsinho tira um livro grande do armário e vai espiá-lo, sentado na cama da mãe.

— Nilsinho! Você não se cansa de olhar êsse livro, menino?

Êle leva um susto. Refeito, vem com o livro para a sala e me mostra.

— Já viu?

É uma edição de luxo, com ilustrações a côres, do livro de Pierre Verger, um velho amigo de Olga: **Dieu D'Afrique.**

Olhamos juntos as ilustrações. Diante de certas fotos, Nilsinho abre muito os olhos e a bôca. Acho graça e brinco com êle:

— Que é, tá com mêdo?

O sorriso que serviu de resposta dizia duas coisas, claramente: que êle não podia ter mêdo de coisas tão bonitas, e que estava selada a nossa amizade.

Despeço-me de Olga já na avenida e marco nôvo encontro. Nilsinho me alcança, estende a mão com uma fôlha:

— Tome. Guarde na carteira.

— O que é? Dá sorte?

Sai correndo. Olga comenta:

— Que é isso, oxente? Deu pra isso agora, menino?

Era uma fôlha de **lôco,** a árvore santa africana. Coloquei-a na carteira.

A famosa comida baiana tem sua base na culinária religiosa do Candomblé. Quando foi realizado, em abril do ano passado, em Dacar, o **I Festival Mundial de Arte Negra,** o Itamarati fêz questão de levar em sua delegação uma mãe-de-santo que também entendesse da arte culinária de origem negra no Brasil. Nossa embaixada ia oferecer um almôço com pratos regionais da Bahia às outras delegações. E escolheu a senhora Olga Francisca Régis para essa dupla função.

O banquete, para mais de 300 pessoas, foi um sucesso. Olga ainda se lembra do cardápio:

— Quando eu falar em panelão, imagine uma panela do tamanho da poltrona em que está sentado. Foi um trabalhão, mas valeu a pena. Não sobrou nada. E quem comeu regalou-se. Eu preparei primeiro dois panelões de vatapá, um de castanha e outro de trigo; um panelão de caruru; outro de feijão fradinho; mais um de feijão prêto; outro de angu de inhame; claro, mais outro de iô de inhame; um panelão de xinxim de galinha e mais outro de xinxim de pato. Viu?

Mostrou-me jornais da Bahia, Rio e Dacar, com fotografias e reportagens sôbre o Festival. Sua foto aparecia em todos, vestindo um lindo traje típico.

— E teve mais. Um panelão de arroz de nançã. Uma frigideirona de xinxim de peixe; uma frigideira africana (de camarão); um tigelão de cocada; outro de môlho frito de acarajé. E muito abará e muito acarajé.

Olga também cantou e dançou num teatro para convidados, e depois, no Estádio da Amizade, para o povo de Dacar.

— Foi uma linda viagem. Gostei da cidade e do povo. Senti não poder ir conhecer o Kêtu. Não dava. E minha família? E minha gente daqui? Obrigações são obrigações. Um dia irei, se meu Senhor do Bonfim ajudar e meus santos permitirem.

Já que estou falando em Olga de Ala-Kêtu, é preciso não esquecer o significado do Candomblé para a cidade de Salvador da Bahia.

São quase oitocentos mil, os seus habitantes. Cêrca de setenta por cento pertencem, pura ou mestiçamente, à raça negra. Em 1965, no fichário da Polícia, estavam registradas 927 casas de Candomblé. E isso na zona urbana, pois fora dela pode funcionar sem autorização mesmo. Só é permitido o **bater** candomblé até as dez horas da noite, para evitar a queixa dos vizinhos. Mas em boas casas, isso não é problema, pois tôda a vizinhança é de santo.

SEGUE

Joselita chega da escola, liga a vitrola e põe um disco de ié-ié-ié. Assim são os filhos de Olga. Sabem falar nagô, respeitam as tradições de sua religião, mas não passam de jovens como os outros, que gostam de futebol, cantam música moderna e usam roupas atuais. Uma destas meninas será a mãe-de-santo que substituirá Olga no terreiro de Ala-Ketu.

Olga viu coisas que nem pode contar

No Mercado de Salvador há muitas barracas especializadas em artigos religiosos. Alguns importados diretamente da África. É bom negócio e os comerciantes prosperam. O turista é que atrapalha, pois paga preços maiores, obrigando os religiosos a terem de acompanhar a alta, sem recursos para isso.

Há certas frutas, como o **obi** e o **orobô**, que são indispensáveis para fazer o **bori** (oferta ritual ao santo, em função de um sacrifício ou obrigação). Tôdas as casas de candomblé precisam delas. Mas são frutas importadas da África e estão custando de cinco a dez mil cruzeiros cada.

No dia seguinte, na mesma sala, com outro vestido verde, Olga sorri maliciosamente ao receber-me:

— Vesti êsse por sua causa, já que notou da outra vez. Mas hoje é dia de vestir coisa branca. Para agradar Ogum. Quando fôr fazer minhas visitas quero sair tôda côr de prata... — ficou séria, olhou para cima.

— Então, que mais quer saber?

Falou da infância. Riu muito, lembrando-se de suas criancices.

— Sabe, fui muito rebelde e metida a valente. Briguei muito com os meninos e as meninas na escola. Levei muito bôlo. Naquele tempo judiavam da garotada. Mas eu sempre arranjava um meio de me vingar. Não é batendo que se ensina. Autoridade sem bondade só serve para aumentar a rebeldia da gente. Uma professôra que gritava muito — não gosto e não aceito grito de ninguém — pagou caro quando tentou me bater nas mãos com a palmatória. Ficou três dias sem poder andar, com o joelho inchado...

A mestra estava sentada, de pernas cruzadas e pediu a Olga que estendesse a mão espalmada acima de seu joelho. Ela obedeceu, morrendo de mêdo e raiva.

— Já viu, né? Agüentei o primeiro bôlo... vi estrêlas e, no meio delas, a vingança. Foi só tirar a mão e a palmatória foi direta, com tôda a fôrça, no joelho dela. Aí, raspei no pé...

E foi contando outras coisas de sua meninice deixando transparecer que desde aquela época tinha necessidade absoluta de justiça, bondade, independência. E, principalmente, liderança.

Olga é a mais môça das mães-de-santo mais respeitadas de Salvador. Apesar disso, além dos oito filhos-de-carne, tem 58 filhas-de-santo. Cuida de todos com a mesma autoridade terna, preocupa-se igualmente por seus problemas, além de preparálos religiosamente. E isso não é fácil. Sua personalidade forte, cheia de energia, e a espontânea alegria que irradia ajudam-na muito. Mas ela entende êsse poder de outra maneira.

— Deus me escolheu para isso. Deus sabe o que faz. O que me falta, êle me dá. O que não tenho, me faz ter. Êle não podia desamparar quem escolhe para cuidar de suas coisas.

Não é falsa modéstia. Olga conhece seus limites humanos, porque é muito inteligente.

Tem gente que diz saber tudo, que vê as coisas. Gente que só de olhar para as pessoas sabe logo qual é o santo delas... Não acredito. Ninguém tem os sentidos na flor... A gente não sabe nada, os santos, sim. É preciso consultar, ter direito de pedir e ter exemplo para poder ajudar. Falam, falam, mas é na hora de fritar o peixe que se vê a banha, como falava minha tia...

Contou-me, então, como se tornou mãe-de-santo. Antes, porém, se desculpou:

— Não lhe posso contar tudo, compreenda. Tem coisas de **fundamento** e da vida da gente que devem ficar entre nós e nossos santos...

Olga nunca esperou que isso acontecesse com ela. Nem queria. Tinha já muito trabalho com a casa e os filhos. Queria gozar a vida e sabia que as obrigações de mãe-de-santo iriam limitar sua liberdade.

— Foi numa tarde como esta... céu azul sem nuvem, calor, um dia bonito e limpo. Eu passava a roupa das crianças. Estava alegre e descuidada. De repente, ouvi trovões, raios, vento. Não podia ser, com um dia assim. Fiquei inquieta e continuei meu trabalho. Minha tia já andava doente e a gente se preocupava muito. Pensei nela nessa hora. Mas logo tudo ficou calmo novamente. Aí apareceu minha mãe e me levou para onde estava minha tia.

Olga faz uma pausa e ergue mais o busto. Tem as mãos apoiadas nas pernas.

— Então eu vi umas coisas muito diferentes onde estava minha tia. Coisas que não posso lhe contar. Mas aí fiquei sabendo... e me convenci.

— A partir dêsse dia a senhora passou a ter as obrigações de mãe-de-santo?

— Pois foi. No princípio foi um pouquinho estranho. Sabe, é preciso confessar, sem vergonha, eu não gostava muito de obrigações. Sofri muito de santo... apanhei muito de santo.

Diz isso com sofrimento real nos olhos. Prossegue, falando sem me olhar:

— Se não tenho obrigação, não vou procurar. Mas quando tenho, nunca fujo, nem fugi... Antes era mais fácil, minha mãe e minha tia ajudavam... quer dizer, ajudavam a mulher Olga a enfrentar os problemas e as dificuldades. Porque ainda hoje me ajudam, mas de outro jeito. A gente nunca está só, viu?

Uma das características do terreiro de Olga é essa transmissão de obrigações dentro da mesma família. Sempre foi assim.

— Por isso sou hoje pessoa muito ocupada, é o dia todo... gosto de cinema, mas vou pouco. Tem um circo atualmente aqui perto, quero ir, mas como é que faço?

Quando visitei as dependências de sua casa, Olga abriu-me a porta de dois quartos de santo. Mostrou apenas, sem nenhum comentário. Depois fiquei sabendo que num dêles está o peji, altar onde ficam os orixás. Nêle, Olga faz as orações e consulta os seus santos. O outro quarto é a casa de Oxalá, o deus da criação, o mais respeitado. Um amigo que acompanhava a visita, homem crente, diante da casa de Oxalá deitou-se de bruços e torceu o corpo em duas reverências laterais. Depois explicou-me:

— Meu santo é feminino, por isso devo me curvar dos dois lados. Se fôsse masculino, seria uma só curvatura.

Nesse dia Olga contou-me algumas de suas experiências mais dramáticas. Sem muita ordem, como vinham à sua memória:

— Há nove anos, sem que eu esperasse, me respondeu um **Egum** de minha bisavó. Foi num bori que nós demos... Chegou na porta... eu vi... depois entrou e foi no fundo da casa... eu acompanhei. Tinha pouca gente aqui, foi muito impressionante, nunca mais esqueci.

Egum representa os mortos.

— Já fiz médicos se convencer do poder da gente. E justamente com meu pai. Êle teve um derrame, estava morrendo. O médico deu cinco minutos para êle ir. E parecia que ia mesmo. Rezei, consultei meus santos. Então preparei-lhe uma mistura de coisas e fiz descer pela garganta dêle. Em 15 minutos começou a voltar a si e a falar. Só morreu muito tempo depois, de outra doença.

Olga diz essas coisas com muita segurança e, ao mesmo tempo, respeito aos médicos. Sabe que as duas profissões não são concorrentes. Há certos avisos — geralmente é a tia que lhe aparece pedindo para ir ver uma de suas filhas-de-santo, quando adoeceu e ela não sabe disso — que não podem ser compreendidos como outra coisa além do poder dos santos. Por isso vive tranqüila e alegre, pois tem certeza de que os santos a protegem e auxiliam na hora certa.

Teve um dia que, por fraqueza humana, sofreu bastante. Ela conta como foi, com emoção. Quando começou a falar, Geninho apareceu na sala e sentou-se a seu lado.

— Não tem nada pra fazer, menino?

— Não.

— Então tira o dedo da bôca!

Geninho sobressaltou-se um pouco. A história já havia começado, êle ergueu-se e deu uns passos. Mas ficou ouvindo, de longe, de costas para nós.

— Estávamos fazendo as obrigações de Oxóssi. A gente já tinha feito matança, estava tudo em paz. Vou para a sala e, junto da talha, vejo um menino feio, muito prêto, babando e com os olhos esbugalhados. "Que menino feio é êsse? De onde é que êle veio? Como entrou aqui?" — perguntava eu às filhas-de-santo. Ninguém sabia quem era, e tôdas se assustaram muito. Foi um escândalo. Então, tomando coragem, agarrei-o e levei-o para fora. Na luz, reconheci:

— É Geninho, meu Nosso Senhor do Bonfim!

Ninguém queria acreditar. **Aquilo** não podia ser Geninho, um dos filhos de Olga, de pele mais clara, um garôto bonito e de expressão tranqüila. O que viam parecia um demônio. Olga queria, mas não conseguia rezar. Pediu para que todos ali orassem por ela. Então os santos aconselharam: era preciso dar leite fresco, logo. Foi uma correria. De um estábulo ali perto, conseguiram o leite. Mas a notícia correu: Geninho, filho de Olga, havia morrido. SEGUE

Amanhã os santos dirão o que fazer

Deram-lhe o leite para beber e Geninho foi clareando e sua expressão voltou ao normal. Num instante estava brincando de nôvo. E, à noite, houve Candomblé. Quem veio para o velório levou outro susto, mas teve muita alegria também; junto aos atabaques, vendo tocar os irmãos mais velhos, Geninho, muito vivo e com o dedo na bôca, sorria encabulado para todos os que chegavam por causa de sua "morte".

O menino tinha engolido tinta óleo.

— Bateu vento no ar e pronto.

Geninho, terminada a história, voltou-se. Olga estava emocionada. Era preciso disfarçar. Sorriu.

— Por pouco não fiquei livre dêsse cabeça de marmelo aí!

Havia chegado o padrinho de Nilsinho. Olga desculpou-se dizendo que precisava falar com êle coisas que eu não podia escutar. Os dois foram sentar-se lá dentro, no terreiro das festas. Fiquei com Nilsinho e Geninho. Eu havia lhes trazido dois passarinhos de presente. Estavam encantados e ainda mais amigos. Geninho foi buscar um atabaque que Olga trouxe da África.

Sentamo-nos ao lado da casa de Exu, onde vira Olga atender uma cliente. Na porta estavam coladas umas penas de galinha. Exu é um orixá irrequieto, demoníaco mas não diabólico, com tendência a perturbar a ordem das coisas. Antes de começar qualquer cerimônia, é preciso agradá-lo, acalmá-lo, para que tudo corra bem.

Havia uma grande calma por ali. Nos fios elétricos cortando o azul do céu, viam-se sinais de festa: bandeiras rasgadas, de papel já sem côr, e fios e mais papel dos papagaios das crianças. Pedi aos garotos que me cantassem cantigas de Candomblé. Brigaram um pouco, porque ambos queriam tocar o atabaque. Geninho concedia às vêzes, pois já sabia tocar e compreendia que o irmão não o fazia muito bem ainda. Era bonito ouvir suas vozinhas estridentes quebrando a calma do lugar e ver suas feições sérias e concentradas.

— Minha cabacinha/ que eu trouxe lá da aldeia/ não me deram mel/ e eu deixei em terra alheia...

Eu anotava a letra, mas do jeito que havia entendido, assim: "eu deixei enterrada na areia". Mais tarde, diante de Nilsinho, quando mostrei o que havia escrito para Olga, ela disse:

— Você ensinou errado, menino!

— Eu cantei certo. Escreveu assim por que é gente que não sabe...

Em nossa frente, Jocenira punha uma lata de água para ferver sôbre um braseiro. Ficou olhando para baixo, em direção ao vale. O som do atabaque tocado por Geninho parecia ir tão longe quanto o seu olhar.

— Pedrinha miudinha/ da aruanda aê.../ lajeiro tão grande/ tão grande de aruanda aê/ Pedrinha de um lado,/ pedrinha do outro/ quem pode mais é Deus no céu,/ Jesus, Maria e José.

— Giandirá, o que é meu/ é de meu irmão,/ é de meu irmão,/ irmão do coração...

Mais uma discussão para ver quem toca o atabaque. Nilsinho faz-se de ofendido e diz que não canta mais. O outro, rindo, canta sòzinho a primeira estrofe, mas logo o zangado o acompanha:

— Quem me dá o que comê/ também come/ quem me dá o que bebê/ também bebe.

São cantigas **caboclas,** cantadas em português. Das outras, em Kêtu, que êles cantam, não sabem o significado.

— Minha mãe é quem sabe — fala Nilsinho.

— O que você faz em dia de Candomblé?

— O sinhô não vê? Fica gente prá todo lado. Tem uns que tão fumando lá dentro, não pode. Escondem os cigarros nas mãos, prá trás. Descubro, venho vindo, dou tapa, o cigarro cai. Aí, me mando. Tão tudo atento nas danças, não vê?

Olga me chama. Nilsinho vai junto. A conversa com o compadre prossegue, mas são coisas que já posso ouvir. Assim mesmo, pouco entendo. O garôto está ao lado da mãe, que conta um caso de terreiro, coisa antiga. Refere-se a Oxumaré, alguém em transe que recebeu êsse santo. Empolga-se, a voz muda de tom, gesticula muito.

— Mãe, ocê tá com mêdo! Óia só como ocê tá... — diz o menino.

De fato, Olga tem os braços arrepiados. Só eu alí não sabia por quê. Quando ia embora, Nilsinho deu-me outro presente:

— Tome, é meu, agora fica seu.

Era um ninho de passarinho que caíra da biriba, a árvore santa.

O sol está se pondo. Da janela da sala de jantar em casa de Olga, vejo que há um tom avermelhado em tôdas as coisas naquele pequeno vale, em Matatu de Brotas. Olga recebe a visita de alguns amigos. Acaba de nos servir um cálice de vinho. Nilsinho pede o seu. Toma tudo de um gole e depois arregala os olhos para mim, batendo a língua no céu da bôca.

— Arretado de bom...

Todos sorriem e alguém comenta:

— Vinho, pouco, faz bem às crianças.

O garôto concorda com a cabeça. Olga inquieta-se, pondo a mão espalmada junto ao pescoço.

— Que horas são? — pergunta.

— Sete e meia...

— Nossa! Seis e meia... e eu esqueci de dar comida ao meu santo!

Desce aflita para a cozinha. Todos ali, crentes também, sentem-se mal pois sabem que lhes cabe a culpa pelo esquecimento de Olga. Percebo a inquietação geral, mas não posso compreender totalmente o que está em jôgo. Começo a falar. Nilsinho é que me responde. Não me lembro o que era nem o que estava respondendo. Gesticulava muito. Olga vem apressada com uma cuia cheia de comida. No momento em que passa por nós, Nilsinho, abrindo os braços e falando rápido, bate com a mão na cuia. Ela voa e a comida se esparrama.

— Menino! — exclama Olga curvada, olhando para o chão.

Todos estão imóveis, tensos. O menino fica em pânico. Atira-se às costas de uma cadeira e, cobrindo o rosto, começa a soluçar. Olga continua curvada e percebo um balbuciar em seus lábios. O pranto de Nilsinho agora é convulso. Começo a sentir mêdo. Um mêdo estranho, indescritível. E culpa também. Tenho mêdo do que possa dizer ou fazer Olga nesses próximos instantes. Meu mêdo é igual ao de Nilsinho e minha culpa é a mesma que a dos outros. São apenas segundos que estão passando, mas duram e se estendem como se fôsse possível esticar cada unidade de tempo. O silêncio de todos e o pranto de Nilsinho é que criam essa impressão. E o meu total desconhecimento do que possa acontecer.

Olga ergue-se lentamente. Môças que estavam na cozinha aproximam-se e olham espantadas. Descubro o meu maior temor: que Olga bata ou diga coisas duras ao filho. Ela o olha ràpidamente. Não quero ver, nem ouvir. O pranto fica mais forte, ao pressentir Nilsinho o olhar da mãe. Tenho necessidade de intervir, impedir o quê? Olga ajoelha-se no chão e, em gestos rápidos, cata a comida e a repõe na cuia. Ergue-se e sai da sala. Uma de suas filhas-de-santo limpa o chão com um pano. O padrinho do menino afaga-lhe a cabeça. Sinto um provisório mas profundo alívio.

— Não foi nada... foi sem querer... não chore mais...

O chôro continua, êle não se move. Sabe que foi sem querer, mas sabe também que as coisas feitas sem querer podem ter significados perigosos. O silêncio continua. O tom vermelho do crepúsculo invade a sala. Latidos longínquos e uma voz de homem berrando o nome de alguém ecoam pelo vale. Olga aparece na sala. Olha firme para o filho. Abaixa-se e toma-o nos braços. Fala séria, sua voz está diferente. À tristeza mistura-se uma ternura muito especial e diferente da simplesmente maternal.

— Eu me atrasei... esqueci. Êle usou você para me avisar que não queria mais. Dei a comida a outro santo. Amanhã êle me dirá o que é preciso fazer... Não chore mais Nilsinho, você não tem culpa.

Eu queria que ela o beijasse, fizesse carinho. Mas nada disso foi feito. Apenas apertou na sua a mão do menino. O chôro ficou menor, mas continuava.

Despeço-me de todos. Olga, levando Nilsinho pela mão, acompanha-me até a frente da casa. Chegamos à avenida Ala-Kêtu. A despedida foi rápida. Olga me sorri como que pedindo desculpas pelo incidente. Nilsinho não chora mais, porém tem o rosto molhado e, ainda, a expressão angustiada. Êle me estende a mão sem dizer nada.

Subo apressadamente a ladeira. Lá em cima eu me volto. Vejo o casario ladeando a avenida. No fundo, o vale com as casinhas coloridas e dispersas entre manchas verdes de capim e de folhagem. No meio, junto a um tronco negro, dramático, morto, cortando a vermelhidão do céu, vejo Olga com Nilsinho agarrado à sua cintura. Parecem vitalizar a paisagem em crepúsculo. Fazem-me um aceno simultâneo.

Caminho pela rua tentando recordar a cantiga que Nilsinho me ensinou:

— Giandirá o que é meu/ é de meu irmão/ é de meu irmão/ do coração. FIM

algumas pessoas têm opinião formada sôbre a Pfizer:

DEMÉTRIO FELIPE DOS SANTOS
motorista de caminhão do frigorífico Santa Rosense - RGS

É a fábrica mais bonita da Via Dutra. E acho que também é a maior.

REGINA CELI BLASIO

É a Companhia onde papai trabalha há mais de 13 anos. Adorei quando soube que a Coty agora faz parte da Pfizer.

LARA APARECIDA FERREIRA

É onde o papai trabalha fazendo plásticos.

ANARDINO COSTA
Fazendeiro no Município Cachoeira de Minas - (MG)

É o laboratório que fabrica os melhores produtos para minha criação e para minhas colheitas.

JUVENAL HADDAD
Vice Pres. Sind. do Com. Varejista de Produtos Farmacêuticos.(SP)

Além de uma ampla linha de antibióticos para as mais diversas indicações, a Pfizer produz também alguns dos mais eficazes anti-colinérgicos, tranquilizantes, diuréticos, medicamentos contra enjôos, etc.
Todos sabem que a Pfizer mantém laboratórios de pesquisas, responsáveis por alguns dos maiores avanços em vários campos.
Foi a Pfizer que descobriu a Oxitetraciclina. Nós, farmacêuticos, consideramos a Pfizer como um dos maiores e melhores laboratórios do Brasil.

outras pessoas ainda não têm.

Mas de alguma forma a PFIZER já contribuiu para o bem-estar de tôdas elas.

Pfizer

Por que tração nas quatro rodas?

Resposta nº1

O Pick-up "Jeep" leva cargas a qualquer lugar. No campo enfrenta o atoleiro, roda pelo pasto, sobe ladeiras. E na cidade nem tôdas as ruas são calçadas, também existem ladeiras. O Pick-up "Jeep" faz entregas onde fôr preciso. O caminho não importa.

Econômico no investimento inicial porque custa menos. Econômico na manutenção. Pelo preço de 5 pick-ups "A" ou "B", você compra 8 Pick-ups "Jeep" — e todos levam a mesma carga, em quilos e metros cúbicos.

E o Pick-up "Jeep" existe em diferentes versões para inúmeras tarefas: standard, cabina dupla, furgão, ambulância, carro de policia e de bombeiros, carro forte para bancos etc. Pick-up "Jeep" tem marchas totalmente sincronizadas, reduzida e tração nas quatro rodas: o dôbro de tração, o dôbro de segurança, o dôbro de eficiência — o dôbro de confiança.

©Willys-Overland 66.1165 - INST

Resposta nº2

O "Jeep" é carro para mil tarefas. Na fazenda, puxa arado, ajuda a semear e a colhêr. Ajuda a transportar a colheita. Leva gente, até oito passageiros, que sempre chegam onde precisam chegar.

Caminhos? O "Jeep" faz, quando não há. Barro, lama, areião, buracos, ladeiras — nada impede a passagem do "Jeep" com tração nas quatro rodas e reduzida. Sobe qualquer rampa.

O "Jeep" existe em três modelos, com duas ou quatro portas. Marchas totalmente sincronizadas. Poderoso motor de 90 HP. Alternador, no lugar do dinamo, para carregar a bateria mesmo com o motor em marcha lenta. Tração nas quatro rodas é o dôbro de tração, o dôbro de segurança, o dôbro de eficiência — o dôbro de confiança.

Resposta nº3

A Rural é o carro que trabalha com você a semana inteira. E no fim-de-semana ajuda você a descansar: leva você e a familia para o passeio. Leva carga. Leva seis passageiros. É confortável, roda macio.

Boa estrada? Estrada ruim? Sem estrada? A Rural passa. Bom tempo? Mau tempo? Com qualquer tempo, a Rural vai em frente.

A Rural tem alternador no lugar do dinamo para carregar a bateria até com o motor em marcha lenta. Carburador com nova calibragem, para economizar mais vinte por cento de gasolina. Marchas totalmente sincronizadas. Reduzida e tração nas quatro rodas: o dôbro de tração, o dôbro de segurança, o dôbro de eficiência — o dôbro de confiança.

Produtos da
WILLYS-OVERLAND
Fabricante de veículos de alta qualidade

As milhares de desquitadas ou separadas que há no Brasil têm histórias parecidas com as de Elisa, Dagmar ou Emília. Ou, pelo menos, todos os casos têm um ponto comum: mesmo sendo feliz, a desquitada ou separada não consegue ignorar pressão e hostilidade da sociedade, isto é o que Elisa, Dagmar e Emília vão mostrar, contando o que têm sido suas vidas depois de um casamento fracassado: Elisa, com o seu diário, cuja publicação autorizou; Dagmar, em depoimento; e Emília, numa entrevista que concedeu, junto com o segundo marido e os filhos. Todos os personagens das três histórias tiveram seus nomes trocados.

Três histórias de desquite

Reportagem de José Carlos Marão

1a. história

Elisa Monteiro
é uma môça de 34 anos,
que mora
com os pais numa cidade
do Estado de São Paulo.
Todo o seu drama
está num diário.
É desquitada há seis anos,
não teve filhos
e tem poucos amigos.
Elisa se considera
muito infeliz.

Nos seis anos após o desquite, Elisa morou sempre com os pais. Já pensou em sair de casa e viver sòzinha. Mas depende econômicamente dêles. É funcionária pública e ganha pouco. O marido abandonou-a e vive hoje com outra. Elisa não faz o mesmo por pressão da família e um pouco de mêdo da sociedade. Mas principalmente por algumas coisas que vai contar:

"Êste é meu diário. Nêle eu sempre escrevi, para mim mesma, aquilo que nunca tive coragem de dizer a ninguém. Espero que a publicação de algumas coisas seja útil. Mesmo que não me ajude, que ajude outras pessoas, no futuro.

Agôsto — Será que nunca um homem vai olhar com respeito para uma mulher desquitada? Hoje o T. me convidou para jantar. Eu aceitei e perguntei se dona M., a espôsa dêle, estava prevenida. Êle respondeu que nós íamos jantar fora, que nesses jantares assim espôsa não entra e filhos não ficam sabendo. E disse que tinha um bom programa para depois do jantar.

Eu fui chorar no banheiro.

Janeiro — Hoje estou contente.

Conheci um rapaz que também é desquitado. Nós saímos juntos, êle falou que nós precisamos nos conhecer melhor. E depois, talvez, casar em outro país. Depois de amanhã vamos nos encontrar de nôvo. Hoje nós fomos ao cinema, depois jantamos juntos. Êle me respeita.

Janeiro — Hoje sofri muito. Primeiro de ansiedade e vontade de encontrar N. amanhã. E, em segundo lugar, porque já me viram na rua com o rapaz. Dona F. veio aqui em casa hoje e perguntou, como quem não quer nada, para a mamãe: "Tem algum parente da senhora na cidade, Dona Antônia?" E aí explicou: "É que eu vi a Elisa ontem junto com um môço muito bonito, sabe?"

Não tinha contado nada à mamãe. Ela não admite que eu saia com ninguém. Quando cheguei do serviço brigou comigo.

Amanhã eu saio com N. de qualquer maneira.

Janeiro — Foi horrível.

N. levou-me de automóvel até São Paulo. Jantamos, num restaurante bonito, e foi delicioso conversar com êle. Depois, levou-me a uma boate. Lá também estava muito gostoso. Estava feliz.

Depois da boate, êle me levou até uma casa bonita. Queria que eu descesse do carro. Aí percebi. Nós discutimos. Êle disse que se estava saindo comigo era para isso mesmo. ("Ou você pensa que é môça donzela e eu vou casar com você?") Por fim êle me trouxe de volta, correndo muito pela estrada. Quando chegamos já era tarde, meu pai estava esperando a gente na esquina. Foi um escândalo.

Êle disse que era desquitado só para se aproximar de mim. Era tudo mentira. Nunca mais quero vê-lo.

Fevereiro — Conheci um médico, C.I., e saímos juntos na semana passada. Em casa, meus pais já estão falando de nôvo.

Fevereiro — C.I. hoje foi um pouco inconveniente. Está tentando se aproximar muito. Mas continua fazendo declarações. Eu acredito.

Março — Faz tempo que C.I. não aparece. Será que êle não quer mais nada? Amanhã mesmo vou procurá-lo. Afinal, êle me prometeu muitas coisas. Se não está mais interessado, devia avisar. Não pode me deixar assim, esperando seus telefonemas.

Março — Fui procurar o C.I. no próprio consultório. Êle demorou para me atender. A enfermeira disse que êle estava muito ocupado. Mas eu queria esclarecer tudo. Saber se êle queria continuar comigo ou não. Enfim, tirar da cabeça uma coisa que me preocupava. Aproveitei um momento em que a porta estava entreaberta e disse: "C.I., eu preciso muito falar com você". E êle respondeu: "Sei muito bem do que você precisa. Mas você não quer aceitar êsse remédio."

Estou chocada até agora. Faço o possível para me acalmar, mas não consigo. Minha mãe acha que a culpa de tudo é minha.

Março — Acho que estou me acostumando com a vida de mulher desquitada. Os rapazes do ginásio, que me olham como se eu fôsse uma prostituta, e às vêzes me ofendem com palavras feias, já não me irritam mais.

Março — Eu sei que o povo fala de mim, mas a minha consciência está limpa. Hoje, saí do trabalho junto com minha amiga, desquitada como eu. Ela também tem a consciência limpa. Mas nós duas escutamos, com muita clareza, quando dois rapazes que passaram por nós disseram: "Olha as duas biscatonas da cidade."

Abril — Sei que muitas desquitadas casaram-se de nôvo. Também quero casar de nôvo. Será que minha mãe vai deixar?

Abril — Ansiedade. Solidão.

Acho que estou doente. Estou sentindo tonturas. É uma dor que não localizo. Mas não quero ir ao médico.

Abril — Hoje eu me senti mal na repartição. Não me lembro como foi, devo ter desmaiado. Sei que fui socorrida por um rapaz desconhecido que estava lá, chamado Olavo. Êle me trouxe de carro até em casa.

Abril — O Olavo apareceu de nôvo. Tem negócios a tratar na repartição. Perguntou como eu estava. E acabou me convidando para sair. Marcamos encontro para depois de amanhã.

Abril — O Olavo não sabe que eu sou desquitada. E não vou contar. Meu Deus, como achar uma pessoa que não ligue para falatórios? Uma pessoa que aceite uma mulher desquitada.

SEGUE

Ursula Andress
– a mulher mais bela do mundo –
adora a espuma cosmética de Lux!

Foi êste o nosso pensamento: "Se Ursula é considerada a mulher mais bela do mundo, deve ser interessante ouvi-la falar sôbre beleza..." Então fomos procurá-la em sua pequena fazenda — um lugar sossegado, à beira do mar, nas proximidades de uma cidadezinha pacata. É ali que ela costuma descansar — fazendo companhia à mãe — nos intervalos entre uma e outra filma-

gem. O vento, o sol e a água do mar (ela adora nadar...) representam uma constante ameaça de ressequimento à pele de Ursula. Mas ela sabe como proteger sua beleza. "Tôdas as manhãs" — disse-nos ela, enquanto chupava uvas de seu parreiral — "dou a meu rosto a espuma cosmética do sabonete Lux. Que delicioso momento! Lux é tão suave, tão puro, tão delicadamente perfumado! Lux é espuma que embeleza a gente!" Passeando pelos campos (até saturar-se de sol) ou indo à cidadezinha vender as flôres do jardim de sua chácara, Ursula não pode estar se preocupando com etiquêtas, com trajes finos, com um demasiado cuidado pela aparência. Mas por outro lado, não pode desapontar aquêles que a consideram a mulher mais bela do mundo.

"É claro que eu tenho recursos para custear tratamentos de beleza caros. Mas por que me preocupar, se Lux basta para garantir minha aparência suave, feminina, que os outros dizem ser encantadora?"

Lux protege a beleza.

Perfume marcante — Nova e delicada forma
Em 4 maravilhosas côres

PREFERIDO POR 9 ENTRE 10 ESTRÊLAS DO CINEMA

Três histórias de desquite

Eu só quero receber as atenções e o carinho que tôdas têm o direito de receber.

Abril — Saímos. Foi maravilhoso. Mas durou só uma hora. Eu tinha que chegar cedo. Será que eu achei uma pessoa que me aceita?

Abril — O Olavo me telefonou logo cedo. Fiquei satisfeitíssima com sua atenção e delicadeza. Há muito tempo que ninguém me tratava assim. Êle é advogado e trabalha para uma firma da cidade.

Abril — Eu não me importo mais com as discussões de minha mãe. Só penso em Olavo. Estou apaixonada. Acho que êle está também. Hoje saímos de nôvo. Não fizemos nada de especial. Só demos uma volta. Mas só de me sentir querida foi o suficiente. Cheguei em casa e ouvi as repreensões de costume da minha mãe, porque eram oito e meia, e eu tinha saído do serviço às seis e meia.

Abril — O namôro está ficando firme. Olavo quer conhecer meus pais.

Falei com mamãe que vou trazer um colega meu aqui, sábado. Parece que ela gostou da idéia.

Êle ainda não sabe que sou desquitada. Só vou contar depois que tiver certeza que êle gosta de mim. Estou contente.

Maio — Amanhã Olavo vem aqui em casa. Minha mãe já está perguntando se é colega mesmo ou se é "algum galho". Gritei que também tenho o direito de namorar, procurar companhia e casar de nôvo. Aí ela ficou quieta.

Eu passei por cima da pergunta dela. Estou ansiosa para sair mais uma vez com o Olavo. Amanhã êle vem aqui, entra, toma um café, e depois nós vamos passear, como sempre. Ainda tenho algumas dores e tonturas. Será que eu serei feliz, desta vez?

Maio — Minha vida está arruinada. Eu sou uma infeliz.

Meu Deus, que crime comete uma mulher ao se desquitar?

Hoje, acho que detestei minha mãe. Foi só o Olavo entrar, ela começou a perguntar: "O que é que o senhor quer com minha filha?" No fim, acabou contando que eu era desquitada. Fiquei contrariada mas acabei achando que um dia êle teria de saber mesmo.

Saímos. Êle era outro homem. Seu comportamento tinha mudado de uma vez. Fomos jantar num lugar escuro, onde êle nunca tinha me levado antes. Depois do jantar, no carro, vieram as propostas, que eu já estava temendo. Resisti. Êle me xingou. Disse que eu já não era mais môça, para que resistir? E falou também que se eu pensava que êle ia casar com uma mulher desquitada estava muito enganada.

Queria descer do carro e voltar de ônibus. Mas êle me trouxe até em casa, sem falar uma palavra.

Minhas dores e a tontura voltaram.

Junho — Acho que estou muito doente. Quase não consigo trabalhar mais. Marquei consulta no médico para amanhã.

Junho — O doutor Pena me conhece há muito tempo. É amigo da família. Examinou-me hoje e receitou muitos remédios. Li as bulas e estou preocupada. Êle não me disse o que eu tenho. Amanhã eu vou voltar lá, para perguntar que doença é essa que precisa tantos remédios.

Junho — Acho que não foi desrespeito do doutor. Afinal é nosso amigo. Mas o que êle disse me assustou e irritou. Êle teve de me dar um calmante. Quando perguntei o que eu tinha, respondeu: "Dona Elisa, a senhora, na verdade, não tem nada. Mas já faz muito tempo que está separada do marido. Isto pode ter conseqüências físicas também. A senhora me entendeu?"

Quando eu já estava saindo, êle ainda disse: "Largue brasa, dona Elisa!"

Julho — Eu já perdi qualquer esperança de ser feliz. Perdi a fé em todos os homens. Sei que êles só querem aproveitar-se de mim.

Não tem importância. Estou pensando em arrumar um amante. Um homem casado que anda me fazendo galanteios. Talvez eu possa até gostar dêle. Pelo menos, será o remédio que o médico recomendou. Certamente viria encontrar-se comigo depois do serviço. Ficaríamos junto por uma meia hora, cada vez que nos encontrássemos. Talvez no escritório dêle. Ou em algum apartamento fora da cidade. Depois da meia hora, êle iria para casa, diria à espôsa que trabalhou muito e estava cansado. Eu iria para a minha, ouvir minha mãe dizer que estão falando mal de mim.

Não, não! Assim eu não quero!

Meu Deus, até quando eu terei de viver sòzinha?

2a. história

Dona Dagmar Martins, de 42 anos, mora no Rio de Janeiro, com sua filha de 19 anos e sua mãe. Trabalha para sustentar as duas. Está desquitada há seis anos. O marido não ajuda com nada. Dona Dagmar vive só para a filha.

Dagmarzinha tinha 17 anos no dia em que entrou em casa, correndo e chorando, sem querer dizer a ninguém o que tinha acontecido. Dona Dagmar, desquitada havia algum tempo já, muito carinhosa com a filha, foi saber o que acontecera. A menina respondeu que tinha brigado com o namorado. Para dona Dagmar, foi um alívio. Se era só isso, podia chorar.

Mas a menina continuou chorando. E, por fim, acabou contando à mãe a causa da briga e do chôro. O rapaz, numa discussãozinha, disera:

— Ah, sua mãe é desquitada, e filha de peixe, peixinho é.

Para mãe e filha aquilo era muito triste, as duas choraram juntas. Mas não era a primeira, nem a única vez, que cometiam injustiças com dona Dagmar.

Dona Dagmar, na época do desquite, morava num bairro do Rio de Janeiro. Tinha muitos amigos e todos concordavam que o comportamento de seu marido não era dos melhores. Até achavam que ela devia largá-lo. Mas quando isso aconteceu, todo mundo mudou de opinião:

— Eu passei a ser olhada pelas mulheres como um espécime diferente. Acho que elas me consideram uma inimiga, que a qualquer momento pode tomar os maridos horríveis que elas têm.

Dona Dagmar é secretária e ganha cêrca de 600 mil cruzeiros. Tem 20 anos de serviço na mesma emprêsa. Mudou do bairro onde morava, quando era casada, para um apartamento que comprou com muita dificuldade. Está desquitada há seis anos.

— Acho que já me acostumei. No comêço foi muito difícil. Eu sempre achei, enquanto casada, que estava preparada para viver sòzinha. Mas por mais que a gente ache que está preparada, não está. O choque da separação é muito grande. Meu marido não dormia em casa. E também nunca dava um tostão para as despesas. O comum era o contrário: levava dinheiro meu, para jogar. Eu pensei muito, todos falavam mal do desquite, mas quando não suportei mais precisei legalizar a separação.

Dona Dagmar teve dificuldades econômicas, logo que se desquitou. A menina estudava em colégio caro. Havia a prestação do apartamento. Ela começou a trabalhar mais, fazia horas extras no seu emprêgo e auxiliava na contabilidade de uma pequena indústria. Mas êsses trabalhos nem sempre foram bem interpretados pela vizinhança.

— Um dia, um colega me trouxe de carro. Eram oito e meia da noite. No dia seguinte, o bairro inteiro queria saber quem era o senhor que me tinha trazido. Como ninguém acreditava que fôsse um colega de serviço, que simplesmente me trouxera por já ser tarde, cada um tratou de inventar sua própria história.

SEGUE

hevea

O pessoal da Hevea vai resolver todos os problemas de sua casa
(Perdão... quase todos)

Pelo menos eles garantem
que V. terá uma casa muito
mais organizada.
Por exemplo:
onde V. guarda suas
garrafas de bebidas?
E os remédios que ficam
espalhados pelo banheiro?
Uma cesta de roupa de bom
aspecto até que iria bem.

Enfim são pequenos objetos
criados para resolver
grandes poblemas.
É a linha de utilidades
domésticas fabricada
pela Hevea.
Mas êles não param aí...
Mensalmente V. terá
novidades Hevea
para uma casa melhor!

plásticos
hevea s.a.
r. Bixira, 234
tel. 93-8108
São Paulo - SP
av. Polonia, 160
Pôrto Alegre - RGS

delta

Três histórias de desquite

Muitas vêzes em que dona Dagmar trabalhou até tarde, voltou no automóvel de algum colega. Os falatórios continuavam:

— Felizmente, eu tinha algumas amigas que compreendiam. Tinha também minha filha e minha mãe. Elas sempre me ajudaram muito, quando eu tinha crises de tristeza. Mas era difícil, mesmo assim, suportar quando minha mãe vinha dizer o que lhe falavam as vizinhas. Era assim: "A Dagmar trabalhou até mais tarde ontem, não é?" "Ah, sabe, dona Amélia, eu vi sua filha com um homem, ontem." No meu trabalho todos sempre me respeitaram. Não tinha problemas. Mesmo quando me desquitei. Nunca, na minha vida, tinha sido tão agradada como então. Eu achei que fôsse compreensão, que todos estavam sentindo tanto quanto eu o meu problema. A minha primeira estranheza foi quando percebi que só os homens eram compreensivos. As mulheres continuavam iguais. Tôda hora alguém vinha me presentear com um bombom, uma bala ou qualquer coisa assim. Convites para cafèzinhos, então, nem se fala. E todo mundo sempre muito atencioso, muito gentil. Até que começaram a vir os convites para jantar. Eu sempre achei que os convites eram para algo mais do que jantar. Mas naquela época comecei a refletir e a me perguntar se eu não estava sendo injusta. Talvez os convites fôssem mesmo só para jantar e conversar, trocar idéias, distrairmo-nos um pouco. Nem todos os convites, é claro. O seu Antônio, que sempre me respeitou muito, começou a insistir em conversar comigo. Disse que tinha problemas semelhantes ao meu. E coisas assim. Pensando naquilo da injustiça, depois de adiar um pouco, resolvi aceitar seu convite para jantar.

Dona Dagmar saiu com seu Antônio. Passearam, jantaram e conversaram bastante. Dona Dagmar já tinha quase certeza de que era injusta, julgando mal os convites. Mas, depois do jantar, veio a pergunta:

— Você, môça e bonita, como pode viver assim, tão sòzinha?

— Eu vivo bem assim. E tenho minha filha para cuidar.

— Eu sei, mas ficar só é horrível. Eu também tenho problemas, minha mulher não me compreende. Verdade que eu não posso largar dela, mas preciso de alguém fora de casa, que preencha êste vazio. Dona Dagmar desconversou. Fêz de conta que não entendeu nada do que êle queria e foi embora. Certa, então, de que não era injusta com ninguém.

Depois de quatro anos de desquitada, dona Dagmar também começou a sofrer sua solidão. Por essa época, encontrou Pedro, um amigo que tinha trabalhado com ela, na mesma firma, tempos atrás. Estava apaixonado por uma môça também conhecida dela, e tinha acabado de romper o namôro.

Usou dona Dagmar como confidente e os dois começaram a sair juntos. Pedro nunca mostrou nenhum sentimento, a não ser amizade por quem ouvia seus problemas. Com o tempo, êle começou a tornar-se também confidente de Dagmar. E ela percebeu que estava gostando dêle.

— Mas eu tenho um problema muito sério comigo. É minha filha. O meu comportamento tem de ser perfeito, para que ela tenha bons exemplos. Eu nunca poderia viver com outro homem, se não pudesse casar com êle legalmente. Mas, no Brasil, isto é impossível. Se houvesse a possibilidade de um segundo casamento legal, eu já teria me casado. Pois com êsse tipo de casamento, eu não prejudicaria a formação de minha filha.

Num dos encontros com Pedro, Dagmar disse-lhe que não poderia mais vê-lo. Seu interêsse estava aumentando. Explicou a Pedro que seu destino era mesmo cuidar de Dagmarzinha, sempre (ela está estudando química industrial e tem um noivo). Precisava cuidar da casa, levar uma vida simples, e não passear, se divertir. Muito menos gostar de um homem: não tinha êsse direito. E explicou por fim:

— Não quero, nunca mais, que alguém repita para Dagmarzinha: "filha de peixe, peixinho é".

3a. história

Emília Lopes Rodrigues
é de São Paulo.
Tem um filho e uma filha.
Desquitou-se em 1958.
Em 1963, casou-se outra
vez, no exterior,
com um antigo colega.
O marido gosta
dela e de seus filhos.
Emília é feliz.

-Foi bem no dia do aniversário do Oscar. Eu confesso que estava com um pouco de mêdo de conhecer a família dêle. Mêdo da reação. Tanto assim que êle deixou para eu escolher: ou vamos comer bôlo lá em casa ou vamos jantar fora. Eu preferiria jantar fora, por timidez. Mas escolhi ir à casa dêle. Eu sabia que o Oscar gosta de passar o aniversário com a mãe, os irmãos e os sobrinhos.

Dona Emília, sentada na sala de seu apartamento ao lado de Oscar, vai contando como conheceu a família do seu segundo marido, de vez em quando interrompida pelos dois filhos, que estão brincando ali por perto.

— E como a família do Oscar recebeu a senhora, dona Emília?

— Bom, êles sabiam que eu era desquitada. Sabiam também dos meus dois filhos. Isto me preocupava. Mas só de chegar lá eu perdi a timidez. Fui muito bem recebida. Encontrei logo uns conhecidos, tudo foi muito bem. E o Oscar tem nove irmãos, sabe? Eu me dei bem com todos êles.

Mário e Maria da Graça entram na sala, um pouco espalhafatosamente, rindo alto, fazendo piadas sôbre futebol com o pai adotivo.

— Filho, deixa a mamãe conversar.

— Nós queremos conversar também, mãe.

O menino e a menina saem rindo como entraram. Não querem saber de conversa de gente grande. Estavam só brincando.

— E como a senhora o conheceu, dona Emília?

O próprio Oscar se encarrega de responder:

— Ah, ela é minha velha conhecida. Nós formávamos par fixo, nos bailes de antigamente, quando erámos adolescentes. Depois ela casou a primeira vez, e eu fiquei muito tempo sem vê-la.

E entra dona Emília:

— Bom, eu já estava separada do meu primeiro marido fazia uns três anos, e encontrei o Oscar na rua, quando estava saindo do emprêgo. Foi como vai daqui, como vai dali, e tem uma festa na casa de fulano, que tal a gente dançar de nôvo como dançava antes, e coisas assim. Para virar namôro foi fácil. Bastou nos encontrarmos naquela festa.

Emília tem 34 anos e está desquitada desde 1960. Mas a separação foi em 1958. O primeiro marido não trabalhava. Quando conseguia dinheiro, gastava com outra mulher. Nessa época, êles moravam numa cidade do interior. Quando se separou, foi com os dois filhos para Santos, cidade em que moravam seus pais. E começaram nessa época suas maiores dificuldades.

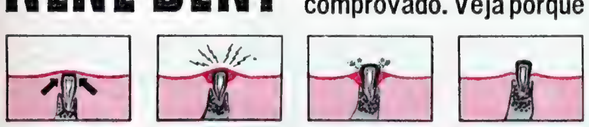
— É muito ruim ser desquitada, dona Emília?

— É a pior coisa do mundo. Para começar: os meus parentes menos próximos começaram a me evitar. Pelo menos até eu me unir com o Oscar. E para arrumar emprêgo, então? Nem fale. Eu não tinha dinheiro e precisava trabalhar. Saí por tôdas as firmas que anunciavam vagas, mas ninguém me queria.

SEGUE

Tostão furado no bercinho adianta?

NENÊ-DENT na gengiva do bebê adianta. Está mais do que comprovado. Veja porque



Ao nascer, o dentinho força o tecido provocando tensão na gengiva.

Essa tensão deixa a gengiva inflamada e irritada, surgindo a dor.

Rompida a gengiva, os germes penetram, causando infecção.

Nenê-Dent evita a irritação e a infecção. O dentinho nasce sem dor e sem complicações.

Aplique Nenê-Dent, delicadamente, com um pouco de algodão, na gengiva do Nenê.

Pergunte às mães que já passaram por esta fase. A ação de Nenê-Dent é que acaba, de vez, com os choros e irritações do bebê quando os dentinhos estão nascendo. E é o fim da irritação da família também. Bebê sorridente outra vez. Mamãe feliz.

colabor

Três histórias de desquite

— A água está fervendo, Emília.

Dona Emília levanta-se e vai para a cozinha coar o café. Oscar vai explicando outras coisas. Nem todos aceitam o casamento dêles, não "legalizado". Mas, o importante — diz êle — é que as pessoas de quem êles gostam, os filhos, as famílias dos dois aceitam, compreendem e apóiam.

Volta dona Emília, com o café.

— Por que não queriam a senhora como empregada, dona Emília?

— Olha: nunca ninguém me disse nada, mas nós sabemos o que acontecia. Eu fazia os testes, ia bem. Os chefes já começavam até a me explicar o que era o serviço. Mas, quando liam minha ficha, esfriavam. E perguntavam: a senhora é casada e está procurando trabalho para ajudar em casa? Eu respondia que era separada do marido, em processo de desquite, e que trabalhava não para ajudar em casa, mas para manter a casa, os filhos. Mas sempre outra candidata ganhava o emprêgo. Isso aconteceu em três firmas. A quarta é onde trabalho hoje. Tenho sete anos de serviço e já sou diretora de vendas.

— E aí nessa firma aceitaram a senhora imediatamente?

— Bom, aceitaram. Mas só agora, que tenho um cargo de confiança, eu sei o que aconteceu. O dono da firma tinha trazido o chefe do pessoal, da matriz, de S. Paulo, para examinar e escolher os candidatos. O homem, que hoje é meu amigo, leu só os testes, não leu as fichas. Eu fui a única escolhida. Então houve um caso interno: o dono da firma e o departamento do pessoal aqui da sucursal não me queriam, por causa do meu estado civil. Mas o patrão não poderia diminuir a autoridade do homem de confiança vindo de São Paulo. E fiquei eu, contra a vontade de muita gente. Hoje, pelo menos diz o dono da firma, a escolha não poderia ter sido melhor.

— E como a senhora teve tanto êxito no emprêgo?

Dona Emília ri gostoso, fazendo um ar de quem não sabe, e de que quem está perguntando deve saber a resposta melhor que ela. Mas fala:

— Bem, uma mulher que trabalha, principalmente entre homens, é sempre vista com olhos diferentes. E se o trabalho é de vendas, a situação então é pior, pois os clientes estão sempre com outros interêsses, além da compra. Olha, para usar uma expressão de gíria, a mulher que trabalha no mesmo setor que eu trabalho, onde as mentalidades não são muito evoluídas, não pode **dar bola** para ninguém. Nem um pouco. Outras que trabalhavam comigo acabaram atrapalhando o serviço porque aceitavam convites para jantar ou almoçar, faziam outras coisas, e os chefes foram perdendo a confiança nelas.

— A senhora acha que a razão do seu sucesso é essa mesmo? Não terá sido porque a senhora é boa funcionária?

Dona Emília ri de nôvo:

— E, sem muita modéstia, acho que essa razão é mais importante.

As crianças passam de nôvo sem ligar muito para os que estão na sala.

Dona Emília mexe-se um pouco na cadeira, como receando que as crianças atrapalhem a conversa.

— E o casamento, vai bem?

— Ah, vai muito bem — dizem os dois.

— Briga não tem?

— Ah, muitas. Mas eu brigo sòzinha — diz dona Emília. O Oscar não abre a bôca. Êle sabe quando estou nervosa. E não liga quando eu começo a falar. O normal mesmo aqui em casa é o bom humor. Nós brincamos muito, um com o outro, com as crianças e as crianças com a gente. Quando eu venho do serviço para casa já venho rindo das piadas que o Oscar e as crianças vivem fazendo. Eu também entro na brincadeira.

— E as crianças?

— Para as crianças, o meu segundo casamento foi uma beleza. Elas ganharam um pai que nunca tiveram. O Oscar leva os dois à praia, ao clube e lugares onde eu não posso ou não gosto de ir. No clube todos nos aceitam. Eu pensei que não deixassem, por causa da nossa situação não-regularizada. Mas os diretores, nossos amigos, passaram por cima disso. E as crianças precisam muito de um clube.

— Elas gostam muito do seu Oscar?

— Demais. É, como eu disse, o pai que êles não tiveram. No começo, êles chamavam o Oscar de tio, sabe? É porque o Oscar tem muitos sobrinhos, e os dois brincavam com êles. Mas, com seis meses de casamento, Oscar não estava em casa, êles me chamaram e perguntaram:

— Mamãe, nós podemos chamar o tio de pai?

FIM

Você sabe o que é "Ratão do Banhado"?

O Ratão-do-Banhado, nome popular da Nútria, roedor originário do Rio Grande do Sul, fornece uma das peles mais cobiçadas pelas mulheres elegantes. É rival do Vison, do Arminho e da Raposa Prateada – na confecção de abrigos, casacos e estolas para as damas de requintado gôsto.

Graças ao Ratão-do-Banhado, o Rio Grande acrescentou à sua variada lista de produtos de exportação mais um artigo que rende divisas e aumenta o prestígio internacional do Brasil.

O Banco Lar Brasileiro, S.A., entusiasta incentivador de atividades pioneiras no setor da exportação, orgulha-se de financiar a venda de mais êsse produto gaúcho.

Nosso gerente em Pôrto Alegre estudou tanto êsse assunto que se tornou um verdadeiro "doutor" em peleteria, no que se inclui o famoso Ratão-do-Banhado.

E continua estudando muito as particularidades e vários aspectos de outros produtos, que tornarão ainda maior a lista gaúcha de exportações.

BANCO LAR BRASILEIRO S/A

Associado ao The Chase Manhattan Bank, N.A.
Capital e Reservas: Cr$ 23,2 bilhões

Rio □ S. Paulo □ Santos □ Campinas □ Sto. André □ Salvador □ Niterói □ P. Alegre □ B. Horizonte □ Recife □ Curitiba □ Fortaleza □ Brasília □ Vitória

14. 2.201

quando lhe disserem que
tôdas as gasolinas são iguais,
lembre-se que só nos postos shell
você encontra
gasolina contendo **I.C.A.**
e não paga um centavo
a mais por isso.

(isto é ou não é algo mais?)

...e saiba também que Shell Super é mais que um nôvo óleo: é superquilometragem com supermargem de segurança.

ESPECIFICAÇÕES DA INDÚSTRIA AUTOMOTIVA EXCEDE

É, positivamente, o óleo que excede as especificações da indústria automotiva.

Isto é ou não é algo mais?

Nos postos Shell algo mais para seu carro e você.

Standard Propaganda

Dona Berta, o Diretor

Texto de Carlos Azevedo

É a sala do diretor da fábrica. As máquinas podem ser vistas funcionando através de duas clarabóias, mas o ruído chega abafado. Além de dois telefones prêtos, o aparelho de comunicação interna e a papelada que um diretor tem que ler, há flôres e retratos de crianças sôbre a mesa. E, no canto do escritório, plantas num vaso. Uma mulher está sentada na cadeira do diretor. Sôbre a blusa **rosa-choque** usa um medalhão prêso a uma grossa corrente. Veste calças compridas côr de vinho, sapatos esporte marrons, de fivela, e está sem meias. Fala num dos telefones:

— Também o senhor trabalha nos sábados? Ah, porque ainda não está rico. E para que ficar rico? Para morrer de tédio?

Esta mulher é o diretor da fábrica. Já passou dos 40, seus cabelos castanhos estão um pouco longos para a moda, o rosto — que ela mesma define como "pouco fotogênico" — muda fàcilmente de uma expressão brincalhona para um leve vincar de testa que significa **atenção.**

Mexe-se na poltrona, roda com ela, balança a perna cruzada sôbre a outra. Nunca está quieta. Mas nela não há nada masculino, e a voz soa agradável, em frases rápidas, num tom que a faz ouvida na sala vizinha. Berta Schlesinger está tratando de negócios. Ela é a dona de uma pequena indústria que faz calças compridas para mulheres.

Continua no telefone, está falando com o gerente de uma tecelagem:

— Só azul-marinho? Não pode ser. Eu preciso daquele cotelê pelo menos em três côres.

Interrompe, fala em outro telefone:

— O que você acha, Vilma?

Está de volta ao primeiro aparelho:

— Aceito 200 metros dêsse azul se o senhor me prometer 500 de laranja e verde-floresta para 4.ª-feira. Não, tem que ser 4.ª-feira.

Sorri, êle está cedendo. Ela conhece o jôgo: precisa mais do azul do que deu a entender, mas também sabe que seu fornecedor tem mais facilidade do que sugeriu para arranjar as duas outras côres. Berta gosta de negociar com homens:

— Saio ganhando. Não deixo se esquecerem de que estão tratando com uma senhora. Também não esquecem seus interêsses, mas a gentileza joga a meu favor.

Esta afirmação ajuda a definir Berta Schlesinger, que deixou a Polônia com três anos de idade. Seus pais tinham escolhido a América do Sul para viver; primeiro foi o Uruguai. Depois mudaram-se para o Brasil. Foi em 1937, quando tinha 15 anos. Em 1965, a fábrica que ela iniciara em 1948, costurando sòzinha numa Singer portátil — vendeu 150 mil peças. E em 1967 sua produção talvez chegue às 300 mil. Como foi que ela conseguiu tudo isso?

— Eu atribuo tudo a minha mãe — diz Berta. Era uma mulher admirável, muito alegre e moderna e que, sobretudo, acreditava num mundo melhor para todos. Criou quatro filhos sem nunca deixar de ajudar o marido. E por conselhos e ações nos ensinou que em qualquer circunstância é preciso lutar.

A fórmula do sucesso é simples

Mas não foi só o exemplo de sua mãe. Durante êsses 28 anos, Berta trabalhou sempre 10 horas por dia. A emprêsa cresceu tanto que Félix, o marido, teve de abandonar seu emprêgo para ajudá-la. E lá estava ela todos os dias, desde muito cedo até à noite, de calças compridas, a dar ordens, a exigir bom trabalho, a tornar-se amiga dos colaboradores. Mas sem se masculinizar, porque Berta acredita que a mulher tem de tentar se realizar sem perder a condição feminina.

A fórmula, para ela, é a pessoa se dedicar inteira e totalmente àquilo em que acredita. Talvez por isso ela tenha-se proposto a fazer calças compridas para mulher num país onde não se as usavam. E, além da resistência do mercado, teve de enfrentar os moralista que sempre encontram motivos para se escandalizar.

— É uma ardorosa — diz seu marido tentando defini-la — e em qualquer coisa que decide fazer põe todo seu esfôrço, esquecendo o resto.

Quase gordo, baixo e de óculos, no rosto uma expressão de tranqüilidade e eficiência, Félix é o oposto da mulher. Diz:

— Ela é a imaginação criadora e eu sou a ponderação, a opinião realista. Muitas vêzes Berta precisa ser freada, mas as suas idéias são a vida da emprêsa.

Os dois dividiram o trabalho assim: Berta idealiza os modelos, escolhe as côres, monta as coleções. Félix verifica as possibilidades de lucro. Ela manda executar o serviço, trata da qualidade do produto, incentiva a produção. Êle faz os contatos financeiros, cuida da administração da emprêsa, acompanha as vendas. Félix raramente veta uma idéia arrojada que venha da mulher. Ao contrário, costuma incentivá-la. Para a próxima temporada, por exemplo, tinham um plano (ainda secreto) que iria causar sensação. Mas adiaram-no por que aconteceu algo raro. A agência de publicidade, instituição que os clientes costumam achar arrojada demais, desta vez ponderou: "vamos deixar para o próximo ano".

Berta telefona para o marido:

— Aquêles 200 metros de tecido número 12 que mandei devolver outro dia estão nos fazendo falta agora.

Ela sabe que nesse momento Félix está abrindo os braços num gesto que a irrita um pouco e que significa "se você tivesse me ouvido".

Êle desliga e comenta:

— Não é fácil para um casal trabalhar junto tantas horas por dia durante 15 anos. Não foi fácil para nós, ficávamos nervosos, irritávamo-nos. Mas formamos um bom casal e superamos tudo muito bem.

— E o amor, ficou intacto?

— Não, não ficou intacto. Adquiriu outra dimensão, amadureceu.

Na sala de Félix o trabalho transcorre em ordem. Pessoas e papéis entram e saem silenciosamente. Na sala em frente, porém, há um furacão. As duas secretárias correm. Pelo telefone e pelo aparelho de comunicação interna, Berta está sempre em contato com alguma auxiliar:

— Isaura, estamos com falta de algumas côres: turquesa, marinho, bege. Veja que novas composições podem ser feitas sem essas côres e me informe depressa.

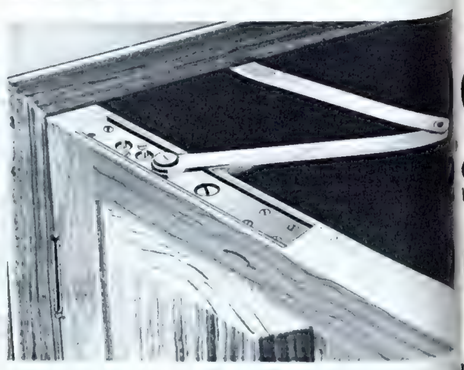
— Tudo bem, Ana? Viu os novos modelos que lhe mandei?

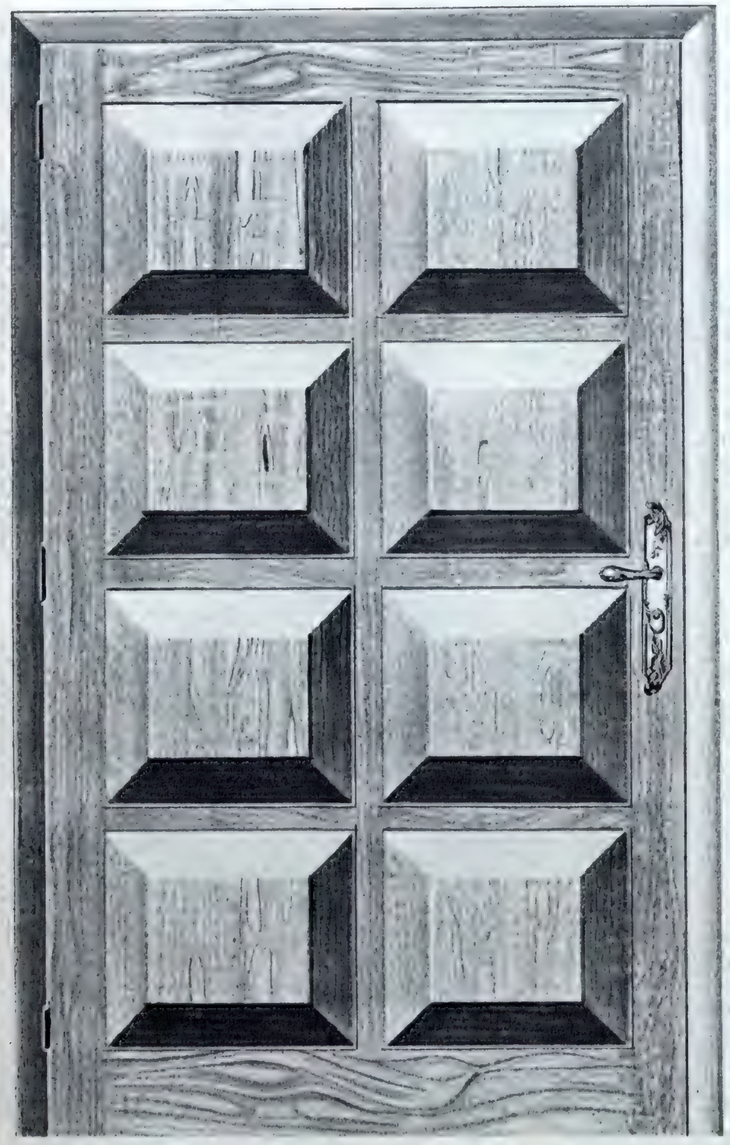
— Serafina, quantas calças pretas lhe faltam para completar o pedido do cliente número 37? Avise-me com urgência.

SEGUE

publitec 14.66

Apresentamos aqui a nova mola hidráulica Fecha-Porta La Fonte





(é só fechar a porta e ela desaparece)

Invisível!
Fecha suave e silenciosamente. Resiste a empurrões. A nova mola hidráulica Fecha-Porta La Fonte é disponível em três modelos: embutida, semi-embutida e de sobrepor. Para portas leves, médias e pesadas. Lançamento exclusivo da

LA FONTE

A FECHADURA QUE FECHA E DURA.

Metalúrgica La Fonte S.A.
Fábrica e Escritórios: Av. Cruzeiro do Sul, 3200
Loja: Rua Rêgo Freitas, 420 - S. Paulo
Santos: Metalúrgica La Fonte S.A.
Rua Itororó, 158
Rio de Janeiro: Ferragens La Fonte S.A.
Rua México, 111-B
Curitiba: Metalúrgica La Fonte S.A.
Rua João Negrão, 713
Londrina: Comercial e Construtora Vezozzo Ltda.
Rua Miguel Blasi, 40
Pôrto Alegre: Morganti S.A. Indústria e Comércio
Rua Voluntários da Pátria, 888
Salvador: Samac S.A. Material de Construção
Rua Miguel Calmon, 42 - s/ 810
Recife: Agostinho B. Silva Ltda.
Rua Cleto Campelo, 44 - L. 7
Fortaleza: Nordeste Represent. e Com. S.A.
Rua Major Facundo, 170

Construiu sua emprêsa com amor

— Pascoal, quantos faltaram hoje?
— Mário, você já consertou aquela máquina de costura que quebrou ontem à tarde?
— Iolanda, o relatório das peças passadas ontem ainda não chegou. Quer verificar?
— Adalisa, quer o ver a situação do estoque de tecidos. A japonesinha Maria, uma das secretárias, abre a porta. Traz a agenda:
— Às 11 horas a senhora tem reunião com os vendedores. À tarde, assistirá ao ensaio das manequins para o desfile do dia 25, em Santos.
— Está bem, Maria. Mande-me o Pascoal.

Nenhum detalhe pode ser esquecido

Pascoal é o gerente. Comanda a contabilidade e o departamento do pessoal. É o homem dos detalhes. Tornou-se quase indispensável quando a emprêsa, crescendo bastante, ameaçou levar Berta a um colapso nervoso, enredada em pequenas questões de execução do trabalho. Pois sendo exigentíssima ela não admite que qualquer detalhe seja esquecido — há pouco tempo deu um prejuízo à firma, pois impediu que um anúncio saísse quando já estava pronto: na fotografia, uma das modelos parecia ter o pé defeituoso. Mas hoje Pascoal está tão entrosado na emprêsa que é fácil ouvi-lo dizer: "as minhas máquinas", "o meu pessoal", "a minha fábrica".

O jovem gerente entrou sem paletó e sorridente na sala da diretora para a rápida reunião da manhã — quando Berta quer saber como vai tudo — e informou:

— A seção de expedição está atrasada outra vez.

— É, já notei pelos números do relatório de ontem que Serafina me mandou. Ela trabalha direito, mas esta seção é complicada, os clientes estão sempre insatisfeitos.

Fala para Pascoal como se estivesse dizendo uma frase nova:

— Pois claro, se temos de contentar a todos...

Pascoal saiu como entrou: sorrindo. Êle sabia o que ia acontecer. Dona Berta — êle a chama assim — descerá até o subsolo, onde fica a seção de expedição e tomará posse do lugar da chefe por algumas horas, para "dar um jeitinho nisso", como costuma dizer.

Confirmando a previsão do gerente ela já ia saindo quando o telefone chamou. Atendeu, sentou-se de nôvo. Recostou-se na poltrona pela primeira vez. A voz tinha um tom completamente diferente:

— O que é, meu filho? Ah... está bem. Um beijo.

Jorge, de 16 anos, o filho mais velho, estava avisando que ia almoçar na casa de um amigo.

— Êle pode ir onde quiser, contanto que me avise — explica Berta.

O sorriso terno nem bem se apagou no rosto e o furacão já renasceu. Passa pelas salas, mandando anotar recados, fazendo perguntas, desce as escadas — "o elevador ainda não está funcionando" — vai **consertar** a seção de expedição.

A fábrica de Berta é um prédio de três andares, no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Foi construído sôbre um terreno de 500 metros quadrados e quem olha de fora não imagina quanta coisa existe dentro daquele simpático edifiziozinho azul, planejado com muito carinho. O prédio — que custou 200 milhões de cruzeiros — teve sua planta refeita 12 vêzes e levou dois anos para completar. Hoje contém perto de 70 máquinas especiais para cortar tecidos, costurar, preguear, arrematar, pregar botões, limpar, passar e dobrar calças e blusões. Avaliadas em 200 milhões de cruzeiros, estão distribuídas pelos três andares como numa linha de montagem. Ali trabalham 105 mulheres e 15 homens que têm restaurante, enfermaria e dentista.

As calças passam por um processamento industrial que começa na recepção de tecidos, passa pela seção de modelagem, vai à seção de corte, daí para a costura, para a costura de acabamento, limpeza, tinturaria, revisão, etiquetagem, embalagem, expedição.

Tudo começou com uma máquina portátil

No dia 2 de janeiro de 1968 a indústria fará 20 anos. Nesse dia, com certeza, Berta já terá voltado da viagem que faz à Europa a cada seis meses para estudar as coleções que estão sendo lançadas por lá e trazer novas idéias para o Brasil. E é certo também que nessa ocasião se recordará de como tudo começou.

Em 2 de janeiro de 1948 mais uma firma era registrada nas repartições do govêrno. Uma firma não muito comum: constituía-se de uma môça de 26 anos e uma máquina de costura portátil.

SEGUE

Desde a manhã até a noite, está perguntando, respondendo, telefonando, conferindo papéis, dando ordens. Foi assim que venceu.

NÔVO

Médicos, administradores, usineiros, industriais, todos aplaudiram com entusiasmo as inovações do seu Utilitário Chevrolet 67

Nova frente... mais elegante! Novas côres... atualíssimas! Nôvo painel... mais rac ainda mais vistoso! O Delcotron, gerador de corrente alternada, carrega a bateria me em marcha lenta. E com a nova disposição do filtro de óleo, que também elimina gueiras e conexões, é bem maior a economia. Além dessas inovações — freios seg baixo consumo de gasolina. Tração positiva opcional. E a durabilidade Chevrolet, um culo em que se pode confiar. Mais moderno, mais aperfeiçoado — Utilitário Chevrole

compreende-se: é um CHEVROLET PRODUTO DA GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

Primeira venda foi de 14 contos

Ia funcionar num pequeno apartamento na esquina da alamêda Santos com a rua Bela Cintra. Proprietária: Berta Schlesinger, recém-casada com um futuroso funcionário de uma emprêsa de exportação.

Com a maquininha, Berta preparou a sua primeira coleção: uma dúzia de calças compridas para mulher. Encontrou um vendedor que se dispôs a mostrar a **coleção** nas lojas de roupas femininas. As casas de moda não se interessaram, mas as lojas de artigos esportivos, sim. Foram feitos os primeiros pedidos, o vendedor se transformou em **representante.** Berta comprou outra máquina, contratou uma ajudante e um rapaz para entregas. Com oito contos comprou a primeira partida de tecidos: um tropical de 40 cruzeiros o metro.

No fim do mês tinha vendido 200 calças, a 70 cruzeiros cada. A emprêsa recebeu 14 contos.

Logo havia outra ajudante. Em maio, a produção foi quatro vêzes maior. Em setembro, trabalhando já com tecidos melhores, que custavam 60 cruzeiros o metro, a pequena indústria fêz uma venda de 200 contos.

Os dois braços de Berta

Berta não esquece os que a ajudaram a chegar onde está:

— Meu braço direito foi Ana, uma japonesinha magra, quase uma menina ainda, que apareceu um dia na oficina e está comigo até hoje. Ela me auxiliava nos desenhos dos modelos, na costura, em tudo. Hoje é a chefe da seção de modelagem, é sócia da firma, tem um carro, dois filhos e tôda a minha gratidão. Uma vez por ano vai à Europa comigo. O braço esquerdo foi Érica, a enfermeira que pràticamente criou meus filhos — Jorge, que nasceu em 1950 e Sílvia Paula, em 1952 — enquanto eu trabalhava. Ela me deixou quando as crianças já estavam crescidinhas, dizendo: "Dona Berta, vou-me embora porque os filhos são seus. E isto já não é muito claro, nem para as crianças nem para mim."

Até hoje, Berta, Jorge e Sílvia visitam Érica no hospital onde trabalha:

— Devo-lhe muito, — diz Berta — porque sei que não teria conseguido fazer nada sem ela, e que meus filhos não teriam encontrado tanto amor em outra. Sem a ajuda dos outros ninguém vai a lugar nenhum.

Quando as crianças eram pequenas tudo foi muito difícil. A oficina, que do apartamento tinha se transferido para uma casa da rua Bela Cintra, depois para um salão na rua Augusta e, finalmente, para o prédio na rua Teodoro Sampaio, não havia parado de crescer durante todo o tempo. As crianças, que começavam a ir à escola, também exigiam atenção e carinho. A família nem sempre podia estar reunida. Mas, como faz até hoje, Berta se levantava às sete para tomar café com os filhos antes que fôssem para a aula. No almôço e no jantar os quatro estavam sempre juntos. E também nos fins de semana, quando costumavam ir para Guarujá. Atualmente, o programa anda meio alterado. Mas é pelos filhos, que às vêzes não aparecem porque foram a uma aula ou saem no fim de semana com seus amigos.

Berta não acha que estar fora de casa durante o dia tenha prejudicado as crianças:

— A mãe que passa o tempo todo em casa perguntando ao filho se já fêz a lição ou tomou banho, não o ajuda. Os meus filhos desenvolveram sentimentos de independência e eu os incentivei. Não é raro me falarem de seus problemas, mas no fim da conversa costumam me dizer: "pode deixar que eu resolvo isto, mamãe". Não conheci nenhum de seus professôres. No entanto, os meninos têm sido sempre bons alunos. Então, se têm muitos amigos, que vivem dentro de nossa casa, e se vão bem na escola, é sinal de que tudo vai bem. Pode ser que eu tenha tido sorte, mas prefiro achar que a independência e a responsabilidade que tiveram desde o comêço lhes tenham sido benéficas.

Para Sílvia Paula, de 14 anos, desinibida, olhos vivos e um rostinho sardento que se compõe muito bem com o cabelo liso, a mãe é uma amigona:

— Ela me dá cada conselho bacana. Mas tenho amigas que têm até mêdo de que suas mães saibam dos conselhos que ela me dá. Não chego a sentir falta de mamãe. Mesmo na fábrica ela está perto da gente. Basta só telefonar. E eu acho que deve ser muito chato uma mãe andando atrás da gente o dia inteiro pela casa.

Jorge é mais tímido, mas pensa como a irmã:

— O fato de mamãe trabalhar fora de casa nunca nos prejudicou. Sempre aproveitamos muito bem o tempo que ficamos juntos. Além do mais, é muito agradável para mim que ela seja diretora de uma indústria.

Berta diz:

— Bem, contado assim, parece que todo êsse período da nossa vida foi de uma doce tranqüilidade. Mas fácil não foi, não.

Quando uma amiga quer abrir uma loja, por exemplo, e lhe pede conselho, Berta resume sua experiência:

— Não adianta iniciar nada se só lhe puder dedicar algumas horas por dia. Um empreendimento, para ser vitorioso, precisa receber dedicação total. Para a mulher casada isso é mais difícil, tem de cuidar da casa. Mas pode resolver o problema montando uma retaguarda eficiente.

Berta não se importa com os salários que paga, mas quer ter sempre duas empregadas experientes, a quem nada tem o que ensinar sôbre como cuidar da casa:

— Dê-lhes um cardapio semanal fixo. Explique como prefere que se façam as compras. Não se irrite se elas gastarem um pouco mais do que você gastaria. Se de vez em quando tiver vontade de dar uma arrumada geral na casa, faça-o de uma vez e deixe de se angustiar por causa de detalhes. E, principalmente, nunca cometa o êrro de passar o dedo na chapa do fogão para ver se tem gordura. Pode ter, mas você deve dedicar sua vida a coisas mais importantes. FIM

As que trabalham

Dos 49 milhões de brasileiros em condições de trabalhar, isto é, a parte da população que tem mais de dez anos de idade, 24.662.000 são mulheres. Mas, enquanto 77% dos 24.139.458 homens trabalham, apenas 16% das mulheres trabalham (donas de casa e estudantes são consideradas "econômicamente inativas"). Das que trabalham, quase um têrço está na agricultura, pecuária e silvicultura; um pouco mais exerce atividades burocráticas, quase um quinto trabalha em profissões diversas e o resto está na indústria e comércio. O total das mulheres econômicamente ativas é de 4.054.100.

A colaboração feminina à atividade econômica no Brasil é bastante inferior à dos países desenvolvidos (26% nos EUA; 35% na França; 32% na Inglaterra) e também não alcança a de alguns outros países da América Latina (24% na Argentina e 25% no Chile). Contudo, apesar de ainda reduzida e de não se estender a alguns ramos de atividades, essa participação tem se desenvolvido bastante nos últimos anos e já se faz sentir amplamente no mercado de trabalho nacional.

Para cada 100 homens exercendo profissões liberais há 22 mulheres. Mas a participação da mulher é mais importante que a do homem nas atividades sociais (ensino público, particular, instituições culturais, assistência médico-hospitalar e outras (numa proporção de 117 mulheres por 100 homens). Também na administração pública a sua participação tem se elevado, sendo de 19 a proporção de mulheres para cada 100 homens.

Há engenheiras, arquitetas, agrônomas, desenhistas, cartógrafas. E até uma astrônoma.

Os mais recentes dados disponíveis sôbre a mulher brasileira são êstes: há mulheres na cultura do café (126 mil), da cana (40 mil), do algodão (31 mil) e na pecuária. Cêrca de quatro mil são fotógrafas, escritoras, jornalistas, cinegrafistas. Há muitas parteiras; 468 são faisqueiras e garimpeiras; 728 extraem madeira; 4.320 extraem borracha; 66 são caçadoras e 1.168 pescadoras. 207.937 mulheres trabalham nas indústrias têxteis e seu número é maior que o dos homens nesse ramo; 85 mulheres comerciam títulos e moedas; 628.882 prestam serviços domésticos remunerados e 267 se dedicam a transportes a tração animal; 213 mulheres são meteorologistas, uma é tratorista, 201 são jardineiras e 662 são lenhadoras; 2.508 são mestres, contra mestres e técnicas industriais; 422 mulheres são ourives, 184, correeiras e seleiras; 8 marmoristas, 421 curtidoras, 10 veterinárias e uma é lanterneira de veículos. 56 são ferreiras, 1.081 são tipógrafas, 5.048 rendeiras, e 558 padeiras. 92 são pedreiras, 2.916 confeiteiras, 23 encanadoras, 247 foguistas (inclusive de lanchas e de trens).

Há 2 aviadoras civis, 7 mestras de embarcação, 4 marinheiras-civis e 4 barqueiras; 74 são motoristas, 317 tropeiras e 8.549 são telefonistas; 54 são investigadoras e peritas policiais; 19, guardas-civis e inspetoras de tráfego. Uma é leiloeira, 8 são lixeiras e 12, operadoras cinematográficas. Há um número pequeno de juízas e deputadas.

Com raras exceções, os salários das mulheres são bastante inferiores aos dos homens, tanto na cidade como no campo.

Ana começou na oficina; hoje já é sócia.

Êste é o depoimento de uma môça de 20 anos, carioca, estudante de Direito. Ela não quis que seu nome fôsse revelado para não expor sua filha. Mesmo assim, teve muita coragem para dizer:

Sou mãe solteira e me orgulho disso

Entrevista a Gilda Grillo

Em tôda a vida me fechei muito a qualquer tipo de relação afetiva. Jamais procurei me apegar a ninguém, até que apareceu o A. Êle tinha 17 anos e eu 16. Éramos amigos, gostávamos muito um do outro e começamos a sair juntos de vez em quando. Daí, por causa de uma brincadeira, começamos a namorar: apostaram que eu não seria capaz de prendê-lo por um mês; e apostaram o mesmo com êle. Um só viria a saber da aposta do outro meses depois. Êle foi profundamente envolvente, profundamente meigo comigo, procurando me prender durante aquêle mês, e eu também. Depois que a aposta já estava ganha começamos a esfriar. Êle se sentiu ferido no orgulhinho dêle, achava que era ótimo, que tinha tôdas as mulheres do Rio de Janeiro, e resolveu me fazer ceder aos seus encantos voltando à carga. Começou a me cercar de atenções de nôvo e eu fui sendo envolvida. Mas êle se envolveu também e quando demos pela coisa estávamos amarrados de pé e mão um ao outro. Foi a coisa mais genial da minha vida. Nunca fui tão feliz como na época em que namorei o A. Completamente realizada, e dando tudo que sempre tinha negado, com uma intensidade que nunca mais vai se repetir. Foi realmente maravilhoso — nós nos entendíamos muito bem e eu compreendia, como compreendo até hoje, que êle era muito meu amigo e eu dêle. E somos ainda. Atingimos uma relação perfeita. Aí fiquei grávida. Eu estava com 18 anos e o A. foi o primeiro homem com quem dormi.

Êle não queria que eu tirasse o filho e falou em casamento. Eu lhe perguntei: "Você casaria comigo se eu não estivesse grávida?" Êle respondeu que não. "Então não quero casar com você", disse eu. Êle quis saber por quê. "Porque você é muito nôvo" — falei — "e eu também; se mais tarde você quiser..." Embora quisesse casar com êle, não podia aceitar só por causa do filho; eu queria algo para mim também... Êle não iria casar comigo àquela hora porque quisesse, mas pelo filho que não queria que eu tirasse. Eu quis ter o filho.

Para mim, uma relação perfeita começa com amor, amizade, interêsse, carinho, respeito humano, clima de ternura. Com A., foi assim. Queríamos o melhor um para o outro. Havia uma entrega muito grande de parte a parte. Jovens encantados com a vida, nós nos bastávamos, não precisávamos de nada e ninguém. Fizemos uma vida juntos. Tudo isso acabou quando fiquei grávida. Dei mais amor do que recebi, mas nem por isso deixou de ser perfeito. O que recebia era suficiente para ser perfeito. O que êle tinha para me dar bastava. Hoje em dia somos amigos. Êle não gosta mais de mim como antes, embora eu ainda tenha por êle o mesmo carinho.

A única coisa que me falta na vida é o A., embora eu não me iluda, não faça fantasia sôbre o casamento que não acontecerá nunca. Meu único problema é fazer minha filha feliz. Não posso me preocupar com mais nada. Passei uma angústia enorme enquanto media, pesava e escolhia. A partir do momento em que a escolha foi feita, eu me senti mais tranqüila, porque era o que eu queria.

Quando eu tinha 14 ou 15 anos, sempre fantasiava muito o que poderia me acontecer no futuro. Nunca me imaginava mãe de família, dona de casa. Por alguma razão, sempre pensei que fôsse amar um homem, que teríamos um filho e que êsse homem me abandonaria, mas eu seria uma mulher que teria minha carreira, independente, com meu filho ou minha filha. Imaginava que tudo isso ia ser um grande drama familiar, que meu pai ia ficar maluco, que minha mãe ia se desesperar e ia haver suicídio na família. O estranho é que tudo isso aconteceu. Não como havia fantasiado, pois minha mãe foi maravilhosa, e meu pai — por um certo remorso — também foi muito meu amigo, mas vivi mais ou menos aquilo que eu previa e o que vejo daqui para a frente é exatamente isto: ter uma carreira, o meu trabalho, ser independente, viver com minha filha e só. Embora, no fundo, eu, por mim, casava com o A., tinha mais cinco filhos com êle e muitos netos e tudo. Mas isso não é possível... E não é questão nem de o A. estar apaixonado ou não. Êle é muito nôvo, muito imaturo, muito inseguro. É um menino que nunca teve que enfrentar qualquer responsabilidade ou problema. Essa história inclusive transtornou-o bastante. E eu não quis estragar a sua vida, pois êle não ia ser feliz comigo, tenho certeza — porque viveu muito pouco, tem uma vida inteira pela frente e muito que fazer ainda, sòzinho.

Evidentemente, eu também poderia fazer muita coisa: ter uma bôlsa de estudos, por exemplo, e muita liberdade, que agora não tenho. Mas foi uma escolha da qual não me arrependo.

SEGUE

lintas publicidade internacional

Lifebuoy é sabonete-desodorante
e sabonete se usa no corpo inteiro.

BRANCO MARFIM
Lifebuoy

Movimente-se à vontade
e conte com Lifebuoy.
Lifebuoy é o único sabonete
que tem Puralin Concentrado.
Sua espuma gostosa e perfumada
desodoriza o corpo todo
por horas e horas.
Em vez de resolver o problema
pela metade, use Lifebuoy.

Agora, porém, tenho que fazer as coisas em função de Marcela. Quando resolvi ter a criança, sabia que minha vida seria assim. Eu teria alguma coisa por que lutar assim de mais perto. Antes lutava apenas por mim; hoje tenho de lutar também por ela e me sinto menos egoísta. Isso deu significado a um vazio muito grande que havia dentro de mim. Esperei a criança a maior parte do tempo na Bahia, com meu pai. Durante a gravidez me senti muito sòzinha; achava que devia estar dividindo tudo aquilo com o A. Mas principalmente no dia do nascimento de Marcela fiquei profundamente triste, pois tôda a emoção de ver nascer a criança, de ter a criança no quarto do hospital, tudo devia ser repartido com o A. Tive muita pena dêle, por não ter vivido essa alegria comigo.

Quando dei à luz, não o avisei. Vim para o Rio e êle nem soube. Só lhe disse 22 dias depois. Achei que não havia razão para dizer, já que êle não me tinha ajudado no pior momento de minha solidão, que foi todo o processo antes de a criança nascer; e não havia justificativa nenhuma para avisá-lo na última hora. Só avisei tempos depois por uma razão: nós dois teríamos uma prova na faculdade e achei que o choque ao encontrá-lo ia ser muito grande. Depois, achei que a iniciativa devia ter partido dêle, que devia ter procurado saber onde eu estava e se a criança tinha nascido. O fato de êle não me ter procurado me afligiu profundamente. Mas, ao mesmo tempo, me senti muito feliz de ter o filho. Houve o apoio de minha mãe, também. Se eu tivesse caído numa crise de depressão porque ia ter um filho, poderia entrar num processo neurótico em que nenhuma ajuda, de ninguém, talvez, me tirasse. Consegui controlar-me. Achei que ia ser um negócio muito bacana, como de fato tem sido. A ajuda de minha mãe foi decisiva, mas não foi o que realmente me fêz sustentar a coisa; o que sustentou fui eu mesma. Achei que tinha assumido uma responsabilidade, tinha medido as minhas fôrças antes e não podia ficar insegura, não se justificava uma depressão, eu não me permiti cair na fossa.

Nunca tive mêdo de ficar grávida. Talvez porque precisava ter um filho. Eu vivia num processo de insegurança muito grande, de completa instabilidade emocional; o A. me deu segurança e tranqüilidade, mas faltava muito que amadurecer ainda. E quando vi que estava esperando um filho e que seria uma responsabilidade a assumir de frente, sem poder recuar de nenhuma maneira — porque agora não tenho como recuar — então isso foi decisivo para um amadurecimento grande e em muito pouco tempo, provocado por mim mesma. Achei isso muito bom. Foi a melhor coisa que me podia ter acontecido. Porque hoje sou uma mulher tranqüila, nova, sabendo que tenho que fazer, mil possibilidades de vida, responsável, segura do que quero, um pouco sòzinha evidentemente, mas isso com o tempo passa e o negócio é tocar para a frente. Sou muito feliz, estou muito feliz depois de ter o filho, coisa que nunca fui. Ninguém pode imaginar como é bom ter uma criança. E não é o fato de ter a criança, é o fato de se chegar a ser alguém, de alguém precisar da gente, de pertencer a alguém assim muito estreitamente.

Vou estudar, vou me formar, estou no segundo ano de Direito; agora vou fazer outro vestibular, para outro curso, que no futuro me dará maiores possibilidades de ser independente. Penso fazer o Itamarati. E acho que o fato de ser mãe solteira não vai me prejudicar. Não escondo isso de ninguém e não me envergonho. Ao contrário, me orgulho muito de ter uma filha, maravilhosa como ela é, me orgulho muito mesmo.

Um assunto sério, no qual penso constantemente, é o futuro de Marcela. A gente nunca pode prever o que vai acontecer na vida. Minha mãe casou virgem, de véu e grinalda, e eu não fui uma criança feliz. Meus pais se separaram quando eu tinha oito anos. Mas desde os seis, quando comecei a entender as coisas, quando comecei a perceber que a relação entre meu pai e minha mãe não era normal, isto é, não era como a dos pais dos meus amigos, então tive um problema sério, que carreguei até bem pouco tempo. Não tive aquêle calor de lar que vi em várias casas e vários lugares. Nunca tive.

Então eu penso: bom, Marcela tem pela frente uma vida que fui eu que dei, então devo ser responsável por ela. Um dia pode me odiar por isso. Mas ela também poderia me odiar mesmo que casasse com o A; poderia ter um grande ressentimento se eu casasse com êle e não desse certo. Ela vai ser filha de mãe solteira, mas podia ser filha de pais mal casados. E isso talvez seja pior; acredito mesmo que seja muito pior. Porque eu vou ser sempre sua amiga, e o A. também, pois adora a filha e se empenha por ela.

Ainda penso em casamento, mas acho pouco provável. Primeiro porque tão cedo não vou me desligar do A. Eu gosto dêle, não é amor infantil, nem de adolescente, não é neurose, não é nada, é amor mesmo. Estou tão ligada ao A. e êle foi tão maravilhoso comigo que acho muito difícil encontrar um homem que venha a ser mais do que êle foi para mim. Vejo o A. quase todo dia, me sinto bem ao lado dêle, não me sinto bem ao lado de homem nenhum, não penso em ter nada com ninguém. Tudo isso, porém, não me leva à ilusão de que volte a ter alguma coisa com êle, pois êle me diz que não gosta mais de mim, e diz — com tôda a franqueza e honestidade possível — que nunca vai casar comigo.

"Ninguém pode imaginar como é bom ter uma criança"

Sofro muito por isso mas quando a gente quer ter uma coisa e sabe, como eu sei, que não é possível, a grande mágoa é a impotência que a gente sente. Mas reconheço que é muito justo que isto não possa acontecer, que nem tudo que a gente quer a gente tem.

O pai do A. é maravilhoso, honesto, íntegro, gosto dêle e êle diz que me admira muito. A mãe também é maravilhosa. É o casal mais feliz que conheço. Os dois se adoram e até hoje vivem como namoradinhos, morrendo de ciúmes um do outro. E são casados há 25 anos. Foi uma das coisas que me encantou, que me prendeu à família de A. Na época em que o namorava, passei a não viver mais a minha vida, mas a dêles, o que era um negócio muito bom para mim. Inclusive a gente fica querendo ter aquilo, porque é uma vida de lar, de calor humano, uma vida sadia, numa família normal, com problemas mas enfrentando tudo juntos, as alegrias e as tristezas, as responsabilidades, o encanto das coisas... Foi muito bacana mesmo.

Não cito o nome da família; acho não ter direito a isso. Nem o nome de A., a vida dêle não me pertence. Aceitei fazer êste depoimento e contar minha história porque sou dona do meu nariz, minha vida me pertence e posso fazer o que quiser dela. Nem por isso me acho superior ao A; sou um pouco melhor que êle porque sou mais feliz e consegui coisas comigo mesma que êle não conseguiu ainda. Uma maturidade, por exemplo, a que êle ainda não chegou; um grau de felicidade que nunca vai ter condições de atingir, pois nunca vai dividir o dia-a-dia de Marcela comigo. Além do mais, eu tive e tenho coragem de enfrentar tudo isso com uma serenidade que êle não teve.

Êle não quis que eu fizesse um abôrto, mas ao mesmo tempo não pensou que a criança poderia ter problemas que com tôda certeza vai ter. Vou fazer o possível para ajudá-la a contornar êsses problemas, mas não me iludo de que vá deixar de tê-los. Sei que a situação dos pais causará problemas a Marcela, que vai sofrer, mas é a tal história: quem pode prever? Não tenho certeza de que tiraria a criança mesmo que A. consentisse ou quisesse. A idéia me tentou por pouco tempo. E era uma coisa que eu estava resolvendo muito sòzinha; não disse a ninguém, a nenhum dos meus amigos ou amigas, nem a meu pai ou minha mãe. Quando disse a minha mãe já não havia mais tempo para tirar e quando contei a meu pai, menos ainda. Os dois teriam sido a favor. Êle, inclusive, fêz tudo para que eu tirasse. Disse que me levaria ao médico, que no ambiente em que vivo deve-se dar uma certa satisfação à sociedade e que meu desafio era muito grande. Todo mundo queria. Uma de minhas amigas ficou tão traumatizada com a história que teve um momento de raiva por eu não lhe ter confiado isso antes: teria me levado para fazer o abôrto, o que ela achava perfeito. Acha que eu não mereço, que não é justo, que sou muito nova para enfrentar um negócio dessa dimensão. Nem eu mesma sabia se ia ter a coragem e a fôrça necessárias. Foi profundamente difícil, mas eu consegui.

Se decidi contar minha história não é porque queira sair por aí como porta-estandarte do bloco das mães solteiras. Não é isso, é apenas para que muita gente não se envergonhe. Para que muitas môças não fiquem traumatizadas com um negócio dêsses, que no fundo é uma coisa linda. É um negócio maravilhoso e no entanto muita gente fica neurótica, se suicida, comete crimes, porque tem um filho de um homem e êle a abandona. O que é isso? Onde já se viu? O negócio é genial, maravilhoso. Não deve haver neurose. Me considero muito ajustada num desajuste. Afinal de contas, porque todo mundo teria que me considerar uma pessoa fora do normal? Eu me orgulho profundamente de ser uma mulher forte. Faço questão de dizer que sou um mulherão. Gosto muito de mim, me admiro muito. Não podia cair na fossa e começar a dizer: "Ai, sou mãe solteira, o que faço de minha vida agora?" Eu ficaria maluca em dois tempos. Tem um negócio que diz assim: quando a gente pensa numa ameaça, a gente não está evitando, está criando.

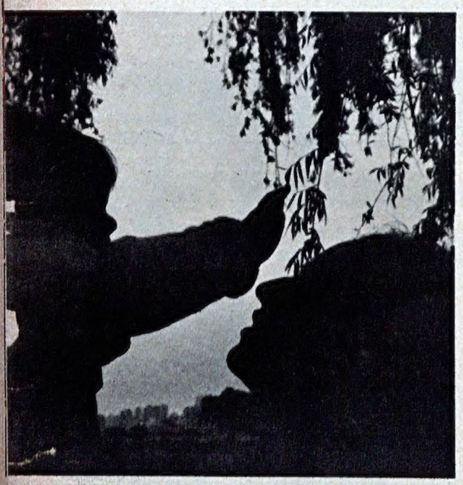
Mas por que fazer drama de uma coisa tão simples, tão normal? Se não é normal porque alguém disse que é preciso casar na igreja, de véu e grinalda, papel no cartório, tomar o nome do marido, morar na mesma casa que êle, depender dêle, ter muitos filhos e netos, então estou fora disso. Não acho isso válido. A sociedade poderia me marginalizar, mas não devo satisfações diretas de minha vida a ninguém. SEGUE

Eu tenho como regra não deixar o mundo mandar em mim. Eu mando em mim. Claro que não posso sair por aí fazendo loucuras, mas isso não é loucura. Loucura seria, por exemplo, ter vários filhos de homens diferentes. O filho deve ser feito com amor, como foi feita a Marcela. Conservar um filho que se teve por acaso é que é loucura, acho que é até um crime. Tenho orgulho de ser mãe, tenho amor pela minha filha. Uma môça que tem um filho sem querer e que vai lhe trazer vergonha, trará problemas para o próprio filho, porque não vai se dedicar a êle. Marcela nunca vai ser um pêso para mim. Ao contrário. O problema não é ser mãe solteira. É ser mãe.

Ainda não tive problemas por ser mãe solteira. Mas sei que posso vir a ter problemas por causa disso. Com tôda a certeza vou tê-los. Primeiro porque vivo numa sociedade que, afinal de contas, discrimina isso, acha errado, acha que uma môça que se entrega a um rapaz é leviana, ou não presta, ou tem a cabecinha maluca e não compreende êsse tipo de coisa. São poucas as pessoas que entendem isso. Então, vou sofrer discriminações. Por enquanto, não sofri nenhuma. Tenho encontrado, isso sim, apoio integral nas minhas relações e nas minhas amizades; um carinho, um interêsse em que eu faça o melhor. Sei que vou encontrar pela frente muitos rapazes que vão achar que sou uma môça "fácil". Mas isso é natural, eu compreendo que achem. Êles são tão idiotas, mas tão idiotas, que não entendem que o fato não é dormir, mas amar. Eu ainda não tive êsse problema, e quando tiver será um aborrecimentozinho, mas pra que vou ligar? O que interessa é o que eu sou, não o que êles acham. Isso é que é importante para mim — estar tranqüila comigo mesma, não com a humanidade, mas comigo e só. Com a humanidade a gente vê depois.

Vou dizer tudo a Marcela quando ela puder entender. Não há razão para que eu esconda nada dela. Seria um crime. Vou dizer tudo como foi. Não posso esconder nada. Por que iria fantasiar a coisa? Se estou sendo tão honesta, como seria desonesta com ela? O que uma criança não pode agüentar (e nenhum ser humano) é uma mentira forjada durante muito tempo e que depois ela descubra sòzinha a "dolorosa" verdade. Isso e que ninguém tem estrutura para agüentar. É claro que não vou dizer tudo quando ela estiver com seis anos. Nessa idade vou dizer: minha queridinha, seu papai não mora com sua mamãe, seu papai não gosta mais de sua mamãe e ela também não gosta mais dêle. A gente conta a verdade, mas de uma maneira suave. Quando ela puder entender, então direi tudo francamente. Não sei quando: ela pode ter 18 anos e não entender nada, e pode ter 15 e saber entender êsse tipo de problema. Muito pior eu ter seis anos e perceber que as relações entre meus pais não era a mesma de muitos pais que eu conhecia. Meu pai me disse que antes de eu nascer era tudo muito bom, que êle e minha mãe eram amigos, que compartilhavam a vida juntos — aí eu nasci. Mas meu pai nunca quis ter filhos e achava que êles não serviam para nada. A partir daí, êle e minha mãe tornaram-se frios um com o outro e depois êle passou a ter a vida dêle fora de casa. Mais tarde senti que êle não dava assistência para minha mãe nas mínimas coisas. Eu tinha uns amiguinhos, por exemplo, cujo pai chegava e dava um beijo na mãe, conversava e contava as coisas. Meu pai nunca fêz isso. Com minha filha, tudo depende do que ela vai ser. Por melhor que a eduque, será sempre a Marcela, ela própria. Eu nunca fui educada para uma coisa dessas, para ter um filho solteira. Então, o que acho básico na minha relação com Marcela vai ser a minha franqueza com ela, em tudo. Fui educada quatro anos em colégio de freiras, ia à missa e comungava todo dia, acreditava piamente em Deus, em tudo aquilo que me ensinaram e daí por diante. Minha mãe tem lá a religião dela. Meu pai não tem nenhuma. Eu também não. Me desencantei dessa coisa de religião por um detalhe insignificante, engraçado. Eu tinha 13 anos e ouvia falar muito em caridade cristã. Mas me ensinaram uma forma de caridade completamente deturpada, como se aquilo fôsse religião. No dia em que vi que tudo aquilo era falso, me desliguei. A caridade era dar dinheiro aos pobres, fazer roupinha de lã para as crianças que não tinham o que vestir, juntar dinheirinho para fazer rifas e comprar isto ou aquiio, e ao mesmo tempo maltratar uma criança porque a mãe tinha um amante. Tudo o que a menina fazia de errado lhe diziam: "ah, você é igual à sua mãe".

"Tenho como regra não deixar o mundo mandar em mim"



Eu não tenho problema nenhum de culpa. Fiz o que achava certo, dormi com o A. porque achava certo, me dei a êle porque gostava dêle. Não vejo possibilidade disso acontecer tão cedo, mas no dia em que amar outro homem, durmo com êle também. Essa coisa de pureza é muito vaga para mim. O que significa virgindade hoje em dia, quando se faz plastica e se recupera a "virgindade"? O que significa um simples detalhe físico? Nada. A pureza a gente tem na alma, não é uma coisa física. A gente é pura ou não por dentro. Há muita gente que faz uma série de libidinagens numa cama mas não perde a virgindade, porque é tabu. Mas o que é isso? Onde estamos? Dão importância a um detalhe rídiculo, que é apenas uma questão de anatomia. Mas isso ainda é da maior importância... para os outros. Há uma idéia tradicional que afirma ser importante a mulher casar virgem. Então o homem brasileiro não quer ser o último homem da mulher; êle quer ser o primeiro. Não se importa de casar com uma mulher virgem, que depois lhe passe um belo par de chifres. Mas eu não concordo. Acho que o importante na vida de um homem é ser o último na vida de uma mulher não o primeiro. Por que o primeiro?

Só 2% dos homens pensam como eu. Acho avançadas minhas idéias, mas vou procurar viver num meio onde entendam isso como eu, onde pensem da mesma maneira que eu, do contrário não conseguiria sobreviver. Seria tal o número de pressões que no fim eu ficaria sufocada. Gosto de gente aberta, gente franca. Detesto a hipocrisia, a desonestidade, a falsidade, os dramas mistificados, detesto os ódios profundos, eu odeio o ódio. A coisa mais bacana na vida é o amor. Vida sem êle é uma banana. Amor é o que há de mais lindo na vida da gente: amor-amizade, amor-materno, amor-paterno, amor-carinho, amor tudo. Me sinto muito feliz comigo mesma. E a felicidade vem de dentro para fora.

FIM

Um problema delicado

Ninguém sabe quantas mães solteiras existem no Brasil. Mas é certo que a esmagadora maioria delas não tem a segurança e o otimismo da môça que prestou depoimento nestas páginas. Dados de uma maternidade do Rio de Janeiro, a Pró-Matre, mostram que 25% dos partos atendidos são de mulheres solteiras. Dado mais grave é o relativo ao 1,5 milhão de abortos provocados anualmente no país: calcula-se que cerca de um têrço dêles é feito por mulheres não casadas. O problema é nacional, de delicada e difícil solução. A respeito dêle, assim opinaram autoridades ligadas ao assunto:

Dr. João Maurício Monis de Aragão, diretor geral da Pró-Matre do Rio: "Em geral, as mães solteiras vem acompanhadas pelas patroas. São môças do interior, que vieram buscar emprêgo nos grandes centros e terminam empregando-se como domésticas. E as patroas só as suportam até a hora do parto. A psicologia dessas môças pode ser descrita como um dramático perfil de insegurança. Quanto mais próxima a hora do parto, maior a responsabilidade que sentem e que não sabem como enfrentar. Saem da maternidade sem futuro, sem saberem o que fazer do filho sem pai."

D. Carmen Bulhões Pedreira, diretora da Casa da Mãe sem Lar, do Rio: "Recebo as môças quando atingem o sexto mês de gravidez do primeiro filho. As mães solteiras crônicas não me interessam. Minha preocupação básica é recuperação dos espíritos. Uma providência fundamental é não deixar que elas se separem dos filhos. E eu sempre lhes digo: "Seu filho não vai ser sempre criança. Um dia vai poder julgá-la. Trate de merecer um julgamento positivo. "É muito caro ser mãe solteira, embora hoje a sociedade já não apresente tantos preconceitos como há alguns anos. Nós mesmos empregamos as môças, publicando anúncios no jornal. As patroas assumem conosco dois compromissos: receber também a criança e antes de despedir a môça, esperar o tempo suficiente para que consigamos um outro emprêgo. Os resultados têm sido bons. Brasileiro tem bom coração. Pena que a Casa da Mãe sem Lar tenha apenas 12 leitos..."

D. Maria da Penha Silva Franco, diretora da Divisão de Assistência à Família, da Secretaria de Serviços Sociais da Guanabara: "O mais sério problema enfrentado pelas mães solteiras é o da insegurança. Quais as soluções do problema? Estão tôdas ligadas ao combate às causas: estrutura familiar deficiente, razões econômicas (môças ludibriadas por ofertas em dinheiro) e os preconceitos que levam a não se dar educação sexual às criança.

Hélio Pelegrino, psicanalista: "Elas são marcadas, estigmatizadas, em razão dos preconceitos sociais. Por isso, passam a envergonhar-se de si mesmas e se sentem **malditas.** E não há nada que destrua mais a auto-estima de um ser humano do que esta vivência de maldição e proscrição. A mãe solteira, com tôda a probabilidade, terá dificuldades em suas relações com o filho ilegítimo e não será surpreendente se ela desenvolver, em relação à criança, uma reação inconscientemente hostil. O filho, para ela, pode significar o intruso, o indesejado que se intrometeu em sua vida. Para vencer tudo isso, a mãe solteira precisa de compreensão, carinho, apoio. Só assim, ela e a criança poderão viver como sêres humanos normais.

O sorriso da criança traduz as alegrias que lhe desejamos neste Natal

UM AMIGO EM TÔDA PARTE

Banco da Lavoura DE MINAS GERAIS, S.A.

ESTA ÚLTIMA PÁGINA É DE DEBATE. AQUI, RESPONDENDO AOS LEITORES, PERSONALIDADES ENTRAM EM CHOQUE, DISCUTINDO PROBLEMAS NACIONAIS.

A MULHER DEVE SER VIRGEM AO CASAR?

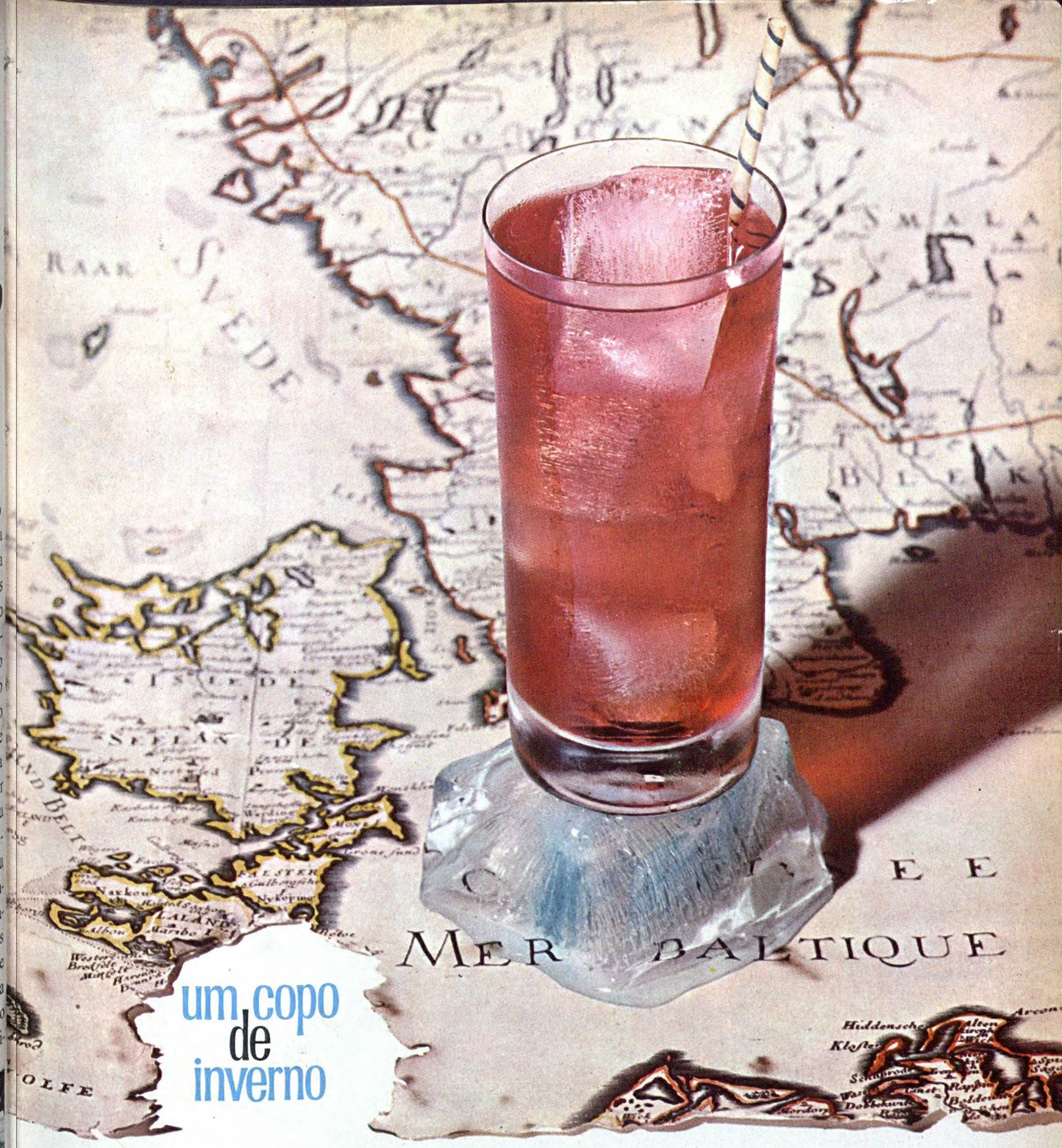
SIM Seria ideal para um homem que sua futura espôsa fôsse pura e virgem. A pureza no entanto, pode existir independente da virgindade. Há môças virgens que são levianas, fracas, sem escrúpulos, mas que conservam a virgindade como garantia de casamento. Há môças que por inexperiência, falta de vigilância, ou excesso de amor e confiança perderam a virgindade. E no entanto são môças dignas, sérias, excelentes para o casamento. Recebo cartas de rapazes desorientados que me perguntam se devem ou não se casar com a môça que confessou ter perdido a virgindade. E eu os aconselho a estudar a fôrça de seu caráter e a casar-se se chegarem à conclusão de que ela merece o seu amor. Acho que a môça deve se conservar virgem e pura, ilustrando o seu espírito e precavendo-se contra os aproveitadores que delas se utilizam apenas para seu prazer físico. A môça noiva deve se fazer respeitar pelo noivo, a namorada pelo namorado, a mulher pelo homem. Temos que examinar também o problema do preconceito que existe no Brasil, quer queiram quer não. Um rapaz pode afirmar que nada tem contra môças que não sejam virgens, mas êle próprio escolherá uma virgem para sua futura espôsa. Isto acontece de um modo geral, mas existem também os rapazes inteligentes que estudam o problema antes de tomar qualquer decisão, seja contra ou a favor das môças. Seria o ideal que assim fôsse, para a felicidade de muitas môças, que, apesar de não serem virgens, se tornaram, realmente, merecedoras de usufruir a maior felicidade do mundo.

Sarita Campos
Radialista

NÃO Mas o problema não é simples. A minha opinião e outras opiniões idênticas à minha em nada mudarão, neste momento, a sociedade brasileira ainda prêsa ao preconceito da virgindade. Em muitos e muitos países da Europa, e mesmo da América, a virgindade não tem a menor importância. Mas é preciso não nos esquecermos que até há pouco tempo, a mulher brasileira não tinha direito algum, tudo lhe era negado. Foi em tôrno de 1930 que começaram a aparecer mulheres lutando para ser alguma coisa, para, inclusive, ter o direito de voto. Depois, elas passaram — ainda tìmidamente — a freqüentar universidades, a trabalhar fora do lar, a ter novas responsabilidades. Mas tudo isso não lhes deu uma visão moderna da questão sexual. Aqui, a mulher brasileira ainda não se libertou. Na verdade, já há muita môça que se casa sem ser virgem. E não dão certo os casamentos de viúvas ou de desquitadas, êsses casamentos estranhos num país em que não há divórcio? Para essas môças é exigida a virgindade? Claro que não. Logo, a virgindade não deve ser requerida. Ainda há mais, e isso chega até a ser engraçado: um homem virgem (raro aliás) é olhado com desprêzo e nojo. Mas na mulher, a virgindade é obrigatória. Só mesmo numa sociedade como a nossa, ainda dominada pelos preconceitos, isso é compreensível. Digo compreensível, mas não admissível. O que um homem e uma mulher devem levar para o lar é a vontade de compreensão, entendimento, concessão. E para isso, é lógico, a virgindade é coisa que deixa de ser necessária.

Eneida
Escritora

Pergunta da leitora M. S. Carvalho — Rio — GB



Gelado! E beba devagar... mais devagar... assim.
Sinta gole a gole como é gostoso, delicioso, mais delicioso.
E é Royal. Agora... e a qualquer hora...

REFRÊSCO É ROYAL

Cereja, côco, geluva, morango, abacaxi, groselha

Linhas publicidade internacional

Em cada gôta de English Lavender que êle usar, êle lembrará de Você.

E cada frasco de English Lavender Atkinsons tem bem mais de 365 gôtas.

ATKINSONS DESEJA UM FELIZ ANO NÔVO PARA VOCÊ E PARA ÊLE.